

**ELIANA GÉA**

**FAMÍLIA  
E O  
EU DOS FILHOS:  
UMA PERSPECTIVA  
FENOMENOLÓGICA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ELIANA GÉA

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

G26f

Géa, Eliana.  
Família e o Eu dos filhos : uma perspectiva fenomenológica /  
Eliana Géa. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Carlos Alberto Vidal França.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Faculdade de Educação.

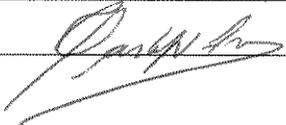
1. Família. 2. Pais e filhos. 3. Fenomenologia.  
4. Subjetividade. I. França, Carlos Alberto Vidal. II.  
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de  
Educação. III. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ELIANA GÉA**

Este exemplar corresponde à redação final  
da Tese de Doutorado, defendida por  
Eliana Géa e aprovada pela Comissão em

3 de dezembro de 1988



**FAMÍLIA E O EU DOS FILHOS:  
UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
1998**

9903635



Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR EM EDUCAÇÃO, na Área de Concentração em Psicologia Educacional, à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Vidal França.

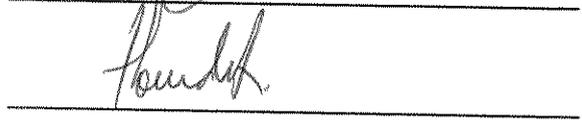
**Comissão Julgadora:**

  
\_\_\_\_\_

  
\_\_\_\_\_

James P. Maher.  
\_\_\_\_\_

  
\_\_\_\_\_

  
\_\_\_\_\_

## RESUMO

O tema pesquisado “Família e o Eu dos Filhos: uma Perspectiva Fenomenológica” fundamentou-se na fenomenologia de Edmund Husserl, caracterizada pela investigação da história do conhecimento, que propõe o retorno à origem das coisas e implica na descoberta de meios para a abordagem do fenômeno estudado. Partindo da respectiva descrição e interpretação visou mostrar e identificar como são explicitadas as estruturas do fenômeno.

A pesquisa pretendeu buscar, através dos depoimentos, as interrelações entre o Eu dos filhos e a família, na cidade do Rio de Janeiro. Assim, foram estudadas as respostas às questões que se seguem: 1) Que relações familiares foram coletados com maior frequência em relação ao Eu dos filhos? 2) Como se caracterizaram as imagens construídas pelos filhos no que se refere aos pais? 3) Que situações do contexto familiar podem ser inferidas que mais influenciaram no Eu dos filhos?

Nas relações familiares, os dados coletados sugeriram a predominância de situações envolvendo amor, dignidade, respeito, convivência familiar, sentimento de família, confiança, diálogo e outros elementos positivos. Assim, supõe-se que a família pode promover experiências capazes de permitir ao filho sentimentos de segurança emocional, adaptação a posições vitais diversas com um planejamento consciente de suas atividades futuras, que atuarão, de forma benéfica, na determinação do Eu do filho.

Por outro lado, os resultados da pesquisa parecem indicar que algumas situações familiares influenciaram no Eu dos filhos, como a separação dos pais, a morte de um dos pais, dificuldades financeiras diante do desemprego na família etc, criando um ambiente familiar estressante, que provavelmente afetou a caracterização do Eu dos filhos.

Ainda, pode-se supor que os pais não percebem que transmitem aos filhos suas vivências significativas, seus valores (culturais, morais, religiosos etc), suas expectativas de papéis, bem como nos depoimentos dos filhos é sugerida a probabilidade dos pais influenciarem nas atitudes e condutas dos filhos. Os filhos parecem descrever a imagem dos pais, como produto das experiências diretas com os mesmos.

## SUMMARY

The researched theme “ Family and the Ego of the Sons: a Phenomenologic Perspective” was fundamented in the phenomenology of Edmund Husserl, characterized by the investigation of the history of knowledge and its purpose was the return to the origin of things which implicates in the discovery of means for the approach of the studied phenomenon. Starting from the respective description and interpretation it aimed to show and identify how are explicited the phenomenon estructures.

The research intended to look for, through testimoniet, the interrelations between the Ego of the sons and the family in the city of Rio de Janeiro. In this way, were studied the answers to the following questions: 1) What familiar relations were registered whit more frequency in the sons Ego reports? 2) How were characterized the constructed images by the sons refering to the fathers? 3) What situations in the familiar context we can deduce had bigger influence in the Ego of the sons?

In the familiar relations, the colleted data suggested the predominance of situations involving love, dignity, respect, familiar intimacy, family sentiments, confidence, dialogue and other positive elements. So, one could assume that the family is able of promote experiences to permitting to the son emotional security feelings, adaptation to various vital positions with a conscientious planning of his future activities, that would act in benefic form in the determination of the son Ego.

On the other side, the research results seems to indicate that some of the familiar situations influence in the sons Ego, like the fathers separation, the death of one the fathers, financial difficulties regarding family unemployment etc, creating a stressing familiar environment, that probably affected the characterization of the sons Ego.

We also, can suppose that the fathers do not perceive they transmit to their sons their significative experiences, his values (cultural, moral, religious etc.), expectatives of rules, as well as in sons testimonies is suggested the probability of the fathers influencing in the son’s attitudes and conduct. The sons seem to describe the fathers image, as a product of their direct experience with them.

## ÍNDICE

RESUMO.....	p. 3
SUMMARY.....	p. 4
Capítulo I - INTRODUÇÃO.....	p. 7
. Justificativa.....	p. 7
. Situação Problema.....	p. 11
. Objetivo e Questões de Estudo.....	p. 18
Capítulo II - REVISÃO PRÉ- REFLEXIVA.....	p. 19
2.1. Conceito do Eu .....	p. 19
2.2. O Conceito de Família.....	p. 37
2.3. Modelos de Família.....	p. 42
2.4. Funções da Família.....	p. 46
2.5. A Abordagem Psicológica da Família.....	p. 48
2.6. Valores, Família e o Eu dos Filhos.....	p. 54
2.7. Família, Estado e Escola.....	p. 58
2.8. Família, Socialização e Identidade.....	p. 64
Capítulo III - A FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL.....	p. 71
3.1. Aspectos Fundamentais da Fenomenologia Segundo Husserl.....	p. 71
Capítulo IV - MOMENTOS METODOLÓGICOS.....	p. 81
4.1. Sujeitos da Pesquisa.....	p. 83
4.2. Instrumento para a Coleta dos Depoimentos.....	p. 84
4.3. Procedimentos para Análise e Interpretação dos Depoimentos na Pesquisa.....	p. 86
Capítulo V - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DEPOIMENTOS DOS ENTREVISTADOS.....	p. 91

Capítulo VI - CONCLUSÕES.....	p. 111
BIBLIOGRAFIA.....	p. 132
ANEXOS.....	p. 139
. Discurso das Famílias Coletado nos Depoimentos.....	p. 140

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

#### JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa pretende estudar a Família e o Eu dos Filhos em uma Perspectiva Fenomenológica.

Segundo a etimologia, a fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno. Como tudo o que aparece é fenômeno, sendo o mesmo polissêmico, isto é, deve ser abordado sob vários pontos de vista, o domínio da fenomenologia é praticamente ilimitado, não se podendo confiná-la como ciência específica.

Esta pesquisa fundamenta-se na fenomenologia de Edmund Husserl, que se caracteriza pela preocupação em apresentar uma descrição fiel da realidade. De acordo com sua posição, o fenômeno é simplesmente aquilo que se oferece ao olhar intelectual, à observação pura, consistindo em um estudo puramente descritivo dos fatos vivenciados pelo pensamento e conhecimento daquilo que é observado. Portanto, o fenômeno se mostra, como as coisas são consideradas tais como aparecem à consciência, sem deixar que pressupostos operem no ato de conhecer: o fenômeno é apenas situado.

Assim, a fenomenologia de Husserl é adequada para esta pesquisa, na qual a atitude fenomenológica da pesquisadora não recebe uma resposta do entrevistado, mas constitui um ponto de partida, isto é, um voltar-se para a ação humana e buscar seu significado no mundo, renunciando assim, a atitude de apenas constatar ou comprovar dados, mas buscando compreendê-los na totalidade da vida da pessoa estudada. Esta metodologia visa mostrar e identificar, como são explicitadas as estruturas do fenômeno analisado, isto é, o que é pensado pelos pais e respectivos filhos.

A literatura psicológica brasileira apresenta dificuldades para se encontrar um conhecimento sistematizado sobre as relações entre a Família e o Eu dos Filhos conforme uma Perspectiva Fenomenológica. No Brasil, através da observação assistemática, identifica-se reduzido número de investigações e de dados empíricos

levantados sobre o tema em estudo. A sociedade deve estar experimentando uma lacuna realmente frustrante, pela falta de informações precisas sobre o assunto de tanta importância na orientação pedagógica e no desenvolvimento do ser humano.

As dificuldades econômicas e sociais que assolam o país vêm provocando o desemprego e, às vezes, o desrespeito à dignidade humana, sem terem sido identificados objetivamente os efeitos desta situação na dinâmica familiar. As mudanças profundas na qualidade de vida de um imenso contingente de pessoas, diante da crise política e sócio-econômica que vêm se desencadeando, podem afetar o equilíbrio das relações entre os membros de uma família.

Os problemas sociais desequilibrando os projetos de vida e de ascensão social entre os membros de uma família mobilizam sentimentos como afeto, inveja, competição, conflitos e frustrações etc. Desse modo, as condições da família, sem dúvida, atuam sobre o Eu dos filhos.

O tema estudado, "Família e o Eu dos Filhos: uma Perspectiva Fenomenológica," provavelmente, acha-se presente sob formas diversas em todos os grupos sociais, transcendendo povos e credos, porque pais, filhos, descendentes e ascendentes, obrigatoriamente formam a sociedade humana.

Uma visão superficial do cotidiano das famílias brasileiras, que vivem sob o signo da pobreza ou não, sugere inevitavelmente, dificuldades entre os filhos. Diante dos problemas político-sociais, as famílias parecem padecer de múltiplas necessidades relativas, principalmente, à administração da educação e saúde de seus filhos.

A estrutura social do país é um dos elementos que ainda não conduziu a família brasileira a sua plenitude, deixando-a apenas com um somatório de necessidades, que alteram as relações intrafamiliares. Esse contexto vai gestando uma sociedade desigual, cujo impacto sobre a família pode repercutir seriamente sobre os filhos, o que ainda não tem sido avaliado.

A família parece uma ilustre desconhecida nas diretrizes e programas propostos pela política social brasileira, que ainda não se interessou suficientemente pelo problema. Os tempos incertos que atingem a sociedade brasileira refletem uma crise profunda, criando um cotidiano cheio de fadiga e desgaste extremamente estressantes para a família, bem como uma percepção de sua contínua desorientação.

Todos os fatores referidos e muitos outros levam a família a um modo particular de agir, estimulando uma cultura familiar peculiar, com seus códigos, regras, e formas de comunicação, surgindo um universo pessoal de significados que, provavelmente, se desencadeiam nas possíveis influências da Família sobre o Eu dos Filhos.

A família constitui-se como uma das mediadoras entre seus membros e a sociedade, não só interiorizando aspectos ideológicos dominantes, como projetando modelos de interações, criados e recriados na mesma, servindo como futuros modeladores do Eu dos filhos.

As mudanças rápidas ocorridas no mundo, em suas crises políticas e sócio-econômicas, que vem atingindo também o Brasil, comunicam transformações de valores básicos envolvidos pela vida social. Certos valores transmitidos pelas gerações parentais tornam-se inoperantes, como também, alguns podem ser reinterpretados pelas novas gerações. Entretanto, filhos transformam-se em portadores da história familiar, como seus ideais, atitudes, interesses etc, que vão participar no processo de construção da identidade do Eu dos filhos.

O homem como sujeito da história e seu protagonista organiza-se em classes sociais, criando seus meios de produção e reprodução ideológicas, ao mesmo tempo que produz e reproduz a si mesmo. A atividade humana realiza-se em determinado ambiente social, da mesma forma que a família como grupo constrói sua própria cultura. Assim, para conhecer a relação entre o Eu-outro e o Eu-mundo do filho é necessária a perspectiva histórico-social de sua família.

Os filhos situam-se nas relações sociais exploratórias e de atuação pessoal que se vão estabelecendo na mediação social, daí provavelmente, resultando sua formação da consciência social. Na família, essa consciência pode permitir ao filho reconhecer e/ou desconhecer seu mundo, introjetando-se ou não novas transformações e novos conhecimentos.

Portanto, a pesquisa justifica-se por contribuir para a compreensão das relações desenvolvidas entre as maneiras de pensar, sentir e agir de filhos e de determinados grupos familiares, na cidade do Rio de Janeiro. A partir das dimensões sócio-culturais, pode-se perceber como a sociabilidade vai se estabelecendo através da confluência de tradições e do processo de modernização, que envolve valores, relações

familiares, formas de solidariedade, organização do trabalho e da produção, assim como as próprias normas de convivência. Assim, o filho influenciado pelo contexto familiar, provavelmente, será modelado pelo mesmo, o que contribuirá para a construção da identidade do Eu, que se pretende estudar.

Objetiva-se coletar dados, buscando informações decorrentes de cada grupo familiar, atuante na construção da identidade dos filhos, como também, através do que os filhos percebem no espaço familiar, supondo-se uma conformidade ou não entre os valores, atitudes, etc, de ambos.

O levantamento de fontes bibliográficas com referência ao estudo da influência da Família sobre o Eu dos Filhos em uma Perspectiva Fenomenológica mostra-se escasso, apontando para a importância deste trabalho no sentido de oferecer subsídios para os pais e a formação, bem como, a atuação profissional de educadores, médicos, assistentes sociais etc. Os resultados alcançados oferecerão uma modesta contribuição para os profissionais nas tarefas educacionais, psicoterapeutas, psicossociais e de orientação aos familiares que vivenciam problemas semelhantes.

Esta pesquisa poderá não só se limitar a apontar dados relativos à opinião dos pesquisados, face à influência da Família sobre o Eu dos Filhos em uma Perspectiva Fenomenológica, mas oferecer sugestões para outros pesquisadores, criando condições para serem desenvolvidos estudos mais detalhados. Novas hipóteses permitirão a descoberta de aspectos que não foram explorados por esta investigação.

Portanto, justifica-se este estudo, porque as conclusões da pesquisa de campo certamente proporcionarão uma caracterização da imagem elaborada pelos pais e filhos, permitindo a comparação recíproca dos dados.

## SITUAÇÃO PROBLEMA

É possível que o Rio de Janeiro nunca tenha sido tão violento - invasão de morro pela polícia, tiroteios no meio da rua, tráfico de drogas, estupro etc. Nos meses de abril a junho de 1996, no Jornal "O Dia," Máiran (1996), referiu-se a dois colégios na Barra da Tijuca e um na Gávea, além de um ônibus escolar em Jacarepaguá, que foram alvos de bombas caseiras feitas com cloro e álcool. No fim do mês de junho do mencionado ano, seis alunos do Colégio Santa Mônica, na Barra, foram flagrados em suas mochilas com material para fazer bombas, pois haviam obtido informações para fabricá-las através da rede mundial de computadores - Internet, o que estimulou o comportamento destrutivo do jovem.

Em reportagem de Duarte e Cassorla, no Jornal "O Globo" (1996), é mencionado um estudo realizado com jovens entre 12-17 anos, que apresentavam comportamento desajustado e provenientes de famílias com grande proporção de separação entre pais, também evidenciando alcoolismo, envolvimento com a polícia ou com a justiça e outros fatores que impedem orientação adequada dos filhos pelos pais. Ainda, tais jovens demonstravam maior suscetibilidade a rejeição e menor capacidade de suportar frustrações.

Os fatos mencionados parecem supor a correlação entre as atitudes familiares e a emergência de comportamentos do filho, tais como carência afetiva, falta de atenção do ambiente onde vive, principalmente da família, podendo constituir-se como uma mensagem, sem retorno, ou um grito de socorro, que precisa ser ouvido, sugerindo a necessidade de um melhor inter-relacionamento na família.

Assim, a caracterização do problema a ser investigado envolverá o estudo da suposta influência da Família sobre o Eu dos Filhos; numa perspectiva fenomenológica, e, em contrapartida, as opiniões dos filhos relativas ao contexto familiar, na cidade do Rio de Janeiro.

Pode-se pressupor a atuação familiar com maior ou menor grau de intensidade como elemento formador de identidade ou como modelador do ambiente social. Desta maneira, surge a possibilidade de supor a maneira pela qual as relações são percebidas pelos filhos e de identificar pelo discurso as inter-relações familiares projetadas no Eu dos filhos.

Ao nascer, cada criança encontra um mundo já constituído de significados que se formaram e resultaram da expressividade dos outros, que o antecederam. Paulatinamente, a mesma vai assimilando esses significados, não de forma passiva, mas através de seus sentimentos e emoções utilizando seus próprios mecanismos emocionais, mesclados com os papéis e atitudes familiares, resultando de certa forma a identificação do Eu.

É a partir da infância que o filho se torna aos poucos, membro da sociedade em que está inserido. Esta primeira etapa do processo de socialização compreende, segundo Berger & Luckmann (1974), dois processos básicos ou sejam, a socialização primária e a secundária.

A socialização primária é aquela que ocorre na infância, em um contexto de fortes laços afetivos já que o meio social da criança pequena é, por excelência, a família. Através da identificação, são internalizadas as versões que os agentes socializadores, pais e outros familiares, lhe oferecem.

No processo de socialização primária, segundo Berger & Luckmann (1974),

*A criança identifica-se com os outros significativos por uma multiplicidade de modos emocionais. Qualquer que sejam, a interiorização só se realiza quando há identificação. A criança absorve os papéis e atitudes dos outros significativos, isto é, interioriza-os, tornando-os seus.*

A localização do indivíduo na estrutura social e as idiossincrasias dos “outros significativos” através das identificações, conduzem à formação da personalidade. Neste contexto, o filho faz sua interpretação da sociedade em que vive e de si próprio. Berger & Luckmann (1974) acentuam que, por estas características e outras tantas, o que o filho internaliza durante a socialização primária dificilmente pode ser erradicado. O mundo internalizado durante a socialização primária é muito mais persistente e resistente à erradicação do que aquele internalizado em socializações posteriores, que constituem a socialização secundária. Isto é, pois, de frágil identificação e suscetível de ser erradicada, porque não envolve alto grau de identificação.

Assim, mais tarde, Nicolaci da Costa (1985) reinterpreta os dois conceitos de Berger & Luckmann (1974), procurando expandir alguns pontos e redefinir outros. Para a citada autora, durante a socialização primária, o filho internaliza uma certa inserção no social, bem como estrutura o mesmo e tal como os adultos que o rodeiam, ele se insere nesta estrutura e a reproduz. O filho internaliza, dentre outros processos, uma versão de identidades e papéis sexuais, existentes na constituição familiar, dentre as várias formas culturais de tratar com a família e com a educação a que é submetido ( autoritária, liberal etc).

Entretanto, enquanto, para Berger & Luckmann (1974) o sistema simbólico internalizado durante a socialização primária define a inserção social do sujeito no presente, Nicolaci da Costa (1985) afirma que a criança define a sua inserção social no presente e no futuro. Conforme esta última, ao ser fornecido um guia para uma primeira inserção no social, a linguagem como sistema simbólico também gera no filho socializado expectativas ou representações de sua futura inserção na sociedade, fornecendo definições resistentes à erradicação dos papéis sociais que pode assumir na vida adulta.

Segundo a postulação da citada especialista, a identificação que o filho faz com seus primeiros agentes socializadores, que é a família, provavelmente no futuro a inserção social e os comportamentos desenvolvidos pelos filhos tendem a assemelhar-se, constituindo um dos pontos a ser investigado por esta pesquisa, que é estudar a influência da Família sobre o Eu dos Filhos.

Assim, se a família encontra dificuldades em formular suas expectativas acerca do papel de mãe e do papel de pai, a serem desempenhados numa sociedade que vem rapidamente se modernizando, surgem possivelmente situações de conflitos familiares, determinando provavelmente influências na conduta dos filhos, bem como podendo ocorrer a internalização de um determinado mapa - um conjunto de valores, de idéias, de identidades e de normas, que definem seu comportamento no presente e podem gerar expectativas quanto aos papéis sociais a serem assumidos quando adulto.

Os historiadores da família que utilizam a teoria da modernização, como Shorter, citado por Poster (1979), procuram correlacionar diretamente a mudança na família com os movimentos sociais em direção à modernidade, que é conceituada por muitos especialistas, como descontínua, não-linear e não-homogênea.

No atual contexto social, certas necessidades da economia capitalista provocaram mudanças na família, tornando-a principalmente uma unidade de consumo. A literatura vem realçando a influência da TV como um meio para isolar a família e até mesmo para afastarem seus membros, uns dos outros.

Atualmente, novas formas de família estão surgindo, como a mulher sustentando a casa e criando os seus filhos sem a presença do marido, bem como também o modelo familiar da mãe solteira e outros tipos de convivência, em que as crianças são criadas em residências separadas, ora com o pai, ora com a mãe e seus respectivos familiares. Desta forma, é enriquecida a oportunidade dos filhos selecionarem figuras para identificação em um vasto número de adultos.

O estudo de Bateson, citado por Poster (1979), indica também que a estrutura familiar não pode ser vista como um agrupamento de indivíduos distintos, mas como um conjunto de relações em que são profundamente enraizados os laços entre os membros do grupo paterno e do materno, porque suas relações são constituídas de padrões de mútua expectativa.

Assim, as transformações no âmbito familiar propiciam modelos de comportamentos, hábitos, costumes, valores, maneiras de expressar, de pensar, de agir e de reagir etc que oferecem as bases para a construção do Eu dos filhos.

Atualmente, na sociedade, a desigualdade, a injustiça e a violência atingem a família, levando precocemente os filhos a uma aprendizagem de situações emocionais conflituosas, de modo a vivenciarem emocionalmente relações humanas inadequadas para a faixa etária.

Lidz, citado por Poster (1979), afirma que a instabilidade sócio-econômica afeta a estabilidade dos indivíduos nas famílias e também reflete-se na sociedade, através do enfraquecimento da unidade familiar e das diretrizes éticas da cultura. O enfraquecimento de uma sociedade pode determinar uma significativa relação entre os efeitos da perturbação familiar e a construção do Eu dos filhos.

Ainda, o trabalho de Rainwater, focalizado por Poster (1979), afirma que a identidade do Ego pode servir a fins ideológicos e políticos na estabilização de uma sociedade, mas que a identidade internalizada pode se tornar também autodestruidora. No momento presente, o Brasil parece determinar mudanças quanto a condição da família, sua

evolução e prognósticos futuros. Pela observação assistemática, pode-se supor que a história e a trajetória de uma família originam problemas desencadeadores de transformações na construção do Eu dos filhos.

Por outro lado, a socialização desenvolvida pelas instituições sociais parece diluir os laços protetores da família, expondo as experiências pessoais do filho ao mundo social geral e possibilitando aos mesmos uma adaptação a novos papéis sociais. A questão das amizades, vizinhança, relações religiosas e outras manifestações culturais proporcionam um tipo diferente de relações sociais, que constituem um universo muito importante, a fim de ampliar os fundamentos para a compreensão da influência da Família sobre o Eu dos Filhos.

A conduta dos filhos e sua perspectiva para o futuro parece estar relacionada às origens e condições da história da família. As tensões e a heterogeneidade ocorrida e unificadas na trajetória das famílias parecem influenciar a formação da identidade do Eu dos filhos.

Na opinião de Velho (1981), a construção e a relação do Eu com a família conforme a posição filosófica grega, partem da premissa de que são algo natural, que se identificam e proporcionam a particularidade de cada indivíduo. Existe porém outra perspectiva ocidental, cuja idéia básica é a de que o *Self* do indivíduo é algo construído, logo não natural, sendo um produto elaborado pela sociedade e pela cultura.

Entretanto, a orientação mais freqüentemente adotada entre diversos estudiosos considera que a família é uma instituição fundamental no processo de socialização do Eu dos filhos, de algum modo construído, elaborado ou desenvolvido pela mesma. Tal construção do Eu parece ganhar espaço, desenvolver-se como potência, atualizar-se como uma estrutura social, onde a família desempenha um papel primordial.

Portanto, a pesquisa feita vai abrir caminho para reflexões, em torno do problema do vivido, disciplina as emoções e constitui um impensado a se estudar, diante da influência da Família sobre o Eu dos Filhos, cujo teor será investigado neste trabalho, na cidade do Rio de Janeiro.

Face à influência da família na formação do Ego, Berger & Luckmann (1974) focalizaram a formação da consciência do indivíduo, postulando que aquele identifica-se não somente com “os outros concretos” mas com uma “generalidade de

outros,” isto é, com uma sociedade. Somente em virtude da identificação com o grupo social é que o Eu alcança a estabilidade e continuidade. Desta forma, a construção do Eu do filho pode variar conforme a dinâmica familiar, com probabilidade de manter, modificar ou mesmo remodelar a identidade em formação, permitindo supor-se o Eu do filho derivado da dialética entre a família e sociedade.

Assim, a socialização realiza-se numa contínua interação segundo Mead (1934), mostrando nas fases iniciais da socialização em uma criança, toda ou qualquer atitude adotada sendo imitada dos “outros significativos”. Num sentido mais real, esses “outros” são o mundo social da criança, que começa a compreender, por exemplo, não ser somente sua mãe que fica aborrecida quando a mesma se suja, mas que isso é compartilhado por qualquer adulto significativo seu conhecido e, mais do que isso, pelo mundo dos adultos em geral, pois a criança passa a relacionar-se não apenas com determinados “outros significativos”, mas com qualquer “outro” adulto. Na fase inicial, a criança afirma para si mesma “Mamãe não quer que eu me suje” e depois, relacionando-se com qualquer “outro generalizado”, essa frase transforma-se em “A gente não se deve sujar”.

Na opinião de Husserl (1986), o “Eu” significa um entre “outros”, de modo que o Eu do filho parece se constituir do mundo e dos outros (amigos, vizinhos, escola, igreja, etc) e não se pode tratar do Eu do filho em si mesmo, antes ou separado da experiência do mundo. Em outras palavras, não existe nada que se mostre como um Eu isolado do mundo, sem contexto e sem horizonte.

Assim, conforme o citado autor, tudo quanto se passa com o filho, provavelmente, forma o contexto, a existência do mundo onde ele está. O mundo é um correlato necessário das pessoas, que está implicado em qualquer ato perceptivo. Da mesma maneira, tudo quanto é percebido ou afirmado coloca-se em função de um mundo, que também é percebido ou afirmado em relação ao filho, como o Eu, em função dos outros. Do mesmo modo que se afirma que cada indivíduo é sempre constituído por um mundo, pode-se supor que os filhos vão ser influenciados pela família, que é parte do mundo.

Portanto, pode-se inferir que a percepção do outro no ambiente é algo que se forma e não algo que emerge a posteriori, resultante da súbita descoberta no mundo. Husserl

tenta mostrar que existe primordialmente uma relação homem-mundo, que é a vivência do ser. Supõe-se, então, que o outro - Família influencia o Eu do Filho, elaborando sua identidade gradualmente.

Considerando-se a família através de sua experiência no mundo, de sua própria percepção como “ser-no-mundo,” enfim daquilo que acontece com seus membros no decorrer do tempo, é de se supor modificações na construção do Eu do filho.

A linguagem e a formação do filho parecem atuar diretamente em sua subjetividade. Se é possível entender o que o seu “outro” diz, responder ao mesmo e manter, assim, um diálogo, provavelmente, isto ocorre, porque o que o filho fala tem sentido para ele, ou seja, tem a ver com o que ele ouve e pensa. Desta maneira, é possível supor o que o filho é, e encontrar as representações descritivas da construção de seu Eu. O filho não é nunca só “si mesmo,” mas é constituído pelas suas relações com o mundo, especialmente por meio da dinâmica relacional com os outros ( amigos, vizinhos, igreja, escola etc) e com a família, que será um dos elementos enfocados por esta pesquisa.

Assim, pode-se inferir que a questão da percepção do outro pelo Eu do filho na construção da identidade permite destacar o problema do diálogo entre a família e os filhos. É “no” e “pelo” diálogo que as relações humanas parecem frutificar e transcender inclusive a elas mesmas, criando ou não frutos e favorecendo ou não a influência da Família sobre o Eu do Filho.

Face a sua continuidade, o diálogo familiar ao realizar-se influencia no filho a percepção do outro. Por outro lado, no filho, a relação “Eu-outro” e “Eu-mundo” ocorrem de forma aberta ao infinito, o que possibilita a investigação da Família e o Eu dos Filhos. Por meio da percepção do outro do filho - a família, supõe-se poder conhecê-lo e deduzir sua influência sobre o Eu do filho.

Ainda que não se negue a existência de um certo fascínio pelo assunto, na base das motivações desta pesquisa, é necessário ressaltar que o problema em estudo relaciona-se com a importância da família brasileira e sua significação para os estudiosos do assunto.

Portanto, a pesquisa levanta o problema da existência de prejuízos que a cultura impõe sobre a família, através das relações sociais, ou se a sociedade reflete a

identidade do Ego do filho, por meio de diferentes relações entre indivíduo-sociedade, ou especificamente a relação entre a Família e o Eu do Filho.

Assim, o problema considerado buscou a influência da Família sobre o Eu dos Filhos no âmbito de algumas famílias, na cidade do Rio de Janeiro, permitindo pressupor-se as crises sócio-econômicas, políticas e os problemas que podem ter atingido a vida cotidiana de cada um.

Portanto, foram estudadas as respostas às questões que se seguem:

1) Que relações familiares foram coletados com maior frequência em relação ao Eu dos filhos?

2) Como se caracterizaram as imagens construídas pelos filhos no que se refere aos pais?

3) Que situações do contexto familiar podem ser inferidas que mais influenciaram no Eu dos filhos?

Com as considerações e informações advindas dos dados coletados pela pesquisadora, sugeriram a possibilidade de serem identificados fatores psicossociais, atuantes nesta mútua influência entre família e filhos.

## CAPÍTULO II

### 2. REVISÃO PRÉ-REFLEXIVA

Existe na pesquisa psicológica, com base na Fenomenologia, o momento de fazer-se uma pré-reflexão sobre a temática em estudo. Este momento consiste na ida ao fenômeno enfocado pela pesquisa, segundo a perspectiva dos vários autores que fizeram suas teorizações a respeito do fenômeno que está sendo pesquisado.

Esta revisão teórica é uma maneira do pesquisador não ir de maneira ingênua ao desvelamento do fenômeno que se propõe a pesquisar.

Neste momento pré-reflexivo, o intuito é preparar-se para uma suspensão de juízos (epoché) durante a redução fenomenológica, para que se possa, então, fazer-se a reflexão sobre o fenômeno pesquisado (Família e o Eu dos Filhos) de maneira que ele possa mostrar-se tal como ele ocorre na experiência vivida das pessoas pesquisadas.

O importante é não “enquadrar” o fenômeno numa das pesquisas teóricas propostas pelos autores estudados e, ter consciência delas, suspendê-las por um momento, é uma maneira de ver o fenômeno tal como ele se mostra em sua essência para o pesquisador.

#### 2.1. CONCEITO DO EU

O Eu é o que a pessoa toma consciência em seus pensamentos, sentimentos e ações. É aquilo que constitui a individualidade, verificada pela fala e pelo modo como a pessoa se apresenta. Entretanto, não constitui somente uma percepção, um sentimento geral ou um sentimento puro, mas é simultaneamente tudo isso.

O Eu é percebido como formado por elementos interrelacionados com diversas características, destacando-se as correspondentes a suas relações com outros objetos e outras pessoas.

Como qualquer outra entidade duradoura no mundo da pessoa, o Eu tem uma história natural de desenvolvimento. Cresce a partir de seu início na consciência

infantil; desenvolve-se gradativamente e passa por mudanças, ora superficiais, ora drásticas; e pode até desintegrar-se sob tensão.

No estudo das teorias da personalidade, encontra-se uma grande variedade de abordagens, que atingem até ao grau de consideração dos conflitos das diferentes discussões encontradas com relação ao Conceito do Eu.

As teorias do Eu baseadas em valores não só se constituem como novas descobertas técnicas ou processos nas ciências sociais, mas também influenciam no aparecimento de movimentos sociais.

Nada mais rico e revelador decorre de uma teoria do Eu do que os conceitos, valores culturais ou escolas de pensamento contra os quais a mesma reage. Não só uma teoria se define em relação a pontos de referência conhecidos, quando rejeita uma dada posição, como também mostra, no estilo e modo de reação suas próprias hipóteses implícitas.

É possível estabelecer certas polaridades ou posições com o propósito de situar os teóricos em relação uns aos outros. Uma dessas oposições é a ênfase em teorias do Eu individuais ou sociais. É possível tomar como exemplo de ênfase no social a abordagem de Mead (1934), devido a sua definição essencialmente social do Eu, em termos de um “outro generalizado”.

O trabalho do referido autor, demonstrou nitidamente que a pessoa individual única é um complexo derivado de muitas outras, como postulou no seguinte:

*Particularmente, o que desejo acentuar é a preexistência temporal e lógica do processo social em relação ao indivíduo auto-consciente que surge dentro dele ... sua mente é a expressão, na sua própria conduta dessa situação social, esse processo de grande comunidade cooperativa que se desenrola ... O Eu é a resposta do organismo às atitudes dos outros; o Mim é o conjunto organizado de atitudes de outros que alguém assume por si próprio. (Mead, 1934, p. 75)*

Assim, o ser humano ao ouvir sua própria voz, percebe o Eu como um objeto para si próprio e também pode antecipar a resposta do outro ou assumir a atitude do outro. A reação do outro se torna parte essencial da experiência ou conduta, quando adota a atitude do outro e se torna parte importante do seu comportamento.

Para Holland (1979), Mead é famoso por sua tentativa de explicar a emergência do Eu humano. O Eu é criado e desenvolvido socialmente, por meio das capacidades do homem, tanto para interpretar gestos significativos como para desempenhá-los. A pessoa faz gestos continuamente (e mais tarde usa a linguagem) com a intenção de receber uma resposta do outro. Tentando provocar uma resposta do outro, inevitavelmente evoca essa resposta em si mesma, especialmente se está falando, pois pode ouvir a própria voz e dessa forma, assume na interação social a atitude do outro, ou adquire o papel do outro.

E ainda, para Mead (1934), a pessoa desempenha o papel, não de um “outro” em particular, mas do “outro generalizado,” internalizando as atitudes de seu grupo ou comunidade social e supõe que algo suficientemente consistente para ser chamado de atitude, poderia ser derivado dos relacionamentos freqüentemente conflitantes entre os vários grupos dos quais a pessoa é membro.

A preocupação primordial de Mead foi descrever o processo de criação de um ser pensante, social e moral:

*Aquilo que forma o Eu organizado é a organização das atitudes que são comuns ao grupo. Uma pessoa é uma personalidade porque pertence a uma comunidade, porque absorve as instituições dessa comunidade em sua própria conduta. Ela toma a língua da comunidade como um medium através do qual chega à sua personalidade, e então, por meio de um processo de desempenhar os diversos papéis que os outros propõem, chega à atitude dos membros da comunidade. Tal é num certo sentido a estrutura da personalidade do homem. ( 1934, p. 280)*

Pode-se ressaltar também que Mead (1934) divide o Eu em dois aspectos inseparáveis, porém distintos, o “Eu” e o “Mim”. O “Mim” vem da sociedade, representando as atitudes generalizadas da comunidade, do grupo, do processo social, despertados na interação, quando a pessoa absorve os papéis de outros. Essa internalização da estrutura social provê os meios perfeitos, para justificar a capacidade dos homens de se comportarem como sua comunidade quer que eles se comportem. Os homens absorvem as instituições de suas comunidades em sua própria conduta.

Holland (1979) assinala que Sullivan, influenciado por Mead adota a idéia de situações interpessoais em que o contexto do Eu emerge, como complexo derivado do outro generalizado.

Assim, em seu tema central da generalização científica, Sullivan descreve o desenvolvimento do que chama de “sistema do Eu,” afirmando que o mesmo nada mais é do que “o sistema em jogo na manutenção do sentimento de segurança interpessoal” (1955, p. 109). Nesse sistema em jogo, as reações não podem ser previstas nem controladas com segurança, o que significa que deve estar presente uma ansiedade insuportável, não-específica.

O sistema do Eu, para o citado especialista, constitui uma organização de experiência educacional, cuja existência é provocada pela necessidade de evitar ou minimizar incidentes de ansiedade.

Por outro lado, a posição de Sigmund Freud que desenvolveu a primeira teoria abrangente da personalidade, sua estrutura é composta de três grandes sistemas - Id, Ego, Superego. O comportamento humano para o referido psicanalista é quase sempre o resultado da interação desses três sistemas e raramente um sistema funciona isoladamente.

O Id é o sistema original da personalidade, é a matriz a partir da qual o Ego e o Superego se diferenciam, sendo então o reservatório da energia física, que põe em funcionamento os outros sistemas. Freud chamava o Id de a verdadeira realidade psíquica, porque representa o mundo interno da experiência subjetiva e não tem conhecimento da realidade objetiva.

O Ego para Freud existe porque as necessidades do organismo requerem transações apropriadas com o mundo objetivo da realidade. O Ego obedece ao princípio de realidade e opera por meio do processo secundário. O objetivo do princípio de realidade é

impedir a descarga da tensão até que seja encontrado o objeto apropriado para a satisfação da necessidade. O princípio de realidade suspende, temporariamente, o princípio do prazer do Id, porque este é satisfeito quando o objeto é encontrado e, assim, a tensão fica reduzida.

O terceiro e último sistema da personalidade a desenvolver-se para Freud é o Superego. Ele é o representante interno dos valores e ideais tradicionais da sociedade, transmitidos pelos pais e reforçados pelo sistema de recompensas e castigos impostos à criança. O Superego é a moral da personalidade

Robert White (1963), um psicólogo de Harvard, sugeriu que o Ego tem não somente uma energia própria, intrínseca, como também busca satisfações próprias, independentes do Id ou das gratificações instintivas, como pretendia S. Freud. Estas satisfações autônomas do Ego estão, por exemplo, na exploração, na manipulação e no desempenho eficaz de tarefas.

Uma versão ainda mais radical da psicologia do Ego foi concebida por Ronald Fairbairn (1952), um psicanalista britânico que acreditava estar o Ego presente no nascimento, possuindo a sua estrutura dinâmica própria, fonte de sua própria energia. Na verdade, para este especialista, existe apenas o Ego, não há Id. As principais funções do Ego são as de buscar, encontrar e estabelecer relações com objetos do mundo externo.

As funções acima referidas podem ser observadas em recém-nascidos, como o demonstram as observações de Melanie Klein (1955) e de seus colaboradores. Se não há Id para entrar em conflito com o Ego, então qual seria a fonte de conflito, de acordo com essa teoria das relações objetais? Os conflitos surgem de experiências díspares que as pessoas estabelecem com os objetos. As interações entre um bebê e sua mãe são por vezes satisfatórias e por vezes frustradoras. Por isso, a criança desenvolve sentimentos conflitivos ou ambivalentes em relação a sua mãe. A ambivalência marca muitas das relações com os objetos do mundo.

Quanto à teoria psicanalítica de Lacan, verifica-se o estudo da fase do espelho, como uma etapa necessária do desenvolvimento do indivíduo. Por intermédio da sua imagem refletida no espelho, a criança alcança a primeira noção da sua individualidade e localização espacial. Confrontada sua imagem no espelho, a criança depara-se com o problema de identificação de si ligado ao de reconhecimento da realidade. Evolui para a

idéia de si como objeto, com limite e movimentos próprios, distinto dos demais, além de habilitar-se para distinguir entre o que é imagem e o que é real. Por outro lado, a imagem se relaciona também com a ilusão. Como não há garantia sobre a verdade da imagem, está aberto o caminho para o imaginário. O registro do imaginário é uma rede de fenômenos da ilusão e é também correlato expressivo do desejo.

Para o referido autor, superar a fixidez da própria imagem é indispensável para o desenvolvimento do sujeito e de sua disponibilidade para o conhecimento do outro. A imagem deixa de ser um reflexo unilinear e unívoco de um objeto material, para ser retomada, assimilada e relacionada a um complexo maior, a uma rede de imagens. Esta etapa do espelho, além de ser etapa imprescindível para o desenvolvimento do sujeito, prolonga seus efeitos nas etapas posteriores. O que se aprendeu ou se adquiriu naquela fase, sofre um processo de maturação e alteração, mas não se perde.

A criança diante do espelho unifica imagens difusas e dispersas de si mesma, vê-se como um organismo, como um todo, na forma como pode também ser vista por um outro, que no caso é ela mesma. Vê-se pois simultaneamente como um e como outro. O primeiro efeito da imagem é uma espécie indispensável de alienação e esta exteriorização da interioridade é a base de todo relacionamento social. A imagem e a linguagem são as matrizes simbólicas constitutivas da identidade/alteridade do sujeito. Por isso, Bertrand, (1987, p. 112) afirmou

*... o espelho, isto é, este momento da primeira relação com o outro, representa uma fase privilegiada na medida em que tem um valor exemplar para toda a seqüência de um desenvolvimento: não é um estágio destinado a ser superado, mas uma configuração insuperável.*

Segundo o referido autor, o Eu passa a existir a partir de uma forma imaginária e alienada, através da fase especular, ganhando mais tarde suas características mais distintamente humanas, na medida em que evolui para a categoria simbólica de existência. O Eu imaginário nunca é completamente abandonado, permanecendo como

uma espécie de influência sobre o Eu simbólico. Por essa razão, a autoconsciência ou os conceitos de Eu não podem ser reduzidos a “atitudes em relação ao Eu” (Bertrand, 1987).

A teoria psicanalítica e estudos influenciados pela mesma colocam como necessário e inevitável a relação mãe-filho. Para Chodorow (1990) existe nessa posição uma confusão à inevitabilidade da “maternação”, exclusiva da mãe biológica e pela necessidade constante de cuidado, seja pela mãe ou seja por outras pessoas e

*... os esforços para satisfazer essa necessidade desempenham papel fundamental no desenvolvimento de qualquer pessoa e na constituição final da psique. ... As crianças precisam de amparo e contato de uma pessoa que esteja emocionalmente ali, e não apenas alimento e limpeza - como e porque uma necessidade é satisfeita, é tão importante quanto de quem ela seja satisfeita.*

(1990, p. 90)

Desta forma, percebe-se que o desenvolvimento do Eu é relacional.

Normalmente, a primeira figura de apego de uma criança é a mãe. Porém, existe uma diferença entre apego e dependência. Uma criança é dependente de quem lhe fornece cuidados, mas o apego se dá em resposta às pessoas que proporcionam os cuidados, embora nem sempre seja desta forma. Chodorow (1990) refere que as crianças dos Kibutz recebem a maior parte dos cuidados de suas babás, mas são mais apegadas aos seus parentes naturais. Isso ocorre porque, mesmo passando a maior parte do tempo com suas babás, não há interação individual com as mesmas. Portanto, as crianças se apegam às pessoas que desempenham um papel emocional importante em suas vidas, não sendo necessariamente a mãe.

A criança desenvolve seu senso do Eu principalmente com a mãe, pois é esta que, normalmente na sociedade, fornece a maior parte dos cuidados e possui o relacionamento mais significativo com a criança. Com a continuidade desse relacionamento “a criança começa a definir aspectos do seu Eu (afetiva e estruturalmente) em relação com as representações internalizadas de aspectos de sua mãe e a qualidade percebida do seu cuidado”. (Chodorow, 1990, p. 106)

Em relação à teoria de Erikson, (1976, p. 33), o desenvolvimento da personalidade, centrada no conceito freudiano de “Ego”, poderia constituir a chamada “Egoteoria do Eu” que funciona em três níveis. Dessa maneira, o ser humano é sempre um organismo, um Ego e um membro de uma sociedade, que está envolvido em todos os três processos de organização, isto é, o processo somático, o processo do Ego e o processo da sociedade. O significado de um item que pode estar “localizado” num dos três processos é co-determinado por seu significado nos outros dois.

A infância, para Erikson, é vista como algo importante porque nesse estágio é iniciada a confiança básica da pessoa. No decorrer da vida, essa disposição básica se confronta com a experiência e, diante da experiência traumática, tende a regredir a uma padrão infantil de comportamento.

Considerando o desenvolvimento, em termos também sociais, Erikson apresentou oito estágios que juntos formam o “ciclo de vida”.

Nos primeiros estágios do desenvolvimento do Ego, para Erikson (1976), a família constitui uma das mais importantes condições estruturantes e formativas e o Ego seria o centro do Eu (Self), isto é, “um sentimento de individuação e identidade coerente, de ser ele mesmo, de ser bem recebido e de estar a caminho de se tornar o que os outros, em sua apreciação bondosa, julgam que somos” (p. 35). Nestas condições, o indivíduo desenvolve um sentimento de coerência e significado de si mesmo.

Assim, para o enunciado autor, o Eu não pode ser entendido se isolado dos outros e do mundo, pois a identidade depende diretamente da capacidade do indivíduo para integrar o Eu com outros, num todo coerente. Em cada uma das oito fases da vida, o Ego necessita organizar a sua experiência, tanto interna como externa, a fim de que o Eu estabeleça a sua continuidade.

Erikson (1976) considera as influências culturais e societárias, sendo que o seu maior interesse está na evolução do Ego, especialmente nas maneiras pelas quais a sociedade modela seu desenvolvimento. Em cada uma das oito idades do homem ocorrem crises que influenciam a formação do Ego e a maneira como são resolvidas determinam o curso do seu desenvolvimento. A crise I, confiança básica versus desconfiança básica, consiste na criação de confiança através do cuidado sensível pelas necessidades físicas e emocionais do bebê, sendo a base da identidade posterior. O relacionamento mãe-filho é

um determinante de grande importância no senso de confiança do bebê. Autonomia versus vergonha e dúvida, crise II, consiste no senso de confiança das crianças nas mães e no mundo, levando-as à compreensão do seu próprio senso do Eu, à percepção de que têm uma vontade, de modo a afirmar-se. No entanto, a compreensão de suas limitações, capacidades e de sua dependência continuada faz com que duvidem de sua aptidão para ser autônoma. O medo das crianças de perderem o autocontrole pode inibir a auto-expressão e fazê-las duvidar de si próprias, envergonhando-se e, conseqüentemente, sofrendo uma perda de auto-estima.

Assim, para Erikson (1976), na crise III, iniciativa versus culpa, o conflito básico para os pré-escolares é entre a iniciativa, que lhes permite planejar e executar atividades, e a culpa pelo que querem fazer. Este conflito consiste em uma clivagem entre a parte da personalidade da criança com o desejo de experimentar coisas novas e a parte que está se tornando adulta, envolvendo os motivos e ações da criança. Por conseguinte, na crise IV, produtividade versus inferioridade, as crianças não se contentam em brincar, procurando trabalho, obter reconhecimento por seus próprios esforços e tornarem-se produtivas. Este período é crucial para o desenvolvimento da auto-estima.

Na crise V, identidade versus confusão de papéis, os adolescentes com o advento da maturidade genital enfrentam a situação adulta iminente, começando a questionar os seus papéis na sociedade adulta. A tarefa mais importante da adolescência é responder a questão “Quem sou eu?”, podendo expressar sua confusão, agindo impulsivamente em ações mal pensadas ou regressando à meninice para evitar a resolução de conflitos.

Entretanto, na crise VI, intimidade versus isolamento, Erikson revela uma diferença interessante em relação à posição de Sullivan, que serve para enriquecer o conceito de identidade. A mesma refere-se a uma necessidade de intimidade que emerge durante a fase pré-adolescente e requer um relacionamento íntimo com alguém, levando à busca de um amigo íntimo, em cuja interação o jovem define sua própria auto-imagem. Assim, é enfatizado o estabelecimento de uma auto-imagem firme que, ao invés de ser um resultado das intimidades, torna-se um pré-requisito para a formação da identidade pessoal. Sem o autoconhecimento, como sejam, necessidades, vontades, gostos, atitudes, etc. um jovem é incapaz de admirar outro, nem é provável que encontre alguém que o admire.

Quanto à crise VII, generatividade versus estagnação, Erikson (1976) sugere que nesta é conseguido sentido de totalidade e a razão de ser, pois na generatividade é primordial a preocupação em estabelecer e orientar a geração seguinte. Além disso, aqueles que têm filhos, meramente porque isto deveria ser feito, podem se sentir oprimidos por um sentimento de estagnação. Por último, a crise VIII, integridade versus desesperança, refere-se à pessoa idosa que é capaz de acreditar que já passou por crises anteriores e as enfrentou com razoável sucesso, predominando o sentimento de integridade. Seu Ego e sua identidade passaram intactos.

A inclusão da adolescência como estágio de desenvolvimento em que emerge a identidade, Holland (1979, p. 46) considera como o conceito mais conhecido de Erikson. No final da adolescência, a identidade ou atinge integração, um arranjo psicossocial relativamente livre de conflito, ou permanece defeituosa e cheia de conflitos.

O tema central, na posição de Erikson (1976), é constituído pela integração ou não das características desenvolvidas em cada estágio, na organização da experiência do Ego individual. O desenvolvimento da personalidade é visto como um processo de “auto-realização e reconhecimento mútuo”, que dura toda a vida.

Portanto, uma das maiores contribuições de Erikson foi a introdução da interpretação social na evolução sexual, enriquecendo assim a teoria freudiana.

Quanto a colaboração de Allport (1966), centraliza-se no desenvolvimento individual, isto é, a vida do indivíduo é determinada pela busca do que ele denominou “*proprium*”; que inclui não só o corpo da pessoa, mas tudo aquilo que se pode denominar “meu”, tais como, vestimentas, objetos pessoais, enfim, todas as coisas que são sentidas com “calor e intimidade”.

O primeiro aspecto a ser ressaltado no trabalho de Allport refere-se às disposições inatas, isto é, os instintos e tendências como hereditariedade, constituindo a matéria-prima para o desenvolvimento da personalidade. Estas disposições possibilitam a sobrevivência e a unicidade do indivíduo.

Os fatores no desenvolvimento da personalidade, o citado psicólogo considera que decorrem da aprendizagem, modificando as disposições inatas e levando à formação de estruturas mais ou menos estáveis, dentre as quais, pode-se citar a consciência moral, o auto-conceito e uma organização hierárquica da personalidade.

Assim, personalidade, é um fenômeno que deve ser analisado tanto como um dado universal, quanto particular. Só existe o particular porque existe o geral e vice-versa, pois, ambos acham-se numa relação de dependência recíproca.

O desenvolvimento individual acontece no sentido de uma aquisição gradual das “funções do proprium” que, para Allport, são as seguintes:

a) O sentimento de um “Eu temporal”, desenvolvido durante toda a vida do indivíduo será a garantia da existência do seu auto-consciente. A criança, nos primeiros meses de vida, não tem consciência da separação entre o interior e o exterior, suas insatisfações físicas não são sentidas como pertencendo a ela própria, pois ainda não existe este sentimento.

b) Grande necessidade de preservar sua auto-estima, a partir do segundo ou terceiro ano de vida. Com isto, torna-se negativista, percebe o adulto como uma ameaça constante a sua integridade.

c) O Eu começa a ampliar-se com o início da socialização e a auto-imagem tende a apresentar seus primeiros indícios de aparecimento, aos quatro ou cinco anos.

d) A partir dos seis anos, a criança começa a adquirir regras morais em contato com grupos maiores, extra-familiares, por vezes conflitantes. Surge, com isto, um novo aspecto do Eu que é “o Eu como solucionador racional”. Até aos doze anos, a criança desenvolve o aspecto formal e reflexivo do pensamento, adquirindo, finalmente, a noção de Eu como pensador.

e) Na adolescência, surge uma preocupação constante com a auto-imagem. O adolescente experimenta várias máscaras, em busca daquela região íntima do seu Eu, “a busca do proprium”.

Durante toda a existência do indivíduo, ocorre a necessidade de reconciliação entre aquilo que considera “seu” e aquilo que considera “do outro”. O desenvolvimento evolui no sentido de diferenciar estes conceitos, harmonizando-os, em função da interdependência de um com o outro. Esta distinção é própria da constituição da personalidade individual, que em sua harmonia, garante a adaptação do indivíduo ao meio.

Portanto, para Allport cada estágio do desenvolvimento da personalidade caracteriza-se pela fusão de determinadas funções do “proprium”. Estas funções, tais como,

o “Eu corporal”, a “auto-identidade”, a “extensão do Ego” etc. são considerados motivos do “proprium”, isto é, fundem-se, durante o desenvolvimento, no sentido de estabelecer a nítida divisão entre o “interior” e o “exterior”.

Na abordagem de outro teórico como William James (1980), o Eu apresenta-se sob várias formas, como sejam: Eu material, Eu social, Eu espiritual, Eu puro e cada um delimita um objetivo determinado na vida, englobando desta maneira as várias atividades que o indivíduo exerce na sociedade ou o que, em última instância, o indivíduo é.

O Eu material ou empírico de cada um é seu corpo e tudo o que se possa considerar como parte do indivíduo como a roupa, os bens, a família, enfim aquilo que é considerado como “meu”, como afirma, James (1980, I, p. 291-292):

*... o self de um homem é a soma total de tudo o que ele pode chamar de seu, não apenas o seu corpo e suas forças psíquicas, mas suas roupas e sua casa, sua esposa e seus filhos .. sua reputação e seu trabalho... as contas bancárias. Todas essas coisas lhe dão as mesmas emoções. Se elas crescem ... se elas minguam e desaparecem, ele se sente deprimido - não necessariamente no mesmo grau por cada coisa, mas na maioria das vezes da mesma forma para todas.*

O Eu social, para James (1980), engloba os prestígios sociais, o reconhecimento que cada grupo ou pessoa possa ter de um dado indivíduo. Uma pessoa pode ter muitos ou poucos Eus sociais, consistentes ou inconsistentes, mas o que quer que seja, a mesma se identifica com cada uma deles na situação apropriada.

Como Eu espiritual entende-se as disposições íntimas do Eu, aquilo que cada um parece ser, isto é uma espécie de olhar reflexivo que na opinião de James (1980, I, p. 298), consiste naquilo dentro de nós que oferece o prazer ou a dor, como tais o agradável e o doloroso, é a fonte de esforço e atenção e o lugar do qual parecem emanar as ordens da vontade.

O “Eu puro” ou o sentido da identidade pessoal, para o citado psicólogo, James (1980), é o que caracteriza cada pessoa como indivíduo psicológico.

No pensamento não entra o julgamento de realidade, este pertence à esfera da objetivação. Pode-se perceber, claramente, a unidade do pensamento, quando William James refere-se à fusão de todos os Eus - espirituais, materiais, sociais, passados ou presentes, sentidos como pertencendo ao mesmo Eu presente. Os Eus passados e presentes, quando comparados, são os mesmos precisamente. Um sentido uniforme da existência corporal penetra em todos os Eus e isto é que fornece a unidade genérica.

Assim, cada fase da corrente da consciência transmite, ao estado seguinte, tudo o que é seu e assim sucessivamente. Portanto, o último “Eu” possui todos os outros Eus, segundo o citado psicólogo. O importante a ressaltar nessa teoria é a unidade da consciência, o que garante a individualidade psicológica. A síntese subjetiva já está contida no pensamento, no exato momento em que se apresenta à consciência. Nesta síntese, pressupõe-se a historicidade que constitui o dado atual da consciência.

William James afirma, ainda, que é preciso considerar a consciência em relação ao meio físico. As sensações físicas do corpo são sentidas durante todos os momentos da consciência, são precisamente aquelas sensações que são sentidas com calor e intimidade que interligam os Eus passados e os Eus presentes, numa continuidade ininterrupta.

O psicólogo Abraham Maslow (Holland, 1979), quando analisa o problema das categorias biológicas que fazem parte do ser humano, as tendências de auto-regulação produzirão resultados desejáveis e adiciona a isso a idéia de que existe um Ego real, que só precisa ser libertado, ou facilitado, pela não-interferência cultural ou social. Para o mesmo, o “Ego real” se atualiza, afirmando que, só existe nos bons espécimes e constitui toda espécie supracultural.

Maslow supõe que todas as pessoas estejam lutando, embora apenas umas poucas tenham sucesso, porque a maioria é prejudicada pela cultura, que não facilita a atualização, através da não-interferência e, de fato, a maior parte das culturas, em termos históricos, não atualiza o potencial humano.

Define o Eu, como a essência interior da pessoa, seus próprios gostos, valores e objetivos. Compreender a própria natureza interna e agir de acordo com ela é essencial para atualizar o Eu.

Maslow, ainda aborda a compreensão do Eu através do estudo daqueles indivíduos que se acham em maior harmonia com sua própria natureza, isto é, daqueles que fornecem os melhores exemplos de auto-expressão ou auto-atualização.

Existem semelhanças entre as idéias de Carl Rogers (Holland, 1979) e os de Abraham Maslow, mas para Rogers o Ego real positivo luta por atualização e pode ser ajudado nisso por certos tipos de relacionamentos interpessoais.

Rogers concentra-se em aspectos relativamente conscientes da comunicação, na relação e na possibilidade de entrar em contato com os sentimentos mais profundos, organicistas, de uma pessoa.

O Eu na teoria de Rogers é o padrão organizado de percepções, sentimentos, atitudes e valores que o indivíduo acredita ser exclusivamente seu. É o conjunto de características que definem o “Eu” e o “Mim”.

Assim, o Eu é o componente central da experiência total do indivíduo. Um importante conceito adicional na teoria de Rogers é o Eu ideal, que é a pessoa tal como gostaria de ser. Considera que o indivíduo bem ajustado é aquele que possui uma correspondência muito estreita entre o Eu e o Eu ideal.

Por sua vez, a posição de Laing distingue cuidadosamente entre Eu interior e Eu verdadeiro em que o Eu interior pode ser fantasiado e portanto não ser verdadeiro. Os estados internos não têm privilégios em relação aos externos e o Eu verdadeiro depende, para seu sustento, de relacionamentos dialéticos com outras pessoas. Entretanto, o Eu falso é aquele que opera para preservar o Eu interior de encontros insuportáveis com a realidade, como no caso de um falso Eu histericamente feliz, que obscurece a infelicidade do Eu interior.

Para Laing (Holland, 1979), poder-se-ia argumentar que o Eu verdadeiro não é a mesma coisa que o Eu original e que se pode atribuir ao Eu verdadeiro uma interpretação um pouco mais social e política. Isso é fato, pois se poderia dizer que o Eu verdadeiro é simplesmente um termo relativo que se refere à possibilidade de, em qualquer momento determinado, uma pessoa poder, especialmente com o auxílio de um terapeuta ou

outra pessoa com quem mantém um relacionamento dialético, transcender uma ou mais contradições do comportamento ou da experiência. Isso quer dizer que o Eu interior pode, por exemplo, retomar uma projeção que sustenta parte de um sistema de Eu falso e que age como uma barreira à comunicação e aos relacionamentos não-contraditórios.

No Eu falso, segundo Laing, por definição, nunca se pode conseguir esse mérito, pois suas metas e fantasias são impossíveis de satisfazer, suas comunicações são sempre enviesadas e enganadoras, suas ações sempre secretamente movidas pelo Eu interior que, por necessidade de um Eu falso, demonstra que está dividido. O Eu falso só pode multiplicar suas contradições, o Eu verdadeiro transcendeu pelo menos uma e, usando seus recursos “originais”, tem uma tendência à integração.

No ponto de vista da Psicologia da Gestalt, um dos problemas que a mesma teve para a recolocação da questão do Ego, foi que a Psicologia tradicional achou por bem eliminá-la do contexto psicológico, por achá-la subjetiva e por vê-la mais sob o ponto de vista filosófico. A tentativa da Gestalt é mostrar o Ego como uma unidade organizada no tempo e no espaço, como também um dos objetos integradores da personalidade.

Para se entender a perspectiva gestaltista sobre o Ego, é preciso entendê-lo à luz das leis de organização desta escola. O ponto de partida é encarar o Ego como um objeto do campo e que, como todo objeto, apresenta-se segregado dos outros objetos deste campo em referência, observando-se uma ligação estreita entre o Ego e o corpo, embora estas fronteiras, que limitam o Ego, vão propriamente muito além do próprio corpo como simples estrutura física. Apresentando grande variabilidade, estes parâmetros dependerão, do acordo com a situação e as pessoas em causa.

Köhler e Koffka porém, partem da localização espacial no campo comportamental. O Ego é aquela unidade do meio comportamental exatamente referida a posições espaciais, de modo que há sempre “um atrás”, “um defronte”, “os lados”, isto é, características espaciais. Koffka afirma que esse objeto é, pois, funcionalmente diferente de todos os outros, na medida em que determina aspectos fundamentais do espaço (1975, p.333-334).

Outro ponto para a delimitação do Ego é que, como os outros objetos do campo, ele também precisa de um padrão de estimulação não-homogêneo. No exemplo citado por Koffka, percebe-se a possibilidade do desaparecimento temporário do Ego

quando o campo é inteiramente homogêneo e que o seu reaparecimento obedece às leis isomórficas, ou seja, ocorre paralelamente nos campos fenomenal e fisiológico.

Conclui-se pois, serem as forças de organização sensorial importantes para a segregação da unidade do Ego. Face ao campo de estimulação não-homogêneo, a partir da “lei da semelhança”, no entender de Koffka, ocorre a segregação do Ego, na medida em que processos semelhantes juntam-se para formar uma unidade coesa. São estas mesmas forças de segregação, aquelas capazes de explicar quais fenômenos em certos momentos pertencem ou não ao Ego. O Ego funciona como objeto segregado no campo, mantendo relação estreita com os outros objetos deste campo.

Outras experiências supostamente pertencentes ao Ego seriam prazer, dor, emoções, necessidades, desejos, anseios e pensamentos. Em geral, toda a justificativa de ligá-las ao Ego está sob a tutela da subjetividade que Koffka pretende descartar.

Em Koffka, a emoção não é um atributo do sujeito ou mesmo do seu Ego, mas apenas um atributo do campo, podendo pertencer a qualquer unidade comportamental presente neste campo, inclusive no Ego. Como exemplo, quando alguém olha um quadro e identifica angústia na expressão facial das personagens pintadas, não significa que este atribui sua própria angústia às personagens, mas dentro deste campo comportamental, a pessoa percebe a angústia.

Koffka, ainda adverte serem as emoções e pensamentos experiências que desaparecem, após terem acontecido, mesmo deixando sinais de presença no organismo.

Já o mesmo não ocorre com as necessidades, que funcionam como um sistema de “tensão” permanente, tendo seu término na medida em que é resolvido. Este término é temporário e volta a reativar-se sob a forma de tensão. São estas tensões que levam o Ego a dinamizar. O Ego em atividade suprime as tensões causadas pelas necessidades.

As forças de tensão são de segregação da unidade-Ego. Esta tensão apresenta-se como várias forças opostas umas as outras em todas as direções do campo em que se encontra.

Para Edmund Husserl (1989) o Eu constitui-se do mundo e dos outros e por impossibilidade ontológica, não se pode falar no Eu em si mesmo, antes ou separado da experiência do mundo. Em outras palavras, não existe nada que se apresente ao sujeito

como um Eu isolado do mundo, sem contexto, sem um horizonte, que se mostra como estando fora dele e no qual se percebe como sendo si mesmo. Situando-se na consciência transcendental, que é o campo próprio da fenomenologia, o Eu é o Ego transcendental que, segundo Husserl, se apreende como tendo diante de si um mundo e se nota como sendo de si mesmo. Deste modo, o Ego transcendental é a essência do Eu concreto.

No que tange ao problema do outro, do ponto de vista fenomenológico para o referido autor, este existe e se mostra como tal. O que importa é saber como se dá, como é percebido e o que é enquanto pólo de apreensões intencionais.

No entanto, para Husserl, a constituição do outro na percepção, a compreensão do que é o outro e de como se tem acesso ao mesmo, coloca um problema novo que a percepção do mundo não coloca. Assim, o fato de que o outro não é simplesmente um objeto de conhecimento como outro qualquer, mas um “outro sujeito fonte de atividades,” de intencionalidades como Eu, a fenomenologia propõe apreender o outro tal como se mostra, sem reducionismo e ainda, tentará descrever tal como se constitui na percepção, portanto, precisamente como outro sujeito, porque o ser humano é um ser no mundo com os outros.

Quando é pronunciado Eu, o que se pretende afirmar para Husserl? Evidencia-se então, a intenção de anunciar: é aquele que está aqui e não o outro. A simples percepção ou colocação do Eu envolve a percepção e a afirmação do outro. O outro é o não-Eu, aquele que está lá, fora de mim, mas que é análogo a mim. A identidade implica a alteridade.

É por antagonismo que vejo-me como Eu-mesma, tanto quanto percebo o outro por oposição a mim mesma. De certo modo, é porque há o outro que Eu sou Eu. Da mesma maneira que tudo quanto percebo ou afirmo coloca-se em função de um mundo, tudo quanto percebo ou afirmo de mim mesma como Eu é colocado em função dos outros. Do mesmo modo que é dito que o sujeito é sempre constituído por um mundo, pode-se dizer, que cada um é sempre constituído pelos outros.

A percepção do outro é algo que se constitui e não alguma coisa que acontece a posteriori da descoberta de estar no mundo. Como afirma Husserl, o Eu, significa um entre outros. O outro constitui perante os outros como um Eu que não sou Eu.

Trata-se de um Eu, não-Eu e um outro. Assim, mostra-se também como um Eu, mas como um outro-Eu, isto é, um *alter-ego* (o outro).

Através dos diversos teóricos, pode-se concluir que o objeto desempenha papel importante no desenvolvimento pessoal, uma vez que o indivíduo cresce e se desenvolve sempre em relação ao outro. Inicialmente, essa relação é caracterizada por uma extrema dependência em relação a esse outro, para progressivamente, passar a uma relação de (inter) dependência relativa e madura com outros.

Os pais e outras pessoas auxiliam a moldar, na criança, o desenvolvimento da estrutura do Eu, indicando o que deve ou não fazer, o que deve ou não ser. Prêmios e castigos auxiliam a acentuação da diferença entre os aspectos desejáveis e indesejáveis do Eu.

O processo de formação da identidade, cujo resultado será o de um indivíduo único em sua totalidade, parece conjugar tanto fatores internos, que fazem parte das potencialidades próprias, quanto fatores externos, representados pelas influências ambientais humanas, que são assimiladas de outros e incorporados à personalidade, através das relações com pessoas que lhe são significativas.

Os limites do indivíduo podem ser, finalmente, visualizados, não apenas em termos de dimensão espacial (limites físicos) e de uma dimensão temporal (continuidade do ser) mas, sobretudo, em termos de uma dimensão relacional. É neste campo, que o indivíduo pode realizar uma diferenciação genuína, ou tornar-se reflexo das diferenciações de outros.

É nesta dimensão relacional dominante, mas não sufocante ou invasora, que se pode focalizar a diferenciação do indivíduo como pessoa, a qual transcende a integração de seus limites físicos (dimensão espacial), com sua continuidade de ser (dimensão temporal).

Tal alcance real de si mesmo só se realiza no âmbito relacional, dado que uma pessoa só começa a existir, quando tem alguém que exista com ela, mas o sentido do Eu sou ultrapassa a relação e se torna independente dela, condição para efetivas trocas, de dar e de receber, que auxiliam na formação do caráter maduro da interdependência entre pessoas.

Finalizando, pode-se inferir que a imagem de uma comunidade modelo, que é a inversão de uma sociedade desordenada e infeliz, leva esta mesma sociedade a se ver como um todo ( com todos os defeitos), ao mesmo tempo que vê o outro a partir de si mesma, ou seja, aquilo que não é, mas que poderia ser. Neste momento, este outro deixa de ser um estranho e a sociedade vê nascer dentro dela mesma o desejo de ser de outra forma e poderá então buscar (nas etapas posteriores) as condições de sua transformação. A imagem provocada pelo discurso modelar utópico está mais investida de desejo que de objetividade, e isto pode refletir-se numa dinâmica familiar.

## 2.2. CONCEITO DE FAMÍLIA

O tema família é sempre atual, aparentemente óbvio, mas profundamente complexo. A família nuclear urbana atravessa profundas mudanças sócio-econômicas, com as conseqüentes alterações nas atitudes e comportamentos dos seus membros.

Com o crescente individualismo que permeia em nossos dias, a família pode tender a se enfraquecer, cedendo lugar à autonomia, independência, liberdade e auto-satisfação. Nesse contexto, a família pode ser percebida como um obstáculo à obtenção da felicidade e satisfação pessoais. Entretanto, mudança não significa destruição. A família deve mudar e sobreviver, pois ainda é a melhor forma de se proporcionar vínculos afetivos básicos, subsistência econômica, socialização da criança e reprodução (Crosby, 1975, apud Jablonski, 1991, p.18)

Ao tratar-se de família torna-se necessário, inicialmente, examinar propriamente o conceito de família e algumas de suas definições. Assim, o termo família origina-se do latim *famulus*, que significa conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor. Entre os dependentes, encontram-se a esposa e os filhos. Dessa forma, a família greco-romana, por exemplo, compunha-se de um patriarca e seus *famulus*: esposa, filhos, servos livres e escravos. Como se pode observar, o significado original do termo família está longe de incluir as diferentes representações ou configurações que a família assume ao longo de uma perspectiva histórica e psicossocial. Às vezes, a família assume formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar.

Segundo o dicionário de Aurélio B. Holanda Ferreira (1975, p. 609), num sentido genérico, família significa:

1. pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos;
2. pessoas do mesmo sangue;
3. ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoção.

A família provoca polêmicas desde a sua conceituação. Para uns a família é a base da sociedade e através da mesma, pode-se promover uma vida social equilibrada, necessitando de preservação. Para outros, a instituição familiar deve ser combatida, pois é nociva, possibilita a formação de patologias e a dominação de crianças e mulheres. Entretanto, estando entre o indivíduo e a sociedade, a família nos fornece uma visão da sociedade e do mundo, influenciando-nos neste sentido, de forma positiva ou negativamente. É a primeira referência - "nós", sendo importante destacar, contudo, que a família não é algo biológico, mas uma instituição criada pelos homens, apresentando-se diferente em situações e tempos também diversos, para atender às necessidades sociais.

Para Poster ( 1979, p. 161-162),

*A família é o lugar onde se forma a estrutura psíquica e onde a experiência se caracteriza, em primeiro lugar, por padrões emocionais ... Além de ser o locus da estrutura psíquica, a família constitui um espaço social distinto na medida em que gera e consubstancia hierarquias de idade e sexo ...*

*A família é o espaço social onde gerações se defrontam mútua e diretamente, e onde os dois sexos definem suas relações de poder . ... Por outras palavras, o estudo da família fornece um excelente lugar para se aprender como a sociedade estrutura as determinações de idade e sexo.*

Já o grupo de pensadores da chamada Escola de Frankfurt (Bruschini, 1989, p. 3), outra vertente importante da Sociologia, também considera a família como agência socializadora e formadora da personalidade dos indivíduos mas, contrariando o

funcionalismo, critica o papel conservador e a dominação presentes neste grupo social. A família origina comportamentos de submissão, mas pode transformar-se também em opositora. Por outro lado, a família também assume a condição de uma espécie de repouso, quando é procurada pelo indivíduo que se encontra em desequilíbrio em outra instituição social. Contudo, ao mesmo tempo, é atingida internamente, pois os impulsos reprimidos pelo indivíduo no processo de socialização muitas vezes repercutem negativamente contra a família.

A família também pode ser pensada como agência de reprodução ideológica. É na vida cotidiana que surgem, transformam-se ou desaparecem idéias, atos e relações. É em casa, nos hábitos das pessoas ou de um grupo que se encontra a origem de seus pressupostos ideológicos. Para que haja reprodução social é preciso que inicialmente haja, através da socialização, reprodução dos homens particulares, o que sucede na vida cotidiana na qual já nascem inseridos.

É na antropologia que cabe a concepção da família como criação humana mutável e não natural. As coincidências entre os grupo conjugais, rede de parentesco, unidade doméstica/residencial, mostram-se diferenciadas em outras sociedades e momentos históricos. Em torno de uma atividade de base biológica - a reprodução, a família diferencia-se.

A antropologia vem definindo família como um grupo de indivíduos organizados em núcleos de reprodução social e ligados por elos de sangue, adoção ou aliança socialmente reconhecidos. É um grupo de procriação e consumo onde se dá a divisão sexual do trabalho, que serve de indicativo para avaliação de grau de autonomia ou subordinação das mulheres.

Segundo Durham (1983, p. 16-17), é a Antropologia que nos revela que todas as sociedades organizam-se em torno de uma divisão sexual do trabalho. E a tendência de atribuir-se aos homens a vida social ou pública e às mulheres a vida doméstica ou privada parece ser universal.

Do ponto de vista antropológico, pode-se observar algum consenso em relação às sociedades de maneira geral, no que se refere à família: tabu do incesto, divisão do trabalho baseado no sexo e casamento como instituição socialmente reconhecida, oferecendo as bases da paternidade social.

Por meio dos levantamentos censitários, segundo Bruschini,

*... família é a convivência sob o mesmo teto, que implica em compartilhar despesa com o consumo de alimentos e bens duráveis. A unidade de enumeração é o próprio domicílio e a família é entendida como uma unidade de consumo, cujos elementos partilham uma caixa comum, um orçamento e um sistema de compras em conjunto. ( 1989, p. 9)*

Do ponto de vista psicológico, a família desempenha papel fundamental na teoria de Freud, no qual compreende a mente não como estrutura previamente dada mas construída na infância, destacando a participação da família na formação da personalidade e no estabelecimento de vínculos afetivos e emocionais.

Segundo Poster (1979, p. 22-24), para Freud a família é o “segredo do indivíduo,” o que leva a compreender o indivíduo a partir de suas relações familiares essenciais, mas inconscientes. Entretanto, Poster critica a sua concepção de família como instituição universal e necessária, reduzindo os processos complexos dos sistemas sociais ao significado psicológico, sem considerar o momento histórico do momento.

Reich (1977, p.108) considera a família como alicerce ou base da sociedade, mas tendo sua estrutura e dinâmica determinadas pela forma de produção. Teríamos assim, família de tipo matriarcal, patriarcal, poligâmica e monogâmica entre outras. A família triangular (pai, mãe e filho) só é a base da sociedade enquanto fundamento da existência do Estado autoritário. Neste caso, seu sentido caracteriza-se por três propriedades básicas: econômica, social e política. Sendo, neste caso, uma instituição de caráter autoritário, a família visa proteger a mulher e os filhos, que são privados dos direitos econômicos e sexuais.

Bruschini (1989), ao definir família, procura fundir o plano sócio-econômico ao cultural e ao psicológico, afirmando que a família é um conjunto de pessoas unidas por laços consangüíneos, parentescos ou dependência, que elaboram entre si relações de solidariedade e tensão, conflito e afeto. Não se trata de um grupo “harmonioso e sereno” direcionado para a satisfação de necessidades econômicas, mas de uma unidade formada

por indivíduos de idades, sexos e posições diversas, que experimentam um constante jogo de poder que se consolida na distribuição de direitos e deveres.

Também, conforme Bruschini (1989, p. 13), pode-se definir família como:

*... unidade de reprodução social - incluindo a reprodução biológica, a produção de valores de uso e o consumo, localizados em determinado ponto da estrutura social, definido a partir da inserção de seus provedores na produção. São definidos também como unidades de relações sociais, no interior das quais hábitos, valores e padrões de comportamento são transmitidos a seus novos membros, configurando assim unidades de reprodução ideológica. São espaços de convivência, nos quais se dá a troca de informações entre os membros e onde decisões coletivas a respeito do consumo, do lazer e de outros itens são tomadas. São também unidades nas quais os indivíduos maduros se socializam a cada momento, revendo e rediscutindo seus valores e seus comportamentos na dinâmica do cotidiano, em função das necessidades do grupo que se renovam a cada etapa da vida familiar, e também de acordo com as possibilidades oferecidas pela sociedade na qual o grupo se insere.*

*Mas a família é também um grupo social composto de indivíduos diferenciados por sexo e por idade, que se relacionam cotidianamente, gerando uma complexa e dinâmica trama de emoções: ela é um conjunto heterogêneo de seres com sua própria individualidade e personalidade. A sexualidade, a reprodução, a socialização são esferas potencialmente geradoras tanto de relações prazerosas quanto conflitivas. A divisão interna de papéis pode ser a expressão de importantes relações de domínio e submissão, na medida em que configura uma distribuição de privilégios, direitos e deveres dentro do grupo.*

### 2.3. MODELOS DE FAMÍLIA

Naturalmente, outras formas de família poderiam ser relatadas, mas em razão dos objetivos da pesquisa, circunscreve-se às que serão apresentadas a seguir.

A família nuclear é a mais comum em nossa cultura, embora possam ser constadas outros arranjos familiares. Chamamos *Família Nuclear* ao grupo formado freqüentemente por um homem, uma mulher e seus filhos, reconhecidos socialmente. A qualificação nuclear sugere que é a base sobre a qual a maioria das famílias são constituídas. Os membros do grupo familiar não precisam necessariamente conviver, desde que seus membros mantenham suas relações de parentescos da mesma forma que nem sempre há uma relação de parentesco entre pessoas que coabitam.

Levy e Fallers (apud Smith, 1990, p.303) sugerem que deve haver uma distinção entre família nuclear enquanto grupo concreto e as complexas relações de família nuclear. As complexas relações características da família nuclear consistem de relações entre marido e esposa, mãe e filho, mãe e filha, pai e filha, irmão e irmão, irmão e irmã, irmã e irmã consideradas como um sistema de interação de papéis familiares. Ao invés de afirmar que a família nuclear é universal, pode-se dizer que este complexo de relações de família nuclear é institucionalizado em todas as sociedades humanas, embora possa ser desempenhado por membros familiares diferentes em diversas famílias.

A família nuclear inclui-se num complexo familiar mais abrangente que é a *Família Extensa*, que se constitui, em nossa sociedade, dos avós, dos tios e tias, dos primos e primas, dos sobrinhos e sobrinhas paternos e maternos, em relação aos membros da família nuclear, sendo assim uma rede de parentesco bem mais ampla.

Nas sociedades ocidentais, o modelo básico de parentesco e ligações familiares provém de descendência física ou relacionamentos sexuais, sendo denominado de *Família Biológica* embora isto não seja encontrado em todas as sociedades. Nem sempre a descendência genética constitui relações sociais e a mais especial relação biológica ocorre entre mãe e filho.

Outro tipo de organização familiar é a *Família Composta*, formada pela fusão de famílias nucleares ou parte delas. Assim, um homem, suas três mulheres e seus respectivos filhos constituiriam uma família composta e, nesse caso, também uma família

poligâmica. Da mesma forma, viúvos ou divorciados com filhos de um casamento prévio também formam uma família composta, que não necessariamente constitui um grupo de residência comum.

Por outro lado, a *Família Agregada* é a família composta por dois ou mais parentes do mesmo sexo, seus cônjuges e a sua prole, que ocupam um mesmo lar e que juntos estão submetidos a uma mesma autoridade. Não se trata de uma mera agregação de famílias nucleares. Famílias agregadas nascem, existem e persistem porque desenvolvem atividades mais amplas do que um grupo de família nuclear.

Nas famílias agregadas, os mais jovens trazem seus cônjuges para sua casa, ao invés de mudarem para domicílios independentes. Como os casais mais jovens têm seus filhos, pode-se encontrar um número de células de famílias nucleares dentro da família agregada. Estes casais podem ter seus próprios quartos e facilidades para cozinhar. Se suas economias são independentes, então a família agregada encontra-se dividida, ainda que morando na mesma casa.

A família agregada pode encontrar-se tão coesa que essas possíveis famílias nucleares dificilmente aparecem; os homens podem compor um grupo solidário e as mulheres, um outro; as crianças podem dirigir-se a todas as mulheres da casa como suas mães. Eventualmente, como a família original cresce muito, a família agregada poderá se dividir ou algumas pessoas dela sairão para formar grupos separados.

A *Família Comunitária* origina-se da decisão dos indivíduos de viver em um grupo social auto-suficiente, visando educar coletivamente as crianças e integrar os mais necessitados, rompendo com o isolamento em que vive a família nuclear.

A formação da família comunitária pode estar motivada por fatores (ou eventos) políticos, religiosos e econômicos. As comunidades variam em sua composição e regras de vida. Em algumas, observa-se a monogamia na união de seus membros; em outras, há experiência de uniões livres ou monogâmicas sucessivas, inclusive entre pessoas do mesmo sexo. Em termos econômicos, ora cada indivíduo cuida da própria subsistência, ora dedica-se a atividades cooperativas.

A *família oriunda do casamento dito experimental* consiste na coabitação durante algum tempo antes do casamento propriamente dito.

A *família baseada na união livre* caracteriza-se pela intenção de recusar a formalização religiosa e a legalização civil, mesmo com a presença de filhos. A união livre pode ser considerada um casamento monogâmico cuja interpretação da continuidade diverge da forma tradicional: antes, a união por definição tinha como objetivo unir duas pessoas “para toda a vida” e só seria questionada em caso de desavenças ou conflitos graves, quando haveria o recurso do divórcio.

Neste novo tipo, a permanência da união livre estaria vinculada à duração de um afeto e interesse real e vivo entre o casal; ambos estariam preparados, ao menos materialmente, para terminar a relação que se tornou insatisfatória no decorrer do tempo.

A *Família Homossexual* consiste no fato de duas pessoas do mesmo sexo viverem juntas, como um casal, com crianças adotivas ou resultantes de uniões anteriores ou ainda, no caso de duas mulheres, com filhos por inseminação artificial.

Na sociedade brasileira, o modelo parece estar claramente definido: a família é o núcleo constituído pelo marido, mulher e seus filhos, que formam um grupo doméstico.

Entretanto, qualquer recenseamento de população revelará que há tantas exceções quanto os casos que obedecem ao modelo da família nuclear. Há casos em que o grupo doméstico é maior que a família nuclear por incluir outros parentes ou agregados de diferentes tipos. Há também os casos em que o grupo é menor que a família nuclear: irmãos solteiros sem pais, por exemplo, casais sem filhos. Há também, talvez o mais comum entre as famílias incompletas, as *Famílias Matriarcais*, ou seja, formadas pela mãe e filhos, nas quais a presença de um cônjuge-pai é transitória e instável. E, finalmente, são encontradas famílias que resultam da dissolução de casamentos anteriores, nas quais a relação do casal com seus próprios filhos, oriundos do casamento de um ou de ambos os cônjuges e a relação entre os diferentes filhos entre si originam arranjos variados.

Apesar da variedade de grupos familiares constatados empiricamente, essa divergência em relação ao modelo cultural não pode ser tomada como indício de sua inoperância, falência ou transformação. Segundo Durham (1983, p. 30-31), as regras culturais certamente modelam o comportamento, mas não podem determiná-lo de forma absoluta. Uma coisa é a regra; outra é a sua aplicação a casos específicos que não se enquadram perfeitamente no modelo.

Uma experiência interessante, que acreditamos servir para ilustrar que a contestação ao modelo nuclear vigente não significa necessariamente a sua negação, é a que ocorre com os meninos de rua, em geral. Muitos deles afastaram-se do lar por conflitos familiares diversos. Entretanto, nas ruas, reproduzem o modelo de organização familiar de suas famílias de origem, onde normalmente o menor mais velho assume o papel de pai e a menor mais velha assume o papel de mãe. Suas relações cotidianas procuram respeitar a hierarquia familiar constituída e os acontecimentos (felizes ou tristes) relativos a um dos membros do grupo, repercutem no grupo como um todo.

É importante realçar a obra de Sérvulo Figueira (1987), em que o autor analisa duas estruturas de família: a hierárquica e a igualitária.

Na família hierárquica, que hoje é percebida como tradicional, os membros que a compõem consideram-se intrinsecamente diferentes o que não ocorre na família igualitária e ainda, naquela a diferença expressa-se no tipo de roupa, linguagem, comportamento e até sentimentos considerados próprios ao sexo e à idade de cada um.

Também, na *Família Hierárquica*, o poder do homem é maior do que o da mulher e os filhos têm um status inferior nas decisões da família, porque os adultos são diferentes e/ou superiores às crianças. Os pais acham-se na posição de quem sabe mais e melhor do que os filhos, baseando-se na hierarquia dos papéis masculino e feminino dos pais, que são valores inquestionáveis e auto-evidentes. “ A identidade é, então, posicional: todos tendem a ser definidos a partir da sua posição, sexo e idade” ( Figueira, 1987, p. 16).

Por outro lado, Figueira (1987) coloca que internalizado o modelo hierárquico, o filho vai ampliando o seu universo no processo de socialização, emergindo outro modelo de família, fruto da aceleração e transformação da sociedade, sendo questionado e rejeitado o modelo anterior. O modelo de família hierárquica, já mesclado com outros ideais mais recentes de modelo de família igualitária, evoluirá como resultado da modernização.

Na *Família Igualitária*, conforme Figueira (1987), amenizam-se as fronteiras rigidamente estabelecidas entre categorias sociais, que são percebidas no modelo hierárquico como intrinsecamente diferentes. Esta família igualitária procura romper, dentre outros aspectos, com a hierarquia, a desigualdade e a diferença de privilégios entre marido, mulher, pais e filhos. “ A identidade é idiossincrática: homem e mulher se

percebem como diferentes pessoas e idiossincraticamente, mas como iguais porque são indivíduos” (p. 16).

Afinal, pode-se dizer que a família é uma instituição tão antiga quanto a espécie humana. A constante transformação da família através do tempo resulta de um incessante processo de evolução, pois, a forma da família modela-se às condições de vida que dominam num lugar e tempo devidos.

## 2.4. FUNÇÕES DA FAMÍLIA

A família, considerada como a célula mater da sociedade, pode desempenhar uma variedade de funções, atendendo às diferentes expectativas, tanto sociais quanto pessoais.

Entre as inúmeras funções da família, que correspondem a uma expectativa social, pode-se destacar a de identificação social dos membros da família, a de reprodução, a de produção de bens e de consumo destes, bem como a de troca afetiva. Entre as expectativas das pessoas que compõem o grupo familiar, são encontradas a de proteção, educação, socialização da nova geração e etc. Essas funções é que delimitam o grupo familiar e fazem dele o que ele é na sociedade atual.

A Reprodução é um fenômeno natural, presente em todos os seres vivos mas, nos seres humanos, ela possibilita a construção de vínculos familiares que, em princípio, mantêm-se através de todo o ciclo vital de seus componentes.

Assim, embora seja um mecanismo biológico, a reprodução determina conseqüências psicossociais, sendo o ponto de partida das demais funções da família, isto é, da identificação social, da socialização, da troca afetiva e da função econômica.

Segundo alguns estudiosos, a Identificação Social talvez seja a função mais importante da família. Afinal, ela é essencial à inserção social e determina o grupo familiar propriamente dito em oposição à família natural que trata simplesmente da reprodução dos indivíduos. A filiação é o aspecto fundamental e é mesmo indispensável aos documentos, identificadores do indivíduo, aos deveres, compromissos e privilégios.

A identidade social é tão relevante a ponto de, por exemplo, a identidade do pai refletir-se na do filho e a do filho na do pai, isto é, um não existe sem o outro.

Assim, pode-se afirmar que as identidades de maneira geral refletem a estrutura social, ao mesmo tempo que reagem sobre ela, mantendo-a ou transformando-a.

A família é um importante agente de identificação. É ela que fornece o nome, e designa a pessoa, pois o nome singulariza, e diferencia a cada um no meio de outras pessoas.

Quando uma criança vem ao mundo recebe um nome, mas desconhece as regras, os papéis ou os relacionamentos entre as pessoas. Durante a infância e a adolescência um conjunto de expectativas e princípios fundamentais da sociedade são transmitidos às crianças, através de processos denominados *Socialização*.

Socialização significa aquisição de aptidões e características que possibilitem uma convivência eficiente com outros membros da sociedade. A identificação social é o primeiro passo da socialização. Embora a socialização seja contínua, a maior parte dessas aptidões sociais são assimiladas na infância. É preciso aprender a se relacionar na família, a se comportar de forma adequada e esperada em relação aos parentes e aos demais; a brincar e trabalhar de maneira cooperativa; a compreender as sanções sociais, morais e legais relacionadas a diferentes comportamentos e a adquirir noções gerais dos sistemas políticos e econômicos, bem como habilidades motoras e intelectuais básicas.

A socialização não é algo que simplesmente ocorre na infância. A maior parte das atitudes, valores, crenças e habilidades parecem sofrer uma maturação psicológica que faz parte do processo de socialização. Como a socialização é um processo contínuo, ninguém é o que alguma vez foi ou irá ser.

Os principais agentes de socialização são os pais, os professores e os companheiros. Os pais, em especial, e a família, no geral, são os principais agentes de socialização. A socialização se dá em forma recíproca, isto é, os pais influenciam os filhos mas estes também são influenciados por aqueles. Além disso, enquanto sujeitos da história, a criança pode interferir na realidade social recriando seu processo de socialização.

É através da própria família que a criança se posiciona no mundo do adulto. É no meio familiar que aprende a canalizar seus afetos, avaliar e selecionar suas relações. Através da socialização, a família visa reproduzir-se a si própria em suas crenças, valores e atitudes que serão transmitidos por sua vez às novas gerações.

Concebida como elemento essencial da *Produção de Bens e Consumo*, a família assegura o funcionamento econômico e a transmissão dos patrimônios. Como rede de pessoas e conjunto de bens, é um patrimônio material e simbólico, herdado e transmitido. Com ou sem patrimônio, a família constitui um sistema econômico de gestão.

A família, portanto, tem entre suas funções a de fixar o status social de seus membros. Em qualquer grupo sócio-econômico, a família tem responsabilidade moral na inserção profissional das novas gerações.

A função de *Troca Afetiva* não é necessariamente suficiente para a manutenção da família. Contudo, amor e relacionamento interpessoal afetivo são valores destacados pela família moderna que privilegia a afetividade. Apesar da perda de algumas funções tradicionais, a família incorporou e passou a valorizar e privilegiar o papel do afeto no grupo familiar.

Contudo, pode-se observar algumas tentativas no sentido de aproveitar os progressos familiares, em especial a experiência da afetividade, vinculando-se aos progressos sociais. Residir em condomínios fechados onde são desenvolvidas atividades sociais, talvez seja uma busca de troca de afeto.

## 2.5. A ABORDAGEM PSICOLÓGICA DA FAMÍLIA

Conforme a teoria freudiana, a família desempenha papel fundamental. O princípio básico freudiano é o de que a estrutura da mente humana forma-se na infância. Freud mostrou que a mente não é algo previamente dado, mas uma estrutura construída na infância, através de um longo processo de formação da personalidade e de estabelecimento de vínculos afetivos e emocionais, que ocorre dentro da estrutura familiar.

A partir de Freud pode-se compreender a família como uma complexa teia de vínculos e de emoções, que se expressa simultaneamente através do ódio e do amor.

Na área de Psicologia, Reich (1977) enfatiza o aspecto de viveiro da repressão sexual e da educação autoritária na família monogâmica. Contrariando Freud, para o qual o recalçamento sexual é condição da evolução da cultura, Reich afirma que a repressão é um fator reacionário de grande importância, que atinge todas as categorias da sociedade de classes, produzindo em todos os indivíduos o receio da autoridade.

Segundo Reich, é na família que se fabricam ideologias autoritárias e estruturas conservadoras por isso, o casamento monogâmico, que se baseia em interesses econômicos, deve ser substituído por relações sexuais permanentes, fundadas no real interesse sexual, na atração e no afeto entre parceiros. Mas esta nova forma de relação, que viria substituir a família monogâmica, só poderia existir numa sociedade que assegurasse independência econômica para a mulher e educação para os filhos coberta pelo Estado.

Assim, enquanto Freud preocupou-se com as estruturas psíquicas dos personagens de um cenário familiar que não chegou a contestar, Reich questionou a própria existência da família nuclear e relacionou a repressão nela existente ao autoritarismo do sistema sócio-político.

O historiador Poster (1979) influenciado por Freud, mas buscando integrar as várias vertentes, lembra que o estudo da família deve remeter às questões sociais mais amplas, mas também à rica dinâmica emocional que se passa dentro desse grupo.

O referido especialista destaca a importante contribuição de Ariés, ao indicar que a história da família deve preocupar-se não apenas com as dimensões da família, mas também com as qualidades emocionais das relações familiares. Ariés deu a entender que a história da família pode ventilar questões sobre a vida íntima, o mundo privado e que talvez, mudanças na estrutura da família acarretam mudanças na estrutura emocional ou psíquica.

Para Rogers (1986, p. 44), na família tradicional a autoridade paterna é apoiada por sanções religiosas e legais, o que leva os membros familiares, desejosos de viver vidas independentes a fazê-lo secretamente. Por outro lado, na família normal atual, o controle parece unificado nas mãos dos pais, mas na prática isso não se evidencia. Já uma vida familiar com uma orientação centrada na pessoa possibilita a cada membro familiar liberdade para seguir uma direção de vida, fazer escolhas, engajar-se no trabalho ou em outras atividades.

Para Bateson (apud Calil, 1987, p. 19), a família poderia ser análoga a um sistema homeostático ou cibernético. Cada família desenvolve formas básicas, específicas de transações, ou seja, uma seqüência padronizada de comportamentos, de caráter repetitivo, que garantem a organização familiar e que permitem um mínimo de previsibilidade sobre a forma de agir de seus membros.

Segundo o citado especialista, considera-se que essas formas padronizadas e repetitivas de se comportar na família são governadas por regras, que não são na sua maioria verbalizadas, mas podem ser inferidas a partir da observação das qualidades das transações na família. Essas regras em parte são vinculadas aos valores da cultura, mas em grande medida se originam das vivências que o casal teve em suas respectivas famílias de origem.

A família (Bateson, apud Calil, 1987) pode então, ser vista como um sistema que se autogoverna através de regras, as quais definem o que é e o que não é permitido. Estabiliza-se, equilibra-se em torno de certas transações que são a concretização dessas regras. O sistema familiar oferece resistência a mudanças além de um certo limite, mantendo tanto quanto é possível, os seus padrões de interação - sua homeostasia. Existem padrões alternativos disponíveis dentro do sistema, mas qualquer desvio que vai além do seu limite de tolerância aciona mecanismos que restabelecem o padrão usual.

A essa concepção da família ser um sistema homeostático opôs-se a noção de coerência, elaborada por Dell (1982). Para esse autor, a família, como qualquer outro ser vivo, pode ser conceituada como uma entidade evolutiva capaz de transformações súbitas. Esses dois paradigmas de explicação do funcionamento da família, aparentemente contraditórios - um estático, mantendo o status quo familiar (homeostase) e outro evolutivo, que conduz a família a transformações em seus padrões de interação, sofreram no decorrer do tempo certa integração e hoje parecem ser aceitos como momentos alternantes do funcionamento do ciclo de vida familiar.

Ao lado da necessidade de se manter estável, a estrutura familiar precisa também adaptar-se a mudanças. O mecanismo que leva o sistema familiar à transformação de seus padrões de transação é denominado **feedback** positivo.

O conceito de transformação de Dell (1982) significa que o sistema deve mudar sua estrutura, e isso se faz possível através de **feedback** positivo isto porque, na manutenção de uma sistema familiar está presente uma cadeia de **feedback** negativa - que não promove mudanças. Por outro lado, na transformação de um sistema familiar deverá existir seqüência de **feedback** positivo, no sentido de ampliar desvios nos padrões rígidos e imutáveis de interação que a família quer manter.

Ao ser conceituada a família, torna-se necessário avaliar também os processos interacionais dentro de e entre todos os níveis de organização social. O sistema da família nuclear participa de um processo de influência recíproca com outros sistemas humanos ( a família extensa, trabalho, escola, subculturas religiosas, etc.) e pode ser considerado como subsistema de um supra-sistema (comunidade). Além disso, a família nuclear possui também sua própria suborganização - os subsistemas.

No interior de uma família nuclear intacta são encontrados os subsistemas dos pais, dos filhos e dos irmãos. Cada um desses subgrupos possui tarefas específicas dentro da família.

No entanto, para Dell (1982) cada família, apresenta organização e estrutura específica, dependendo da forma como os seus subsistemas interagem entre si e com os sistemas comunitários. As interações que ocorrem entre os subsistemas, seja no interior da família, seja entre a família e o meio-ambiente, dão-se contudo, nos limites ou fronteiras de cada subsistemas. Para que se mantenham as características e diferenciação de cada subsistema, as fronteiras que os delimitam têm que ser respeitadas. As fronteiras garantem essa diferenciação e o estado ideal das mesmas é o que permite trocas ao mesmo tempo em que garante diferenciação dos sistemas e dos membros que os compõem.

Considera-se que cada subsistema da família tem características quanto à sua natureza e funções, que estão vinculadas aos valores de nossa sociedade e cultura. Cada subsistema possui uma delimitação própria, um contorno próprio que se desenvolve na dependência de suas interações ou trocas com os demais subsistemas familiares.

É importante realçar que um dos aspectos mais reveladores do nível de vida familiar é a comunicação. Ao mesmo tempo que a comunicação transmite uma informação, define também a natureza das relações entre aqueles que se comunicam.

Segundo Carneiro (1992, p. 486) existem quatro distúrbios da comunicação que repercutem negativamente no grupo familiar e são os seguintes: a incongruência, quando diferentes mensagens de um comunicante são mutuamente contraditórias; a confusão, quando as frases são incompletas, pouco claras e há mudanças bruscas de assunto, prejudicando a compreensão; a ausência de direcionalidade adequada, quando a mensagem não se dirige à pessoa a que se destina; e a ausência de carga emocional

adequada na comunicação, quando as mensagens são transmitidas com controle excessivo das emoções ou sob forte impacto emocional, impedindo o seu entendimento.

Conforme o referido autor, para se promover o crescimento emocional dos membros da família importa que a liderança dos pais aconteça no grupo familiar e seja compartilhada com os filhos, de acordo com a circunstância, de forma diferenciada e democrática.

Ainda Carneiro (1992, p. 488) destaca que:

*O ideal de família é muitas vezes descrito como uma democracia, mas seria um equívoco considerar que uma sociedade democrática é uma sociedade sem líderes, ou que uma família é uma sociedade de iguais. É ineficaz o funcionamento de uma família em que os pais assumem uma posição autocrática ou uma posição inadequadamente igualitária, deixando o grupo familiar sem liderança.*

Assim, o mencionado autor finaliza assinalando que na interação familiar o líder influencia mais do que é influenciado pelos demais membros do grupo, adotando funções de organizador e orientador da atividade do grupo.

Para Andolfi e seus colaboradores (1984) consideram a família como um sistema relacional que vai além do indivíduo, pois é um sistema ativo em constante transformação, um organismo complexo que se altera com o passar do tempo para assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros. É um processo que possibilita, simultaneamente, o desenvolvimento da família e a diferenciação de seus membros.

A necessidade de diferenciação, que cada indivíduo tem de construir sua pessoa, seus limites e, portanto, auto-expressar-se, funde-se com a necessidade de coesão, de inserir-se em um grupo e a própria manutenção desse grupo. Segundo Andolfi (1984), afirma que:

*teoricamente, o indivíduo é membro garantido em um grupo familiar que seja suficientemente coeso e do qual ele possa se diferenciar progressiva e individualmente, tornando-se cada vez menos dependente, em seu funcionamento, do sistema familiar original, até poder separar-se e instituir, por si mesmo, com funções diferentes, um novo sistema. (p. 18)*

Segundo o referido autor (1984) para que seja possível uma autonomia individual em cada membro da família, é de suma importância a relação triangular entre os pais e os filhos, visto que cada um dos membros constituirá em tempos sucessivos, o ponto de referência externo, responsável pela boa relação entre os dois outros indivíduos. Não é possível haver uma diferenciação se as partes envolvidas numa relação dual não mantém uma relação com uma terceira parte.

A experiência que cada família teve de formar ou destruir seus triângulos de relação irá influenciar a evolução da nova estrutura. A base dessa nova estrutura sistêmica é originada das interações que cada membro experimentou. Essas interações são o que ditam as interações que cada membro experimentou. Essas interações são que ditam o que é ou não permitido na relação. Por ser o sistema ativo e em transformação, está aberto a readaptações, respeitando as mudanças de cada parte do sistema e as mudanças de todo sistema. É justamente por haver a possibilidade de variar as relações e suas formas, que cada indivíduo arrisca partes de si, podendo refletir o grau de diferenciação alcançado e afirma Andolfi (1984):

*Podemos admitir que, para atingir a diferenciação - para encontrar o espaço pessoal, a própria identidade - cada pessoa crescerá e se definirá através de trocas com outras pessoas. Essa identidade pode ser enriquecida até o grau em que o indivíduo tenta e aprende novas formas de relação que lhe permitem variar as funções que ele exerce dentro dos sistemas sem perder sua própria continuidade mesmo em momentos de evolução com diferentes protagonistas. (p. 19)*

Em famílias saudáveis, a diferenciação individual e a coesão grupal são garantidas pelo equilíbrio dinâmico estabelecido entre os mecanismos de diversificação e aqueles de estabilização. Os primeiros são dirigidos ao aumento da variabilidade da interação, enquanto os últimos são dirigidos à consolidação e afirmação de soluções conhecidas.

O sistema familiar tem a capacidade de diminuir a sua instabilidade e readquiri-la construindo uma nova estrutura. Sua direção à mudança se faz tanto internamente, pelos papéis dos indivíduos da família, como externamente, com as exigências sociais. Esses estímulos fazem com que os componentes da família avaliem continuamente suas relações entre a família e também o crescimento individual de cada um.

O processo familiar é influenciado pelas experiências presentes e pelo passado da família como um todo e de cada um. Dentro de um sistema familiar há vários níveis de interação, como a do casal, do núcleo familiar e a dos membros individuais com suas experiências pelo mundo.

Concluindo, pode-se pensar que a família precisa ser compreendida não à luz de um único referencial teórico ou à luz de uma abordagem científica exclusiva. Faz-se necessária a compreensão da família a partir de diferentes dimensões teóricas.

## 2.6. VALORES, FAMÍLIA E O EU DOS FILHOS

Os valores são considerados como elementos do núcleo mais profundo da personalidade e externalizam-se através de atitudes, condutas, expressões, decisões do indivíduo. Podem também ser identificados como modos de conduta e existência idealizados.

Bicudo (1982) afirma que a apreensão dos valores dá-se de modo imediato nas experiências vividas e sentidas pelo indivíduo. Esta imediaticidade é passível de ser experimentada através da percepção e da constatação dos sentimentos originados em suas experiências. A apreensão dos valores é dada no ato de sentir. O sentir um interesse ou um desejo por algo é uma forma de relação direta com o próprio Eu, que está realizando tal experiência.

O sentir das manifestações do querer, gostar, preferir, auxilia a pessoa a discernir aquilo que realmente vale para a mesma, o que facilita a percepção de si mesma com relação às escolhas morais. As percepções dos valores e as escolhas realizadas pela pessoa dependem de sua experiência de vida, isto é, de sua vivência.

As experiências vivenciadas são integradas na personalidade e tornam-se guias para o comportamento, que tendem a dar direção à vida e recebem a denominação de valores. Orientam o que a pessoa pretende fazer com o tempo que possui, com a sua vida e com a energia que a caracteriza. Os valores são, deste modo, gerados a partir das experiências pessoais.

Assim, diferentes experiências geram diferentes valores, tais como, liberdade, independência, coragem, aventura, responsabilidade, riqueza espiritual, respeito ao ser humano, cooperação, sentimento de destruição, debilidade, segurança, competência, autoindulgência, desordem, ânsia de poder etc que são passíveis de serem modificados, pois a pessoa está num processo contínuo de inter-relacionamento com o seu meio.

De acordo com a teoria psicanalítica, os valores desenvolvem-se como resultado da identificação com os pais pois, para S. Freud, os comportamentos e formas de sentir dos pais constituem os agentes da socialização internalizada como a auto-estima, orgulho, vaidade, inveja e o sentimento de culpa pelas más ações etc, formando-se o chamado superego.

Por sua vez, os valores éticos ou morais dizem respeito ao bom ou mau procedimento nas relações interpessoais, conforme a psicologia cognitiva de Jean Piaget, especialmente sua obra clássica “*The Moral Judgement of Child*” (1965), fornecendo uma excelente base para se compreender o desenvolvimento moral.

Na opinião do citado autor, o julgamento moral de uma criança desenvolve-se em estágios paralelos aos estágios do desenvolvimento cognitivo. Entrevistando crianças e observando-as enquanto faziam um simples jogo com bolas de gude, Piaget descobriu que a moralidade das crianças pequenas é regida pelo que chamou de “realismo.” Nesse estágio, um ato é considerado errado em função de suas conseqüências e não em termos da intenção de quem o executa. Só mais tarde a criança desenvolve uma moralidade autônoma, ou seja, a mesma compreende que as regras são fruto de um mútuo acordo e não

são imutáveis. Desta maneira, a intenção passa a ser um fator mais acentuado na determinação da moralidade.

Assim, os valores internalizam-se, de modo que a criança pode interpretar o comportamento de outra pessoa, considerando a intenção da mesma. Os adolescentes ou mesmo os pré-adolescentes já estruturaram os respectivos superegos, sendo capazes de distinguir com segurança os valores morais ou outros em quaisquer áreas do comportamento humano.

O processo de incorporação de valores é concebido na teoria de Piaget como indicador do desenvolvimento moral, o que é a base da teoria de Kohlberg ( Habermas, 1989) que articulou seis estágios do desenvolvimento do julgamento moral ( nível I - Pré-convencional: estágio 1. orientação punição-obediência, estágio 2. hedonismo instrumental e reciprocidade concreta; nível II - Convencional: estágio 3. orientação para as relações interpessoais de mutualidade, estágio 4. autoridade mantendo a moralidade e nível III - Pós-Convencional: estágio 5. moralidade de contrato e de lei democraticamente aceitos; estágio 6. orientação ditada por princípios éticos universais). A teoria de Kohlberg é cognitiva-evolutiva, apresentando o desenvolvimento moral em forma de estágios e níveis, com um enfoque construtivista, pois a pessoa é ativa na integração dos seus valores e as regras emergem dos modelos que a rodeiam.

É interessante assinalar que os dados de Kohlberg deixam claro que os estágios superiores de julgamento moral aumentam com a idade, ao passo que os estágios inferiores declinam com a idade. O adolescente mais velho, por exemplo, é geralmente guiado por uma moralidade autônoma ou, pelo menos, pelo conformismo aos papéis convencionais, ao passo que as crianças mais novas são geralmente guiadas pelo hedonismo básico ou pela obediência aos papéis convencionais.

Considerando a posição de Cárdenas (1996), que realizou um estudo de etnografia familiar relacionado a valores, verifica-se que ele chegou a algumas conclusões, afirmando que na família nuclear de classe econômica média-baixa está presente um projeto familiar, definido tanto como objetivos e metas muito claras a nível de grupo, como individualmente. Também conclui que as expectativas da identidade psicológica do grupo estão orientadas por uma mobilidade social, por uma necessidade de alcançar estabilidade social, através da educação, constituindo um benefício para a formação pessoal.

O referido autor observou que, na família nuclear supra citada, apresentam-se os valores da educação e do conhecimento como o principal desejo de seus filhos e a família aparece valorizada como grupo cooperativo, com presença de união, cooperação, solidariedade, companheirismo, justiça, igualdade, responsabilidade social, realização pessoal e grupal.

Na família nuclear de nível sócio-econômico baixo, segundo Cárdenas (1996), o valor da educação é o principal aspecto a ser transmitido, porque pode inverter o destino do filho e facilitar seu acesso social. Na família, a autoridade, o individualismo, a liberdade, independência, sacrifício, segurança, companheirismo são outros valores presentes no processo de socialização dos filhos.

Ainda, na família nuclear de nível sócio-econômico alto, o referido autor, assinalou a presença parcial de valores, tais como, mais competência do que cooperação; mais aparência do que beleza interior; mais aquisição de bens do que riqueza espiritual; e mais desigualdade do que igualdade e respeito mútuo. Os vínculos sociais são o princípio que esta família aspira para os seus filhos, mais que o conhecimento. A família é valorizada, como agência de realização pessoal, fundamentalmente vida, dinheiro, instituição educativa como lugar de relações sociais, bem estar, prestígio social, que são outros valores presentes no processo.

Portanto, para Cárdenas (1996), na família extensa com um nível sócio-econômico médio, prevalece a necessidade de superar a crise emocional e afetiva de seus componentes porque são captados valores de forma extremada, tais como: liberdade e comunicação; independência e dependência; coragem e precaução; cooperação e competência; riqueza espiritual e aquisição de bens; igualdade e respeito mútuo; bem como desigualdade e ânsia de poder. A família também valoriza a autorealização, o bem estar, as relações sociais com os outros etc. Por outro lado, a solidariedade é um valor presente na família extensa como estratégia de sobrevivência.

## 2.7. FAMÍLIA, ESTADO E ESCOLA

A organização da família vem se modelando sob pressão de forças econômico-históricas presentes e Jurandir Costa (1989) relaciona muito bem a Família com o Estado.

A referida autora analisou a intervenção médico-estatal sobre a cidade e a família brasileira a partir do século XVIII, mais particularmente a partir da vinda da família real para o Brasil em 1808. Tal intervenção da medicina higienista resultou numa transformação social bastante abrangente.

Costa (1989) faz referência à família senhorial como dominadora, onde nem os setores da Igreja, nem o Estado abalavam sua harmonia. O poder se dava externa e internamente, embora com dificuldade, pois exigia do senhor uma permanente guerra com o meio, o que fortalecia o poder familiar no mundo externo e, ao mesmo tempo, reforçava a coesão interna da família brasileira, que se tornava cada vez mais forte.

A família funcionava como um bloco compacto voltado exclusivamente para o clã. O pai, chefe do clã, dirigia projetos e interesses do grupo. Ao se referir ao funcionamento da família brasileira em torno do clã, Costa (1989) revela que isso prejudicava os interesses do Estado que era a formação de cidadãos.

Assim, nessa época, começavam a surgir os mecanismos de controle do Estado, criando-se novos dispositivos que entram no espaço da norma familiar.

O Estado tinha a necessidade de um controle demográfico e político da população adequado à sua finalidade. O controle da família busca disciplinar a prática anárquica da concepção e dos cuidados físicos dos filhos e dos pobres, prevenindo as conseqüências políticas da miséria e do pauperismo.

Segundo a referida autora, a política do Estado é executada em nome dos direitos do homem, iniciando-se dois tipos de intervenção normativa: a primeira, através da medicina doméstica que reorganizava as famílias em torno da conservação e educação das crianças; a segunda, direcionada às famílias pobres sob a forma de campanha de moralização e higiene da coletividade.

Ainda, segundo Costa (1989), afirma que foi com a chegada de D. João que modificou o equilíbrio de forças da família, pois o poder da aristocracia portuguesa, aliado

à burguesia européia superou a força das famílias nativas. Com a abertura para o desenvolvimento econômico e cultural, as famílias começaram a apresentar um enfraquecimento.

Também Coutinho (1994) afirma que durante o período colonial, as famílias

*formavam grupos autônomos de produção, administração, justiça e autodefesa e sua autoridade máxima era o pater famílias, que detinha o poder não apenas sobre os escravos, empregados e agregados, como também sobre seus filhos e esposa. O poder dos patriarcas, ampliado pelo isolamento dos grupos familiares que, no seu início, eram relativamente poucos, era do interesse e, portanto, reforçado pela própria Coroa portuguesa que, assim, melhor podia controlar sua colônia.* (p. 67)

Com a chegada da família real no Brasil, modifica-se lentamente a configuração familiar brasileira e logo o papel da mulher e da criança.

*O absolutismo do pater famílias em nossa terra só começou a se dissolver à medida que outras instituições e figuras cresceram, com o interesse e o apoio da família real que aqui se instalou, deslocando o centro de poder, até então nas mãos dos senhores patriarcais, para estas novas figuras e instituições.*

(Coutinho, 1944, p. 75)

De fato, com a chegada da corte portuguesa, muitas modificações abalaram a família patriarcal, principalmente porque o poder absoluto do patriarca não interessava mais à Coroa. O poder do Estado deveria estar acima do poder patriarcal.

Novais (1982, p. 75) mostra que o sistema de tutela e dependência do Estado dificulta bastante, tanto o mecanismo familiar, como o escolar, pois só reproduz a ordem estabelecida, “ não se considerando os cenários sociais que servem de ponto de

referência para se avaliar a dimensão social, que pode aparecer teatralizada, seja através dos dispositivos jurídicos, médicos, educacionais, seja através de códigos e normas”

A intervenção do Estado na família torna-se mais evidente com a organização escolar, quando o Estado passa a investir na educação, tornando-se através da escola, um co-responsável na formação da criança, junto à família.

Com isso, o Estado ao abrir caminhos com outros povos de idéias diferentes, inicia uma educação com a importação de novos valores culturais.

O desenvolvimento do sistema educacional brasileiro acompanha, em paralelo, a evolução do capitalismo no país, sobretudo a partir dos anos de 30 em ambos os casos, as transformações ocorridas na educação foram induzidas de fora para dentro, tendo sido a educação, em última instância, colocada a serviço de objetivos econômicos de natureza pragmática e de alcance imediato.

De um modo geral, a problemática educacional brasileira parece ter sido sempre ignorada em favor de modelos importados. Essa importação se fazia, como ainda se faz, no sentido de concretizar as propostas de organização dos sistemas nacionais de ensino, tendo como modelo experiências de grande êxito, a critério da época, desenvolvidas primeiro na Europa e depois nos Estados Unidos da América do Norte. Os desacertos culturais alimentados pela filosofia liberal da burguesia eram e ainda são reforçados pela mesma ideologia que implantara o capitalismo econômico no país que na área educacional, apresentava e continua a apresentar os avanços e descompassos, ou seja, os mesmos erros.

Da mesma forma, a ausência de uma política educacional consistente e coerente diz respeito ao fato de que a educação - pela quantidade de recursos que envolve e de interesses que mobiliza, passa a ser um campo fértil para manobras em prol de interesses que nada têm a ver com ela como projeto de construção da identidade nacional.

Quando uma sociedade coloca o problema da educação, em questão, é porque se interroga sobre si mesma, sobre o seu passado e presente. Assim, não se pode dissociar a educação de um país, da ação desenvolvida pelo Estado para formar o seu cidadão.

Sendo a educação percebida como um instrumento de construção de uma sociedade livre e democrática, como também, o sucesso individual do cidadão, ambos

resultantes do esforço e do trabalho de cada um, tendem atingir ao mesmo tempo a estrutura familiar. A questão política da educação se apresentará com clareza na premissa de ser condição fundamental a participação do indivíduo na sociedade, favorecendo a preservação do seu equilíbrio nas interrelações familiares.

A escola desempenha um papel político, na medida em que propaga uma educação que tem, ela própria, um sentido político. Assim, os grupos e as classes sociais procuram fazer da escola o instrumento de suas finalidades e metas, de seus interesses, e, com isto, a difusão de suas idéias.

A educação pode ser bastante política, influenciando os membros de uma família que se constituem, também, como uma instituição social que transmite modelos sociais e normas sociais de comportamento e, por outro lado, os filhos recebem da família os ideais que formam a sua personalidade, que pode ou não propagar idéias sócio-políticas, logo, a educação traduz as relações de força no seio de uma sociedade global, sendo então a educação mais política, do que social. Assim, a família pode ser concebida com a base do edifício social de uma sociedade.

Uma política familiar apresenta muitos aspectos a serem considerados, como o problema econômico que envolve o crescimento da produção e multiplicação da mão de obra rural e urbana, a organização de uma estrutura de serviços sociais à população, o problema educacional etc.

Através de uma política familiar, o homem pode adquirir o direito de participar, por completo, na herança social e levar a vida de um ser civilizado de acordo com os padrões que prevalecem na sociedade. As instituições mais intimamente ligadas com o elemento social são o sistema educacional e os serviços sociais.

Uma educação instável reflete uma sociedade doentia, com desequilíbrios em todos os seus setores. E o homem, como se apresenta dentro deste contexto social? Possivelmente, serão afetados todos os componentes de uma família.

É no contexto primário de uma família que se produz, principalmente, o desenvolvimento do ser humano. Uma família se define muito mais pela intimidade partilhada por aqueles que a integram, do que pelas normas e critérios legais que lhe dão realidade formal, sendo então a família que edifica o meio social.

A macrosociedade e as microexpressões ou microsociedade (família), ensinam os modelos de conduta que cada pessoa adota. Ao tratar do indivíduo e da sociedade, a educação enfrenta dilemas que se resumem na alternativa formulada por Rousseau: Fazer o homem ou fazer o cidadão ? A solução para o dilema proposto encontra-se na sociedade, atribuindo-se à educação sua função social e nacional. Através da comunidade, mediatizam-se valores e ideais vividos individualmente pelo homem.

A priorização da família na agenda da política social é extremamente importante, porque contribui para a estabilidade de uma estrutura social. Uma sociedade forma o tipo de homem que se deseja alcançar no futuro, atingindo integralmente a família. A sociedade passou a fragmentar os indivíduos em necessidades transformadas em direitos como o direito à saúde, educação, transporte, sem atingir diretamente a família como um todo.

Desde o tempo do Brasil-Colonial, foi se gestando uma sociedade pobre e desigual, cujo impacto sobre a família e sobre a educação ainda não foram avaliados suficientemente. A família e a educação têm sido ilustres desconhecidos nas diretrizes propostas pela política social brasileira.

Assim, o valor do homem é, na atualidade, proporcional ao requerimento qualitativo que se faz dele.

Na cultura atual, a presença da família é marcante e seu sentido é de duração ao longo do tempo. Entretanto, comenta-se sobre crise familiar, decadência e até mesmo extinção do grupo familiar. Desta maneira, qual seria a perspectiva futura para a família?

Segundo Perrot (1993, p. 75), a possível pulverização da família não passa de ilusão de ótica, pois uma outra família está a caminho, tentando conciliar a liberdade individual com traços afetivos do antigo conceito de lar.

De fato, a família, tal como a herdada do século XIX, encontra-se fragmentada neste final de milênio. Casa-se cada vez menos e cada vez mais tarde. Além disso, esses casamentos são menos duráveis, com um número cada vez mais expressivo de famílias com filhos divorciados. Simultaneamente, há maior incidência de relacionamentos extraconjugais e um crescimento de famílias onde pai e mãe são um só, isto é, desempenham-se os dois papéis ao mesmo tempo na ausência de um deles.

A mulher também adiou, em uma geração, a opção de ter filhos, concebendo aos quarenta anos. Hoje, assiste-se às rupturas que são consequência de um processo de dissociação, iniciado há muito tempo. Essas mudanças eclodiram com o advento do individualismo moderno, contagiado por um imenso desejo de felicidade - escolher sua profissão, sua vida, a luta pelo emprego, a busca pela sua autonomia econômica etc. Estes aspectos, que não são os únicos, teriam levado a mulher a preferir uma gestação posterior.

Para Kaufmann (1997), a sociedade tem tomado consciência de que existe uma falta de atenção à família, enquanto que se valoriza a liberdade, a mesma está desgastando o modelo familiar e o referido autor questiona : Nossa sociedade vai sobreviver a este quadro? Na opinião do mesmo, há uma estreita relação entre a natureza do ambiente e as relações familiares, assinalando indícios de zonas críticas de modernidade. Ainda, esclarece o autor que os processos de modernização, individualização e globalização ameaçam continuamente a desestabilização da família.

A família é uma realidade muito antiga e diversificada. Que tipo de família acha-se em via de irromper?

A família herdada no século XIX, nuclear, heterossexual, monogâmica, patriarcal assegurava o funcionamento econômico, a formação de mão de obra, a transmissão dos patrimônios e a formação dos bons cidadãos. Essa família era dominada pela figura do pai, que fazia prevalecer os seus desejos e representava o grupo familiar. A união do casal privilegiava a aliança econômica e não o amor. Às moças só restava o casamento e a vida caseira, só tendo direito ao trabalho para sustentar os filhos ou atender às necessidades da economia doméstica.

Assim, não se pode ter a ilusão e esperar que medidas políticas possam resolver os problemas relacionados à família. O homem é que tem que mudar seus valores diante da família. São necessárias medidas políticas, mas não são suficientes. Dessa forma, a família se vê ameaçada interna e externamente, já que há ruptura em todas as formas de transmissão de recursos, sejam econômicos, sociais, culturais ou simbólicos.

Essas mudanças alteraram profundamente o relacionamento familiar. Há perdas e conquistas de difícil avaliação. Entretanto, parece mais interessante a incerteza do hoje do que um retorno ao modelo de ontem, não significando que a família está morta.

Além disso, parece que já se caminha na direção de uma estabilização, indicando uma nova consolidação das famílias e dos casais.

Parece que não recusa a família em si, mas o modelo rígido e normativo do século passado. O que se leva a desejar é um lar equilibrado, porém consciente da liberdade individual. Buscam-se novos modelos que possam conservar e ampliar os aspectos positivos da família - a solidariedade, a fraternidade, a ajuda mútua, os laços de afeto e o amor. Tanto é assim que, apesar do aumento de descasamentos, nota-se também uma busca incessante no sentido de formação de novos pares conjugais.

Tudo indica que a família se perpetuará, embora ainda se esteja longe de proclamar um modelo especialmente preferível aos demais, pois novas formas de convivência poderão surgir no futuro, explicando-se estas incertezas na condição humana, por meio das palavras de Rogers (1983, p. 19):

*Os ventos da mudança científica, social e cultural estão soprando fortemente. As enormes perturbações da sociedade moderna forçarão uma transformação para uma ordem nova e mais coerente. E nessa ordem parece crescer uma nova visão do mundo na relação, um renovado amor pela natureza e por cada pessoa, uma compreensão da unidade espiritual do universo. Deve ser um mundo mais humano, com mais lugar para indivíduos que são integrados e totais. Esta é, pelo menos, minha entusiasmada esperança.*

## 2.8. FAMÍLIA, SOCIALIZAÇÃO E IDENTIDADE

Parece que um estudo acerca de como o indivíduo se coloca e é colocado na sociedade, quais os componentes individuais e quais as forças sociais que constituem as regras a serem cumpridas na relação dos indivíduos com o mundo é importante para se compreender como o indivíduo ingressa na sociedade e como adquire a condição de ser humano.

Dentre as teorias que abordam como se desenvolve esse processo, optou-se seguir os pressupostos de Berger & Luckmann (1974) por ser uma obra que sintetiza as idéias de vários autores, Berger & Berger ((1975), Gorman (1979), Mead (1934) e Schutz (1962).

Refletindo sobre o que vem ocorrendo nas últimas décadas no Brasil, com relação ao processo de modernização das cidades urbanas, observa-se que tanto objetos como modelos sociais ( por exemplo, a família) estão em constante transformação. Mudam de maneira tão rápida e intensa, que a tentativa de adaptar-se às mudanças sociais não se processa facilmente e, muito menos, de forma linear.

Nota-se que existem situações que são mais facilmente absorvidas quando alteradas, do que outras, como podemos observar que, em alguns momentos, os processos são mais complexos e difíceis, podendo ser vividos pelos sujeitos de maneira bastante conflitiva.

A socialização inicia-se na infância e é através dela que o sujeito torna-se membro da sociedade. O que é interiorizado pelo filho, através da visão previamente filtrada de seus agentes ( que não podem ser escolhidos - a família), ocorre por meio de laços afetivos e o que vem possibilitar a identificação entre ambos. Desde o início que o ser humano desenvolve uma interação não apenas com o próprio corpo e o ambiente físico, mas também, com outros seres humanos. A biografia do indivíduo desde o nascimento é a história de suas relações com outras pessoas.

Cada indivíduo situa-se na vida de uma maneira específica, que Schutz (1962) denomina de “situação biográfica”. Segundo o referido autor, cada pessoa segue a perspectiva de seus interesses particulares, motivos, desejos, aspirações, princípios religiosos e ideológicos. Portanto, a realidade é dada em formas culturais e históricas, mas o modo como estas formas expressam-se na vida individual depende da totalidade da experiência que uma pessoa constrói no curso de sua existência concreta.

Para Schutz (Gorman, 1979, p. 47)

*... os indivíduos definem para si mesmos a realidade do mundo que encontram na atitude natural. ... Nascemos e crescemos separadamente, assimilando os valores do nosso próprio*

*ambiente. Por conseguinte, dependendo de determinados motivos, ... aspirações etc que aprendemos, perceberemos o mundo de forma diferente e atuaremos nele a partir de um ponto de vista diverso. ... Como Schutz denomina, cada situação biográfica, situa os indivíduos no mundo do senso comum e define esse mundo para eles. O mundo, quando filtrado através da minha situação biográfica, se torna o meu mundo.*

O homem não existe solitário, no início é apenas um animal e para que possa se desenvolver, necessita do processo de interrelação com o social. “A humanidade específica do homem e sua sociabilidade estão inextricavelmente entrelaçadas” (Berger & Luckmann, 1974, p. 75). Logo, a história de um indivíduo é sempre um episódio dentro da sociedade, destacando assim, o papel fundamental dos processos sociais. É na sociedade que o filho torna-se uma pessoa com personalidade, metas e objetivos, portanto, o homem é um produto e produtor da sociedade. Pode-se considerar que em virtude da plasticidade inerente ao homem, o filho tem a possibilidade de uma relação aberta com o mundo, adaptando-se a diferentes ambientes e se desenvolvendo neles.

Nos estudos de Mead (1934), na teoria sobre a gênese social do Eu, afirma que a formação do Eu deve ser compreendida em relação ao contínuo desenvolvimento orgânico e com o processo social, onde o ambiente natural e o ambiente humano são mediatizados pelos outros significativos. O homem se constrói agindo, é um ser transitivo e sua natureza é estar em permanente mudança, aprendendo e transformando a cultura, portanto, não há natureza biologicamente fixa. O organismo humano manifesta pluralidade em suas respostas às forças sócio-culturais que interferem no processo de humanização.

A relação que o homem estabelece com a sociedade concede-lhe a possibilidade de torná-lo uma pessoa e de levar adiante os seus projetos de vida e, como abordam Berger & Luckmann (1974, p. 30), “este processo de humanização não se relaciona apenas ao ambiente natural mas subordina-se também a uma ordem cultural e social, mediatizada pelos outros que lhe são significativos”.

Sendo assim, a realidade cotidiana é construída socialmente, nesse movimento de interrelações, e apresenta-se sob a forma de tipificações. Schutz ( Gorman,

1979, p. 48) ao dotar esse conceito “husserliano de tipicidade,” identifica o mundo do senso comum, como é percebido como um mundo de familiaridade e envolvimento pessoal baseado nesses mesmos acervos de conhecimento ao nosso alcance. Percebemos todos os outros aspectos do mundo do senso comum de maneiras típicas, inclusive papéis sociais e relações como pais, amigos, inimigos etc. O processo de acumulação dessas tipificações se inicia na infância e perdura por toda a vida.

A apreensão que se faz do outro se dá por meio de esquemas tipificadores, que padronizam a rotina e afetam a interação com o outro que, para Berger & Luckmann, “embora seja relativamente difícil impor padrões rígidos à interação face a face, desde o início esta já é padronizada e ocorre dentro da rotina cotidiana” (1974, p. 49).

Assim, o outro também apreende uma forma tipificada, influenciando os sujeitos da relação de forma mútua na relação “face a face”, ou seja, os esquemas tipificadores que entram nas situações face a face são naturalmente recíprocos, como os outros afirmam os citados autores, em que “nossa interação face a face será modelada por estas tipificações, pelo menos enquanto não se tornam problemáticas por alguma interferência.” (1974, p. 49)

Portanto, pode-se dizer que o homem se produz e esta autoprodução é um empreendimento social, visto que os processos sociais influenciam na constituição do organismo e do Eu dentro de cada cultura.

Segundo Mead (1934) na sua teoria da socialização afirma que todo indivíduo nasceu em uma estrutura social objetiva, dentro da qual encontra os outros significativos que se encarregam de sua socialização. Estes outros significativos lhe são impostos, assim, o aprendizado que o sujeito faz do mundo, por intermédio dos outros significativos, não é apenas cognoscitivo, mas também afetivo.

Desta maneira, através do outro, presente numa fase mais avançada da socialização, os processos sociais interferem na conduta dos indivíduos envolvidos. A comunidade ou grupo social exerce controle sobre o comportamento de seus membros, influenciando no pensamento do sujeito.

Para Berger & Luckmann (1974) em sua teoria, dão ênfase à dialética homem e sociedade na construção do mundo. A sociedade é um produto humano e como tal, um fenômeno dialético que retroage continuamente sobre o seu produtor. Não há realidade social sem o homem. O indivíduo adquire sua identidade em função da

sociedade. Logo, o mesmo não pode existir independente dela. A sociedade já existia quando o homem nasceu e continuará a existir após a sua morte. Tem um caráter de facticidade, ou seja, é próprio da condição humana e de cada homem já se encontrar comprometido com uma situação não escolhida. A essa situação pode-se chamar cultura.

A cultura é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Logo viver em sociedade, é viver submetido a essas regras, sob a dominação dessa lógica. As pessoas absorvem os comportamentos exigidos delas, sem que muitas vezes tenham consciência deste fato. Assim, o indivíduo adquire sua identidade em função da sociedade, de modo que nasce com predisposição para sociabilidade e torna-se membro da sociedade.

Segundo Berger & Berger qualquer sociedade pode ser vista como um repertório de identidades: do pai, da mãe, do policial, do professor, do médico etc, mas quer a identidade seja atribuída ao indivíduo, quer seja adquirida pelo mesmo, a identidade sempre é assimilada através de um processo de interação com outros. São os outros que identificam de certa maneira, só depois que uma identidade é confirmada pelos outros, é que pode tornar-se real para o indivíduo ao qual pertence.

E ainda,

*A relação entre o homem, o produtor e o mundo social, produto dele, é e permanece sendo a relação dialética, isto é, o homem (não evidentemente o homem isolado mas em coletividade) e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro.*

(Berger & Luckmann, 1974, p. 87)

Para que se possa entender como essa relação dialética se processa, os dois especialistas explicam que ela se completa fundamentalmente em três momentos- exteriorização, objetivação e interiorização, que não podem ser considerados como etapas sucessivas, mas como sendo fases que ocorrem concomitantemente. Os mesmos, estabelecem uma relação de tal ordem que um dos seus momentos não pode ser entendido sem os outros dois, havendo uma forte interação entre eles.

A exteriorização é a explosão das atividades físicas e mentais do homem. A objetivação implica a construção de um mundo social, externo, real. Quando esse mundo é conscientizado como realidade, então, dá-se a interiorização, onde o indivíduo identifica-se com o outro, absorvendo seus papéis e atitudes, interiorizando-os, tornando-os seus.

O termo interiorização para Mead (1934) significa que o mundo social, com a sua multiplicidade de significados, passa a interiorizar-se na consciência do filho. Aquilo que anteriormente era experimentado como alguma coisa existente fora do mesmo, agora também, pode ser experimentado dentro de si próprio. Através de um complicado processo de reciprocidade e reflexão, certa simetria que se estabelece entre o mundo interior do filho e o mundo social externo, em cujo âmbito o mesmo está sendo socializado.

A sociedade não deseja somente que o indivíduo represente os diversos papéis a eles atribuídos, pai, marido, irmão e outros, mas que ele seja os papéis desempenhados e que, ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele. Só após, este grau de interiorização é que o indivíduo se torna membro da sociedade, ocorrendo a socialização.

Pela socialização são interiorizados os sentidos mais importantes de uma determinada sociedade, ou seja, são mantidos e atualizados os sentidos relevantes dessa sociedade, que constituem os elementos indispensáveis para que o indivíduo torne-se uma pessoa e habite um determinado contexto social.

Assim, Berger & Luckmann (1974) distinguem dois processos básicos de socialização: o de socialização primária e o de socialização secundária. Através deste modelo conceitual, pode-se compreender com maior facilidade o que se passa em relação à família, sua participação e representações sociais no mundo atual.

O processo de socialização primária significa a internalização de conceitos, valores e percepções do mundo a partir da ótica de seus familiares. Os processos primários são inevitáveis, pois não dependem do sujeito social. Desta maneira, seriam as relações familiares que apresentam, primeiramente, o mundo ao sujeito - as representações, as ideologias, as relações interpessoais etc. De acordo com o modelo familiar existente e as relações vividas pelos filhos se é levado a crer que poderão estabelecer convivências com o novo, mais ou menos conflitante. E os acessos a novos horizontes sociais e individuais

serão dificultados ou facilitados. A inserção ou permanência no mundo público supõe a dependência do modelo familiar vivido pelo filho e as referências nele contidas.

A socialização primária ocorre na infância e é através dela que o indivíduo torna-se membro da sociedade. A socialização secundária é o processo seguinte, em novos setores da sociedade, com o indivíduo já socializado.

A socialização secundária se dá com os valores já interiorizados e estruturados da socialização primária, que ocorre em um contexto de fortes laços afetivos. Conforme Berger & Luckmann (1974), o processo de aprendizado seria difícil, se não impossível, sem esta ligação emocional da criança com os outros significativos, como a família. Assim sendo, o sistema simbólico internalizado na socialização primária é muito mais constante e resistente à erradicação, do que os sistemas simbólicos internalizados em socializações posteriores.

## CAPÍTULO III

### 3. A FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL

Do estudo de Husserl como um meio de interpretação dos dados coletados nesta pesquisa, serão apresentadas suas principais conceituações na formulação da Fenomenologia, base de sua abordagem referente ao EU, ao Mundo e ao Outro.

#### 3.1. ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA FENOMENOLOGIA SEGUNDO HUSSERL

Concebendo a Filosofia como a mais elevada e rigorosa de todas as ciências e ainda, percebendo que até a sua época a Filosofia nem sequer havia sido concebida como ciência, Husserl parte da necessidade de fundamentá-la rigorosamente. Para isso, precisava criticar pelo menos dois dos principais problemas que atingiam a Filosofia, em fins do século passado, isto é, o “naturalismo” - forte tendência do pensamento ocidental desde o ressurgimento do empirismo na Idade Média, que se nutria da emancipação das ciências naturais a partir do advento da física moderna do século XVI e o “psicologismo,” tendência marcante do pensamento ocidental no século passado, cujas origens mais recentes remontam a Hume e Kant, que se nutriam da nova ciência, ou seja, da Psicologia.

Husserl tentava desenvolver um filosofia rigorosamente científica. Essa necessidade de rigor filosófico não é instaurada nesse momento na História da Filosofia por Husserl, mas pelo contrário, a mesma já atuava plenamente em sua época, especialmente no naturalismo, que dominara as tendências filosóficas no século XIX.

Segundo Husserl, o criador da fenomenologia, a maneira como o naturalismo concebia esse rigor constituía um perigo para a cultura, dada a subordinação da Filosofia às Ciências Exatas, levando o mesmo a acreditar que seria de sumo interesse aplicar-se uma crítica radical à filosofia naturalista.

Em função justamente de sua crítica ao naturalismo, fez distinção entre duas atitudes possíveis diante do conhecimento. A atitude natural, que era a mais comum e a

postura dominante entre filósofos e cientistas anteriores à Fenomenologia, que contrariava a atitude fenomenológica de Husserl, que veio a propor como a única possível para uma filosofia rigorosa.

A atitude natural não é a atitude própria para a constituição da filosofia, como ciência das ciências concebida por Husserl, porque a mesma exige um fundamento seguro e absoluto. Fora deste contexto, nada mais pode ser senão a negação da filosofia como possibilidade. Em função de sua crítica ao naturalismo e dada a necessidade de rigor para a filosofia, buscou, justamente, situar a filosofia numa dimensão completamente nova, visando sair do campo do ceticismo. “Precisa de pontos de partida inteiramente novos e de um método totalmente novo, que a distingue por princípio de toda a ciência natural” (Husserl, 1986, p. 47).

O ponto de partida desse método novo, Husserl o encontra basicamente numa espécie de volta às origens do ato de conhecer, no *fainomenon* (fenômeno), ou seja, tudo o que se mostra ou aparece à consciência, bem como nas *epochés*, que consistem numa suspensão de juízos acerca das coisas, seja o mundo, o Eu ou o outro que permitem o acesso às coisas na sua pura fenomenalidade, ou seja, nos fenômenos.

Para Husserl, fenômeno é tudo aquilo que se pode ter na consciência, de qualquer modo que seja. Desta maneira, não só os objetos da consciência, como também, os próprios atos enquanto conscientes, intelectivos, volitivos ou afetivos, são fenômenos. Para Fragata (1959), interpretando Husserl, o fenômeno puro, na acepção mais rigorosa, refere-se ao “conteúdo intencional da consciência” (p. 83). De acordo com essa postura, as coisas são consideradas tais como se mostram à consciência, sem deixar que pressupostos operem no ato de conhecer.

A fenomenologia, ciência dos fenômenos, que se mostram tal como se apresentam, constitui o novo ponto de partida e o novo método da filosofia, que exige uma original atitude de pensamento, especificamente filosófica, que Husserl chamará de atitude fenomenológica, por ser justamente aquela pela qual o indivíduo se atém, exclusivamente, aos fenômenos.

Assim, o filósofo procura caracterizar a atitude fenomenológica como aquela que permite adicionar ou penetrar nesse mundo constituinte da relação

homem-mundo, que é o mundo da vivência, o mundo do vivido, até então oculto ou desconhecido.

Na constituição de sua fenomenologia, Husserl concentrou-se na busca do “se ater às coisas tais como elas se mostram,” pois o indivíduo não deixa que preconceitos operem no ato de conhecer, que é o início seguro do qual toda filosofia deve partir. A filosofia deve ser uma fenomenologia, cuja preocupação básica é desvelar a essência do conhecimento e, portanto, a essência do se mostrar das coisas à consciência.

Todavia, uma fenomenologia na pretensão do referido autor não se orienta só para fatos, sejam externos ou internos, mas para a realidade da consciência, para o objeto enquanto “intencionado por” e “na consciência”, isto é, para a essência ideal. Esta essência ideal constitui o fenômeno, isto é, aquilo que se manifesta imediatamente na consciência, alcançado por uma intuição antes de toda reflexão ou juízo. A intuição tem por objeto primordial o universal, que é o objetivo essencial da busca fenomenológica.

Capalbo (1987), considerando as postulações de Husserl, afirma que a visão da essência baseia-se simplesmente na possibilidade de distinguir o fato e o que através dele é vivido, como também, a mesma é uma intuição, isto é, um ato do conhecimento direto, sem intermediários, que põe o sujeito na presença, num face a face com o objeto em si mesmo; Husserl chamará de intuição doadora a este “ver” que constitui seus objetos. Conhecer é ver, colocar-se à distância dos objetos, dirigir-se aos mesmos, visá-los progressivamente.

O ato consciente põe o sujeito diante do objeto e a apreensão do mesmo constitui a objetividade (esta diferente da proposta pelo positivismo), no momento em que o objeto é desmembrado em essências.

A essência não é a coisa ou a qualidade, mas é somente o ser da coisa ou da qualidade, isto é, um “puro possível,” referindo-se ao sentido do ser do fenômeno. A essência define-se como uma “consciência de impossibilidade”, isto é, como aquilo que é impossível à consciência pensar de outro modo.

Aquilo que pertence como próprio à sua essência é o princípio em que permite isolar o essencial de um fenômeno. Por exemplo, uma cor que não pode ser percebida ou pensada sem uma certa extensão. A cor branca da parede de uma sala não pode ser pensada separada do seu espaço, que seria impensável. Por conseguinte, fazendo-

se variar pela imaginação o objeto cor, retira-se do mesmo o seu predicado extensão, suprime-se a possibilidade do próprio objeto cor, atingindo-se, portanto, a consciência de impossibilidade.

O processo de “variação imaginária” fornece a própria essência. A essência ou eidos do objeto é constituído pelo invariante que permanece idêntico através das variações. Assim, para Lyotard (1967, p. 16) quando “ se opera a variação sobre o objeto como coisa sensível, obtém-se como ser mesmo da coisa: o conjunto espaço-temporal, provido de qualidades segundas, colocado como substância e unidade causal.” Portanto, a essência é somente aquilo em que a própria coisa me é revelada, pois a mesma se experimenta numa intuição vivida.

A intencionalidade, um tipo de fenômeno psíquico segundo o precursor Avicena na Idade Média, também é a essência do fenômeno psicológico segundo Brentano e passará à essência da relação homem-mundo com Husserl.

É a intencionalidade que faz o fenômeno, o “vivido,” isto é, a consciência é que possibilita o conhecimento, segundo Husserl. Consciência é intencionalidade, relação sujeito-objeto-vivência. O mundo da consciência, concebido então como o “mundo do vivido,” da relação homem-mundo, em que esse mundo constitui fundamento de toda e qualquer relação do homem com o mundo.

Dizer que a consciência é intencional é afirmar que ela implica necessariamente um objeto. É anunciar que não há como se falar em consciência como algo em si e por si, como um existente fechado em si mesmo. A consciência, do ponto de vista fenomenológico, é atividade, é um fluxo de vivências, não sendo algo que se possa estudar através de manipulações - como é o caso de vários objetos científicos, como no experimentalismo, por exemplo. A idéia de intencionalidade implica na de indissolubilidade da relação sujeito-objeto. Toda consciência é consciência de alguma coisa.

Não existe consciência, tanto quanto qualquer ato psíquico, que não seja “consciência de”. A intencionalidade é o “dirigir-se para” o que implica necessariamente um objeto. Assim, longe de se enfrentar uma situação em que sujeito e objeto, homem e mundo se opõem, formam-se duas realidades que caminhariam simultâneas, ocorrendo

uma situação em que sujeito e objeto formam o mesmo todo e são partes de uma mesma realidade.

Com a fenomenologia dá-se um remanejamento total das concepções tradicionais acerca das relações entre o homem, o mundo, o conhecimento e a consciência. Tendo por base a fenomenologia, a rigor não se pode considerar a relação homem-mundo, como se fosse um momento anterior à consciência, como se a consciência fosse algo que se dá porque há o homem de um lado e o mundo de outro. Conceber as coisas dessa maneira seria manter-se na atitude natural, criticada por Husserl.

Husserl concebe sujeito e objeto como pólos de uma mesma relação, a relação sujeito-objeto, que não é soma, nem confronto, nem interrelação, mas o todo, a globalidade. Por princípio e por evidência, não há sujeito sem objeto, nem objeto sem sujeito. Nesse sentido todo objeto é “real”, na medida em que é algo que efetivamente se relaciona com um sujeito.

Todo objeto é real e há várias modalidades de objeto e vários modos “do se mostrar” os objetos à consciência. Uma das tarefas da fenomenologia é descrever essas várias modalidades do se mostrar das coisas e objetos à consciência.

O mundo está diante do homem e tudo quanto se apresenta à consciência, tudo quanto seja percebido, lembrado, representado, sentido, existe da maneira como o mesmo se mostra, podendo a fenomenologia buscar este “mostrar-se” do objeto conforme propõe França (1989), por intermédio do método fenomenológico caracterizado pela redução-descrição-interpretação.

Para Husserl, trata-se não de se descobrir o que as coisas são mas de “ver” como elas são. A idéia de intencionalidade remete à idéia de homem no mundo, a uma total ruptura, com qualquer forma de dualismo, de mecanicismo, de determinismo sujeito-objeto.

Assim, para a noção de intencionalidade, diante das relações sujeito-objeto, face ao mundo do vivido, percebe-se o que já está manifestado. O mundo do vivido será, deste modo, o mundo dos fenômenos, único originário, sobre o qual tudo quanto se afirma ou se sabe, ou se revela, sendo então o vivido a base de tudo quanto o ser humano pensa, percebe, formula - é o sustentáculo da totalidade que o ser humano teoriza.

Para entender como Husserl chega ao mundo do vivido, ou seja, à intencionalidade, é necessário compreender as reduções fenomenológicas ou epochés que o autor propõe, a fim de que se possa atingir a atitude fenomenológica, na qual e apenas nela, se desvela esse novo mundo a ser explorado.

As reduções fenomenológicas se propõem superar, por uma questão de método, a atitude natural, sendo portanto, um procedimento essencialmente metodológico.

A atitude natural é pela qual habitualmente vive-se, e onde se é circundado por coisas e pessoas. Esta realidade, que está diante de cada um, é admitida como existente, considerando-se o mundo como dado e não se preocupando em saber como se tem acesso ao mesmo. Trata-se, por conseguinte, de uma atitude espontânea do ser humano face ao mundo, que considera o mundo como sendo aquilo que percebe e que não dá origem, necessariamente, à pergunta: como percebo?

Assim, a atitude natural é acrítica em relação ao problema do conhecimento se bem que, por essa própria ausência de questionamento acabe-se, inevitavelmente, por problematizá-lo. Desta maneira, não há na atitude natural, uma elucidação acerca do que é o conhecimento, pois todo conhecimento a que se chega, através dela, vem envolvido pelo questionamento: como se chegou ao conhecimento?

Não se pode, portanto, segundo Husserl, partir de nenhum conhecimento acerca das coisas para fundamentar um dado ou um fato. Segundo o mesmo, deve-se partir da vivência psíquica do conhecimento, pois, “ o conhecimento é, em todas as suas configurações, uma vivência psíquica: é conhecimento do sujeito que conhece. Perante ele estão os objetos conhecidos ” (1986, p. 42).

Na verdade, Husserl procura mostrar que é problemático no conhecimento o que é transcendente. Também, para Fragata (1959, p. 84) o ser do mundo exterior, para o qual se pode estar naturalmente orientado transcende a consciência, os fenômenos, caracterizando-se então como transcendente. Este último autor, continuando, afirma que o mundo interior ou do ser imanente no sentido radical, para o qual se deve orientar como filósofo, é denominado de transcendental.

Assim, o transcendental em Husserl é o campo próprio do conhecimento, sendo o campo da constituição do mundo (e de tudo quanto esteja contido nele) na consciência. O termo transcendente engloba tudo o que está fora do sujeito, porque o ser

transcendente é o ser real, sendo importante realçar que, na posição husserliana, está incluída no transcendente a consciência transcendental, de um modo mais pleno e rico. O transcendental, não é real, sendo portanto irreal, não que seja fictício, porém porque possui uma realidade peculiar.

Husserl sugere que no novo caminho para a busca da ciência nada de transcendente pode ser utilizado como já dado, conforme postula que

*... não é permitido, pois, empregar algo de transcendente como dado de antemão. Se eu não concebo como é possível que o conhecimento possa alcançar algo que lhe é transcendente, então também não sei se é possível.* (Husserl, 1986, p. 62)

É em função dessa conclusão que o citado filósofo parte para as epochés ou reduções que consistem, na suspensão dos juízos acerca do que é transcendente, ou não se pode operar com nada que seja transcendente. As reduções consistem em colocar entre parênteses tudo aquilo que na atitude natural se concebe como óbvio, existente, isto é, o mundo, as coisas, as próprias pessoas enquanto seres naturais, enquanto seres do mundo.

O vivido é considerado pelo autor como dado absoluto, originário, fundamentador inclusive da percepção de haver um mundo, pessoas e tudo o mais que se percebe como existindo. O vivido é o fenômeno, aquilo que se mostra tal como se mostra, isto é, compõe o mundo da percepção, da representação, da recordação e da imaginação, enfim, todo o mundo de significações da experiência do ser humano. O vivido implica em intuição na fenomenologia de Husserl.

Convém realçar que a preocupação husserliana é metodológica, busca em princípio um caminho (hodos) e o encontra na intuição.

A intuição possibilita uma apreensão imediata e direta daquilo que se mostra. Consiste naquilo que o vivido fornece, é a própria apreensão do que se mostra, isto é, do fenômeno, pode ser exemplificada da seguinte maneira: considera-se apenas o conteúdo significativo de um prato, prescindindo de qualquer presença, e da imaginação, havendo simplesmente uma intenção. Mas, quando o prato é colocado diante do sujeito a intenção que estava, por assim dizer, vazia, fica preenchida pela presença do mesmo

transformando-se numa intuição. Para Fragata (1959, p. 55), “A intuição é uma síntese entre a mente da qual provém a mera intenção e o objeto.”

No enfoque fenomenológico, quando a intenção for preenchida de sentido por um objeto, tem-se um desvelamento. Assim, pela intuição, a Família e o Eu dos Filhos aparecerão como um desvelamento para a consciência da pesquisadora, quando provoca o aparecimento dos momentos de significação histórica e situacional. Isto porque, na concepção fenomenológica o fundamental é que há um Eu e uma história que se relacionam a um dado contexto, que lhe confere uma caracterização existencial. Na verdade, a história entendida nesta concepção é a passagem do anonimato para uma consciência em si, não de forma isolada, mas num contexto que é a família.

Portanto, a fenomenologia é considerada como uma ciência intuitiva, pois pretende apreender as coisas na sua pureza fenomenológica. Em Husserl, a noção de intuição está indissociavelmente ligada ao elemento de presença. Intuir alguma coisa implica que este algo está presente diante do indivíduo - sem o que não há intuição possível. Dizer que a fenomenologia envia o sujeito ao mundo do vivido é o mesmo que dizer que a mesma remete ao mundo da intuição, definida como apreensão direta daquilo que se mostra.

As reduções ou epochés possibilitam o acesso ao mundo do vivido ou o que vem a dar na mesma, desvelando o mundo da intuição. A essência do conhecimento será portanto, a intuição.

A redução fenomenológica, segundo Husserl, realiza-se em três momentos progressivos, que são tais como: redução psicológica, redução eidética e redução transcendental.

Primeiramente, ocorre a redução psicológica, na qual em lugar do mundo em si, surge o mundo da consciência, o mundo reduzido às vivências do indivíduo. Do mundo, neste momento só se pode falar na primeira pessoa e tudo que me é exterior está posto entre parênteses. É o movimento pelo qual coloca-se entre parênteses a realidade do mundo em si e considera-se tão somente aquilo que aparece para a consciência.

No segundo momento, ocorre a redução eidética que permite distinguir fatos e essências( eidos). Coloca-se entre parêntese o fato, deixando-se emergir a idéia, o sentido. Suspende-se o fato na busca do eidos. A essência é a significação do fato e só se

revela em uma situação, isto é, não se revela independente do fato. O fenômeno (fato), neste nível, é contingente e não representa senão um aspecto singular do objeto. Importa que o mesmo seja sujeito a uma série arbitrária de variações para alcançar aquilo que se apresenta como invariável, como necessariamente comum, que é a essência ou o “eidos” procurado.

Na redução eidética há um esforço de pensamento que se exerce sobre o fenômeno no sentido de busca, um esforço mental para descobrir a essência, pois o ser fundamental de fenômenos tais como percepção, imaginação, sensação, fato psíquico etc., possibilitam uma atitude de purificar o fenômeno de tudo que comporta de inessencial, a fim de fazer aparecer o que lhe é essencial.

As essências obtidas com as sucessivas reduções já operadas contém ainda a marca do “mundano”. Trata-se, nesta nova etapa, colocar entre parênteses o próprio “Eu”, inibindo todo o interesse existencial, toda a “mundaneidade” (Fragata, 1959), surgindo neste exercício, o terceiro momento da redução, denominada de redução transcendental.

Na redução transcendental, o mundo é visto como correlato da consciência que se situa no nível da intencionalidade da noesis (operação consciente) e do noemático (objeto significativo). Nesta redução, permite-se ao ego constituir a essência do fenômeno, suspendendo-se as vivências psíquicas e emergindo as vivências fenomenológicas.

Husserl chamará de noema a descrição de diversas maneiras como um objeto é intencionado, envolvendo todo seu conteúdo e denominará de noesis a cada ato da consciência. Assim, a cada noesis corresponde um noema correlato. Por exemplo, à noesis, isto é, o ato de imaginar (imaginação) corresponde o correlato noemático imaginário (Capalbo, 1987, p. 37-38).

Para ilustrar o citado posicionamento filosófico tem-se o exemplo da árvore em que a cor que se percebe em seu tronco, colocada entre parênteses pela redução transcendental ou fenomenológica, pertence ao noema, embora não pertença como algo de real à vivência da percepção da árvore (noesis), pois nesta o que ocorre é a sensação de cor, o elemento hylético da vivência concreta na qual se esboça a cor noemática. Segundo Husserl, os dados sensíveis reais de um objeto constituem os momentos hyléticos do conhecimento, que pela redução fenomenológica, possibilitam os momentos noemáticos, nos

quais emerge como resultado do ato intencional e do objeto visado não apenas do objeto, o sentido de um objeto fenomenologicamente intencionado e reduzido.

Assim, a noesis é a atividade da consciência e noema é o objeto constituído por essa atividade. O noema é visto como correlato de um ato intencional, a noesis apresenta-se como objeto da redução fenomenológica.

Os momentos da redução fenomenológica, até aqui apresentados, não se constituem em fases estanques, mas configuram, no seu conjunto, uma postura para a investigação do fenômeno.

## CAPÍTULO IV

### MOMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo refere-se à metodologia empregada para a pesquisa, que pretendeu buscar, através dos depoimentos, as interrelações entre o Eu dos filhos e a família, na cidade do Rio de Janeiro.

Portanto, foram estudadas as respostas às questões que se seguem:

- 1) Que relações familiares foram coletados com maior frequência em relação ao Eu dos filhos?
- 2) Como se caracterizaram as imagens construídas pelos filhos no que se refere aos pais?
- 3) Que situações do contexto familiar podem ser inferidas que mais influenciaram no Eu dos filhos?

Trata-se de uma metodologia predominantemente qualitativa, apresentando as seguintes características discutidas por Lüdke & André (1986):

- a) o contato direto entre pesquisador e pesquisado, a fim de estudar-se as respostas em ambiente natural, sem constrangimento;
- b) coleta de dados mais relevantes ao estudo;
- c) ênfase na significação atribuída aos fatos pelos respondentes.

Fundamentou-se na fenomenologia de E. Husserl caracterizada pela investigação da história do conhecimento, que propõe o retorno à origem das coisas e implica na descoberta de meios para a abordagem do fenômeno estudado, partindo da respectiva descrição e interpretação dos mesmos.

A fenomenologia propõe orientação para uma compreensão que respeite a complexidade do real e que se apresenta como a mais indicada ao presente estudo, bem como identifique uma nova ordem de objetividade, útil para se aceitar os fatos como ocorreram em cada situação. Desta maneira, buscou-se proceder desse modo, a uma observação dos fenômenos com o máximo de acuidade, a fim de afastar os preconceitos que pudessem interferir no julgamento.

A pesquisa deverá ater-se à verbalização do entrevistado. É, justamente da relação entre o pesquisador e a verbalização do pesquisado que deve ocorrer a apreensão da realidade e a possibilidade de uma compreensão do fenômeno estudado.

A abordagem fenomenológico adotado é indicada para este estudo, pois visa mostrar e identificar como são explicitadas as estruturas do fenômeno analisado, isto é, o que é pensado pelos pais e respectivos filhos. Os dados coletados devem permitir a identificação de algo que não constitui apenas a aparência daquilo que é observado. Não se pode pretender transformar ou alterar as características dos fenômenos coletados, mas considerar apenas os dados o mais próximo possível da realidade.

As afirmações sobre o fenômeno estão implicadas na própria experiência dos sujeitos investigados, permitindo que se compreenda as realidades experimentadas pelos mesmos, ou seja, a maneira como o indivíduo experimenta o que é vivido. Trata-se de uma experiência do vivido, que não pode ser definida, explicada, mas apenas descrita por implicação.

Se a consciência é intencional porque visa um objeto, a intencionalidade deve tornar-se a direção da consciência da pesquisadora para a Família e o Eu dos Filhos, que só pode descrever aquilo que é experimentado pelos mesmos.

Trata-se de um procedimento de pesquisa que tem como finalidade atingir uma fundamentação para o conhecimento, abandonando qualquer tipo de pressuposição. Na análise dos dados levantados nesta pesquisa, em que se adotou a redução fenomenológica, os atos da consciência são considerados como experiências de objetos, como experiências nas e através das quais os objetos ocorrem e são apreendidos tais como aparecem. Pela redução fenomenológica, a consciência é aberta como o único meio de prioridade absoluta, porque ela se revela como o meio de acesso para tudo o que existe e é válido.

Para França (1989), o método fenomenológico consiste essencialmente na redução fenomenológica, descrição e interpretação e, na Psicologia, essa nova metodologia permite estudar os fenômenos psicológicos em seus aspectos fundamentais, não se limitando ao simples estudo de comportamentos observáveis.

Na trajetória de ida ao fenômeno, após o primeiro momento que é da redução fenomenológica, num segundo momento, realiza-se a descrição em que o

pesquisador registra o que o pesquisado expressa, fazendo sua exposição ou depoimento com palavras do cotidiano que revelarão uma descrição ingênua da própria experiência vivida que é uma condição para captar o fenômeno. Estando interessado na experiência do pesquisado, vai ser registrado o que ele diz, como diz, a entonação de sua voz, seus gestos, sua expressão etc, também, França (1989) afirma que a descrição:

*consiste no esforço de enumerar aqueles aspectos que são imprescindíveis para se ficar conhecendo que fenômeno é este que se está investigando. ... Pretende-se clarificar a experiência vivida, tentando tornar explícita a sua estrutura. Cabe, então, uma análise descritiva que procure tornar explícitos os significados implícitos na experiência vivida, de tal forma que o fenômeno se torne presente e possa ser interpretado.* (p. 30-32)

No terceiro momento, que é a de interpretação, o pesquisador vai assumir uma perspectiva psicológica, a fim de encontrar um meio de tornar a compreensão explícita.

A interpretação fenomenológica traz o significado à ação do pesquisado que cabe ao pesquisador desvelar. Surge, então, o fruto do que é percebido e do vivido, relacionando tudo aquilo que foi registrado na descrição.

O referido autor mostra que os três momentos do método fenomenológico - redução, descrição e interpretação, não são fases isoladas da pesquisa, mas uma postura do pesquisador que envolve estas etapas de forma interrelacionadas, num mesmo conjunto, expostas separadamente apenas por razões didáticas.

#### 4.1. SUJEITOS DA PESQUISA

Os filhos foram os sujeitos da pesquisa, totalizando dez filhos, envolvendo oito famílias cujos respectivos filhos possuem de dez à vinte anos (pré-adolescentes e adolescentes), que não apresentavam problemas de comportamentos extremos anti-sociais, isto é, álcool, drogas, criminalidade, etc. A escolha dos mesmos foi de forma casual, ou

seja, foram utilizadas indicações de amigos, conhecidos e das próprias pessoas que já haviam sido entrevistadas.

Como se trata de uma pesquisa relativa ao fenômeno situado, a escolha das famílias foi de acordo com o interesse e disponibilidade das pessoas consultadas.

Visando obter o grupo de entrevistados, procedeu-se a um primeiro contato, a fim de identificar as famílias que estavam dispostas a participar da pesquisa e marcar-se a hora, bem como, a data da entrevista.

Em um segundo momento, ocorreu a entrevista com cada família, no sentido de esclarecer os objetivos, mostrar a importância da investigação e a participação da mesma no processo.

É interessante referir que não se considerou o nível sócio-econômico das famílias escolhidas, face às dificuldades de serem encontrados critérios objetivos para a respectiva classificação das famílias.

#### **4.2. INSTRUMENTO PARA A COLETA DOS DEPOIMENTOS**

Neste item, será descrita a forma de coletar os depoimentos dos sujeitos pesquisados.

No contato inicial com o entrevistado, procurou-se esclarecer que se tratava de um estudo para uma tese a ser apresentada a uma universidade.

Foi explicado ao pesquisado que sua participação seria espontânea e muito importante, mas todos os fatos e experiências narrados seriam mantidos em completo sigilo, procurando-se dessa maneira afastar qualquer indiscrição.

Evitou-se o emprego de questionário fechado, em que o pesquisador pudesse induzir as respostas dos sujeitos investigados, afastando-se a possibilidade de sugerir direções para as experiências vivenciadas. Desta maneira, foram obtidos depoimentos em que os significados atribuídos devem ter sido mostrados como tal, sem qualquer influência externa.

Os contatos com os sujeitos da pesquisa atenderam ao modelo estabelecido por BLEGER (1980). Desta maneira, pretendeu-se proporcionar ampla liberdade de formular perguntas entre entrevistado e entrevistador, sendo fundamentais, porém as

funções de “escutar”, de “vivenciar” e de “observar” o campo total por parte daquele que entrevista.

Na entrevista adotada que foi a do tipo aberta, o citado especialista propõe que se incentive as “falas” dos sujeitos (filhos e pais ou responsáveis), com o intuito de obter relatos que incluam suas opiniões e o que pensam como rotinas, recordações de momentos significativos, experiências de vida, sonhos, metas futuras, valores etc. Através dos discursos obtidos, pretendeu-se compreender a conduta do entrevistado, buscando-se identificar a situação e os obstáculos enfrentados. Foram também considerados alguns aspectos não-verbais na entrevista, mais importantes para coadjuvar a interpretação dos depoimentos.

Por outro lado, as reações do entrevistador (a contratransferência) e do entrevistado (a transferência) devem ser aproveitadas e não apenas as reações e verbalizações do entrevistado, o que enriqueceu a análise realizada.

BLEGER esclarece o seguinte:

*a transferência refere-se à atualização na entrevista, de sentimentos, atitudes e condutas inconscientes, por parte do entrevistado, que correspondem a modelos que estabelece no curso do desenvolvimento, especialmente na relação interpessoal, com seu meio familiar. ... Na contratransferência incluem-se todos os fenômenos que aparecem no entrevistador como emergentes do campo psicológico que se configura na entrevista : são as respostas do entrevistador às manifestações do entrevistado, o efeito que têm sobre ele. (1980, p. 23-24)*

Para o registro fiel das informações foi utilizado o gravador, com a permissão do pesquisado, pois este procedimento possibilita a coleta fiel e imediata de tudo que é dito pelo entrevistado, deixando-se o entrevistador livre para dedicar-se à observação das expressões pessoais, atitudes, comportamentos etc do entrevistado.

As gravações foram transcritas, textualmente, imediatamente após as

entrevistas, o que permitiu registrar-se durante as transcrições pausas, expressões faciais, lágrimas nos olhos, tristeza, alegria, variações de tom de voz, silêncio, lapsos de expressão, gírias, hesitações etc, que podem colaborar e enriquecer a análise dos entrevistados.

Em relação ao registro daquilo que é verificado nos procedimentos do entrevistado, no que se refere à interpretação, BRIOSCHI & TRIGO, esclarecem o seguinte:

*... o entrevistador ouve é um discurso no qual o sujeito fala da representação que tem dos fatos. O que de sua vida, ele em suma se conta, segundo suas categorias de valores e seus códigos temporais. É um trabalho de interpretação, onde o filtro perceptivo vai determinar desde a seleção dos fatos até o significativo atribuída a eles. O narrador conta sua vida, hierarquizando, valorizando ou desvalorizando determinados aspectos, reforçando outros, imprimindo à narrativa a sua visão pessoal e subjetiva. ( 1987, p. 636)*

Portanto, conforme os dois autores citados anteriormente, analisar uma mensagem sob ótica descritiva é poder considerar não só o conteúdo verbal, mas as informações relevantes sobre o que ocorre com o emissor no momento da entrevista, como silêncios, risos, posturas, formas de relação com o entrevistador, palavras que se repetem com frequência no texto, lapsos de pensamento, pronomes utilizados, características do discurso (se é muito frio e/ou emotivo) etc.

Nesta forma de análise, cada entrevista é considerada isoladamente e depois integrada em uma totalidade, que possibilita comparações e uma verdadeira síntese final.

#### **4.3. PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DEPOIMENTOS NA PESQUISA**

A pesquisadora torna claro aos sujeitos da pesquisa que deseja conhecer suas reflexões mais significativas sobre as experiências que cada um vivenciou no ambiente

familiar. Dessa maneira, irão procedendo um retorno à consciência de si mesma, recuperando os momentos vividos, com a volta ao mundo presente de cada um, incluindo as coisas sobre as quais não pensaram e que também participam do cotidiano na busca do significado de suas experiências. Em seguida, buscará esclarecimentos dos sujeitos entrevistados em seus domicílios, por opção dos mesmos, empregando a entrevista aberta, com uma pergunta geradora dos depoimentos, em que os pais ou responsáveis e filhos, se manifestaram a respeito dos seguintes temas:

1) Para os pais: Descreva suas relações pessoais com seus filhos?

2) Para os filhos: Descreva suas relações pessoais com seus pais?

A técnica de coleta de dados utilizada, orientou-se pelo procedimento analítico próprio para a pesquisa fenomenológica sistematizado na obra de Carlos França (1989), visando os conteúdos dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa, operacionalizados conforme as seguintes etapas:

1) Sentido do todo.

E. Husserl concebe sujeito e objeto como pólos de uma só e mesma relação - a relação sujeito-objeto, que não é soma, nem confronto, nem mesmo interrelação, mas o todo, a globalidade. Assim, a pesquisadora realizou uma leitura do todo de cada depoimentos para apreender o sentido global de cada um, face ao objeto da pesquisa, visando obter uma totalidade do conjunto do texto.

Trata-se, portanto, de uma leitura espontânea, em que a pesquisadora estabelece contato com os dados fornecidos pelo entrevistado a fim de conhecer o texto, livremente, sem se influenciar por impressões superficiais, permanecendo atento ao clima emocional de cada conteúdo verbalizado, de modo a considerar os silêncios, as falas ocultas e manifestas, bem como buscar o contato com o discurso.

França (1989, p. 38) considera que a primeira leitura do material verbal fornecido pelo o entrevistado tem o

*intuito inicial de compreender a linguagem do produtor do texto  
.... não se interroga nem se explicita o sentido geral do texto.  
Entretanto, está ... implícita a preocupação de fundamentar as*

*possibilidades de identificação das unidades significativas que poderão emergir dos textos.*

A compreensão dos vividos intencionais visa à apreensão da totalidade dada e da significação global de uma forma ou de uma estrutura que não pode ainda ser decomposta, sendo necessário que a mesma seja considerada sob determinada perspectiva, disto surgindo a identificação da unidade significativa.

2) Identificação das unidades significativas numa perspectiva psicológica.

Assim, torna-se necessária uma divisão do texto em unidades significativas, passíveis de serem trabalhadas, a fim de expressarem o vivido em relação ao objeto da pesquisa.

Segundo França (1989, p. 39)

*Essas unidades se tornam significativas para o pesquisador, dependendo do critério que ele utiliza para fazê-las emergir nos textos...são vistas pelo pesquisador como sendo constitutivas do texto e não simples elementos isolados. Constitutivo significa ... que faz parte do contexto.*

Portanto, nos conteúdos dos depoimentos a pesquisadora, atenta para os relatos e para as unidades de sentido contidas nas experiências significativas, inicia os recortes principais, desmembrando as narrativas e retirando os trechos que contenham os fatos da vida do entrevistado, segundo suas categorias de valores, códigos temporais etc. Ainda, a pesquisadora, “ ao reler o texto, torna-se consciente de uma mudança de significado da situação para o sujeito, a qual parece ser psicologicamente sensível” (França, 1989, p. 39).

A identificação das unidades percebidas, dentro das descrições dos sujeitos, possibilita o aparecimento de categorias de unidades significativas, emergidas no discurso dos entrevistados, que caberão ao pesquisador discernir, escolher, selecionar, separar, agrupar, perceber e diferenciar.

Segundo Capalbo, é denominado categoria “ qualquer objeto supra-sensível ou ideal, isto é, não apreensível pelos sentidos” (1987, p. 37), como por exemplo, o prato, as flores são objetos sensíveis, isto é, objetos apreendidos na sua singularidade empírica, de um modo simples, sem necessidade de qualquer fundamento, mas se o prato estiver florido, teremos um objeto de outra categoria, que é o prato florido.

As categorias levantadas poderão facilitar a realização da etapa seguinte.

3) Transformação das expressões cotidianas dos sujeitos numa linguagem psicológica.

As unidades significativas expressas em linguagem leiga serão transcritas em linguagem psicológica, evidenciando a forma de tematização proposta pela pesquisadora.

Conforme França (1989, p. 41), para o pesquisador a transferência visa

*... elucidar os aspectos psicológicos num aprofundamento apropriado à compreensão dos eventos descritos. Isto é feito, basicamente, por intermédio da reflexão e da variação imaginativa ... uma imaginação disciplinada, sistemática, que se utiliza de indicadores contidos nos textos.*

*Interroga-se amplamente o texto, ... reflete-se sobre as possibilidades emergentes na unidade, com o intuito de tematizar as percepções e intenções do sujeito.*

As formas de registro das Unidades Significativas, expressas na linguagem dos sujeitos, serão apresentadas pela pesquisadora como o Discurso do Sujeito (D.S.) e suas respectivas transformações em linguagem psicológica como a Unidade Transformada (U.T.).

Finalmente, a quarta etapa configura-se como a síntese das unidades significativas transformadas (em linguagem psicológica).

Realizar-se-á uma síntese das unidades significativas transformadas, “identificadas como sendo de uma mesma categoria, numa proposição psicológica consistente” (França, 1989, p. 41).

A sintetização visará articular todos os elementos da experiência vivida pelos entrevistados, procurando-se comparar a síntese dos depoimentos a fim de encontrar aquilo que é invariante, isto é, o que existe de essencial, o que existe de peculiar a cada um e procurando-se, desta forma, extrair a estrutura do vivido, transcendendo-se o desvelamento do fenômeno estudado.

Portanto, são resumidas e integradas a compreensão contida nas transformações das unidades significativas, em descrição consistente da significação psicológica dos eventos analisados em cada categoria, possibilitando-se sua comunicação aos leitores da pesquisa para a respectiva confirmação ou réplica.

## CAPÍTULO V

### ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DEPOIMENTOS DOS ENTREVISTADOS

Através da análise e interpretação dos depoimentos, que obedeceu à abordagem fenomenológica, feita com a abertura da consciência para o real pesquisado, foi possível partir do sujeito da consciência para o mundo vivido, emergindo nas convergências dos discursos as unidades significativas e a composição das categorias indicadas nas descrições efetuadas pelos sujeitos, assim consideradas:

- . Relações Familiares
- . Comportamentos Familiares
- . Diálogos
- . Interpretações feitas pelos Filhos sobre os Pais

Assim, após a leitura dos depoimentos originais visando ao conhecimento do todo, foram identificadas e estudadas as Unidades Significativas. Estas Unidades foram, então, analisadas e interpretadas, num primeiro momento, no âmbito das categorias que emergiram nos depoimentos expressos pelos sujeitos.

#### 1 - RELAÇÕES FAMILIARES

Discurso do sujeito (D.S.) pesquisado - “ As relações familiares formam-se no decorrer da vida e deve haver respeito de todos os membros da família ... O relacionamento com a minha filha é de muito carinho e amor, talvez, até em excesso ... Temos uma relação muito próxima. Lógico nem sempre corre bem, mas pelo o que vejo ao meu redor acho que o caminho é o amor, compreensão e respeito. O comportamento da minha filha é de todo adolescente, querem conhecer e testar a vida. Fazer tudo ao mesmo tempo, mas apesar desta ânsia de conhecer o mundo, ela vem se desenvolvendo de forma equilibrada.” (Família 1, mãe, 46 anos - Dep. 1)

*Unidade transformada (U.T.) - Para os pais as relações familiares devem envolver uma verdadeira harmonia entre os membros de uma família, mesmo sendo*

*controladores ou severos em determinados momentos com os filhos, o são de modo coerente, tendo como único caminho muito respeito, carinho e amor. Desta forma, será possível educar e criar filhos conscientes, por meio de uma relação saudável entre pais e filhos.*

(D.S.) - “ Eu acho que as relações pais e filhos é sempre uma relação muito delicada ... as pessoas tem medo... de se relacionarem. Acho que isto é o que dificulta e quando este medo acaba fica tudo mais fácil. ... Quando você para de ver assim o seu pai como chefe ... passa a ver como amigo ... passa a se relacionar melhor... Acho que é uma relação delicada porque ao mesmo tempo ... que o pai e a mãe tem que educar, tem que repreender ... ele quer ser amigo, quer compartilhar. ” (Família 1, filha, 19 anos - Dep. 2)

*(U.T.) - Os filhos reconhecem que é uma tarefa difícil e delicada a função dos pais de educar, também, afirmam a existência do sentimento de medo e temor no ambiente familiar, o que pode dificultar o relacionamento. Na opinião dos mesmos, quando são resolvidos estes sentimentos, eles vêem os pais como amigos.*

(D.S.) - “ Sou divorciado, tenho dois filhos do primeiro casamento. Casei pela segunda vez e desta união nasceu um terceiro filho. Minha experiência nesse relacionamento de pais e filhos ela tem dois lados. No primeiro casamento, tive um convívio com eles durante quatro anos bastante conturbado. .... No segundo casamento o relacionamento familiar melhorou muito, apesar da minha esposa querer facilitar em relação ao estudo. Na minha opinião a família tem duas armas: a sinceridade e a honestidade, sem elas não chega-se a lugar nenhum.” (Família 2, pai, 58 anos - Dep. 3)

*(U.T.) - Após um relacionamento familiar conflituoso, as pessoas, ao reconstruírem uma nova família, procuram evitar a repetição dos mesmos erros, evidenciando-se a dignidade e a sinceridade, ainda, acreditando-se na estrutura familiar ao desenvolverem o sentimento de família.*

(D.S.) - “ Uma família só chega a algum lugar tendo como válido a dignidade e a sinceridade. O nosso relacionamento é o melhor possível porque procuramos juntos dar o melhor para o nosso filho, principalmente em relação o respeito ao próximo. É por isso que só recebemos elogios de todos sobre a educação do nosso filho porque pela sua idade de quinze anos nos dias de hoje é um adolescente exemplar.” ( Família 2, mãe, 35 anos - Dep. 4)

*(U.T.) - Os pais reconhecem que deve existir coesão, harmonia, dignidade e sinceridade nas relações familiares a fim de desenvolver uma educação adequada aos filhos.*

(D.S.) - “ ... Não existe grandes discussões e brigas em casa. ... Gosto dos meus pais. Eles gostam de mim por isso eles se preocupam tanto comigo.” ( Família 2, filho, 15 anos - Dep. 5)

*(U.T.) - Nas relações familiares os filhos preferem a harmonia acompanhada de uma atenção constante dos pais.*

(D.S.) - “ A separação trouxe-me de volta para casa de meus pais. Este retorno não foi tão simples porque voltei com duas crianças pequenas (1 e 2 anos). Voltei porque naquele momento o mais importante era manter as crianças num ambiente familiar, onde continuariam recebendo proteção, afeto e cuidados necessários ao equilíbrio emocional dos dois. A separação sempre deixa algumas seqüelas e as crianças mais frágeis e sensíveis, são as que mais sofrem. Pensando nisso procurei amenizar suas dores através do amor e da atenção não esquecendo, porém, de ensinar os limites.” ( Família 3, mãe, 44 anos - Dep. 6)

*(U.T.) - Uma separação em uma família é sempre difícil, principalmente quando envolve filhos, deve-se preservar o ambiente familiar para manter o equilíbrio emocional de todos os membros familiares.*

(D.S.) - “ ... Além da minha mãe, do meu irmão e do meu cachorro, eu vivo também com minha tia e minha avó. Elas ajudam a cuidar da gente. A minha tia, é professora por isso ajuda mais no estudo e a minha avó é que cuida da nossa alimentação. Eu gosto da minha família, porque é dela que recebemos carinho e educação.” (Família 3, filha, 11 anos - Dep. 8)

*(U.T.) - Na família extensa, há uma distribuição de tarefas na organização familiar com o intuito de manter a sua continuidade, mas acompanhada de amor.*

(D.S.) - “ Há cerca de dez anos a minha irmã separou-se do marido, veio morar na nossa casa, trazendo consigo os dois filhos. No início foi tudo difícil, porque já tínhamos a nossa vida toda organizada e a presença das duas crianças provocou uma grande modificação nos nossos hábitos. A separação era um fato consumado ... Então, desdobramos em tarefas e atenções, para diminuir as tensões pelos as quais os três estavam

passando. Neste ambiente as crianças foram crescendo, acompanhadas sempre de alguém da família. Nunca ficaram sozinhas em casa. Quando minha irmã não pode estar presente, eu e minha mãe revezamos para atendê-los. Seja em casa, na rua e também, na escola.”

( Família 3, tia, 51 anos - Dep. 9)

*(U.T.) - A separação de uma família nuclear sempre ocasiona dificuldades dentro de um ambiente familiar, no caso da mesma transformar-se em uma família extensa, é necessário uma nova organização e reestruturação familiar para diminuir as tensões emocionais, de tal modo a preservar o sentimento de família.*

(D.S.) “ ... Existem momentos da nossa vida familiar que considero de extrema importância para a formação de meus filhos: 1- a reunião de todos em torno da mesa para, pelo menos, uma refeição diária. Nesse momento trocamos idéias ou, como acontece algumas vezes, chamo atenção para esta ou aquela atitude que não está de acordo com a educação exigida; 2- Os diálogos são constantes porque acho necessário na formação moral de cada um. O fato de assistirmos filmes na TV juntos facilita a discussão dos mais variados assuntos; e 3- Os amigos são sempre bem recebidos. É uma forma de observar com quem eles estão se relacionando e para conquistar a confiança de todos procuro acompanhá-los de perto. (Família 3, mãe, 44 anos - Dep. 6)

*(U.T.) - É de extrema importância os encontros familiares, onde a convivência é construída gradativamente durante as refeições diárias, como também, assistir juntos filmes na TV e receber os amigos dos filhos em casa. É uma forma dos pais acompanharem todos os passos dos filhos.*

(D.S.) - “ A minha mãe é legal. ... A vida com ela é sempre divertida: inventa passeios, incentiva a convivência com os amigos, mas só aquele que ela conhece.”

( Família 3, filho, 13 anos - Dep. 7)

*(U.T.) - Os filhos mostram que é possível uma convivência familiar.*

(D.S.) - “ Tenho dois filhos. Uma é deficiente mental, altista e cega, teve tumor maligno e o outro, é um adolescente, como dizem, aborrecente e tem dezenove anos. ... Meu filho cansou de dizer prá mim quando menorzinho: “Mãe me arruma outra irmãzinha que não seja igual a M.”... fico angustiada de ver um menino nas portas dos vinte anos ainda não terminou o segundo grau. ... O pai dele foi embora quando a minha filha doente nasceu e fiquei tomando conta dos meus filhos. Acredito que a maior dificuldade do

meu filho foi ter tido essa irmã como M. ... Tive que me dedicar muito a minha filha e acabei deixando-o de lado ... deu revolta e uma porção de problemas existenciais ...”

( Família 4, mãe, 47 anos - Dep. 10)

*(U.T.) - Uma família matriarcal que enfrenta muitas situações difíceis, tais como, o pai que separou-se da família quando nasceu a filha deficiente mental e cega, por conseguinte, a mãe sozinha, dedicando-se muito a esta filha, acaba deixando o outro filho sem a devida atenção, tornando-se o mesmo egocêntrico e com problemas existenciais. O filho apresenta dificuldades nos estudos, pouco diálogo no ambiente familiar e torna-se um revoltado por ter uma irmã deficiente, afirmando quando pequeno: “Mãe me arruma outra irmãzinha que não seja igual a M.”*

(D.S.) - “ A família é algo muito difícil... tendo pais separados e uma irmã deficiente sempre tive um bom relacionamento, mesmo com todas as queixas ... desavenças ... brigas. Como queria que essa participação o meu pai estivesse mais perto, mas infelizmente não está. ... A minha mãe diz que o único filho que deu certo prá ela foi M., minha irmã ... Minha mãe diz: Jamais faria o que você faz! Eu pergunto: Ela está no meu lugar prá falar isso! O meu modo de pensar é diferente da minha mãe. ... Mesmo que não seja aquele filho digno e esperado por ela, por não fazer as coisas que ela faz, eu a admiro muito, pelas dificuldades que ela passou, tudo que ela sentiu e pela mulher que ela é hoje. ... Às vezes, quando ela está com raiva, ela diz coisas que te magoa muito. Eu me julgo uma pessoa maníaco-depressivo. Meu humor está sempre oscilando. Não sei quando estarei alegre, com raiva ou depressivo. ...” ( Família 4, filho, 19 anos - Dep. 11).

*(U.T.) - O filho apresenta conflitos familiares com a mãe por meio de brigas, desavenças e sente-se menosprezado quando a mesma afirma que o único filho que deu certo foi com a sua irmã, que é portadora de uma deficiência. Diante das palavras agressivas da mãe que magoam, o filho sente-se como não desejado e indigno, entretanto, o mesmo admira-a. Convivendo com a desestruturação familiar, o filho manifesta a ausência do modelo masculino no seu convívio familiar ocasionado com a separação dos pais. Ao mesmo tempo, desenvolve o filho um comportamento oscilante entre a alegria, raiva e depressão ocasionando uma baixa auto-estima, onde define-se como maníaco-depressivo.*

(D.S.) - “ ... Os filhos tem a sua família e ... se dispersam, ... não se preocupando com os pais...O que acontece com aqueles que a geraram? Quando vejo o

estado do meu pai, quando vi o que ele era antes e o que ele é hoje ... traz até medo. Penso que vai depender conforme eu vou educar os meus filhos, ... do convívio, mas também, do amor do dia-dia. .... Quando a família tem harmonia ela tende a durar e muito, ... sem harmonia o grupo não funciona. A harmonia dentro de casa pode ser feita. Vai depender do convívio em si. ...” (Família 4, filho, 19 anos - Dep. 11).

*(U.T.) - O filho coloca a importância da harmonia e do amor no convívio familiar como elementos fundamentais para evitar a desunião da família no futuro, inclusive, como uma forma de amparo aos pais na velhice. A harmonia pode ser realizada e vai depender somente do convívio familiar em si.*

(D.S.) - “ ... Criei os meus filhos (2) e netos (2). A minha filha quando separou-se do marido e começou um novo relacionamento, deixou os seus dois filhos comigo para criar. Criei os netos ( um menino e uma menina) e quando o meu neto também separou-se da esposa, ambos tiveram a mesma atitude, diante do novo relacionamento, deixando o seu filho de meses para criar, que é o meu bisneto. O meu neto fez a mesma coisa que a minha filha. Agora está mais difícil de criar ... tenho menos força e vitalidade. Tenho dificuldades de acompanhar seus estudos. Preocupo-me com o futuro do meu bisneto. ... Meu filho ... que é o tio-avô e padrinho ... prometeu cuidar dele quando vier falecer. ...” ( Família 6, bisavó, 74 anos - Dep. 14).

*(U.T.) - A bisavó descreveu um relacionamento familiar em que o neto apresentou uma imitação natural das atitudes dos pais ao abandonar o filho de meses ao separar-se da esposa e diante do novo relacionamento. Com uma idade avançada (74 anos) e uma saúde precária, preocupa-se com o futuro do bisneto (10 anos) procurando uma figura masculina alternativa que assuma a educação desta criança, quando vier a falecer, demonstrando um profundo amor maternal por esta criança.*

(D.S.) - “ ... Procuro dar ao meu bisneto autonomia para o futuro até ensino a fazer coisas dentro de casa, por exemplo, como fazer café, um bolo etc. Eu sou tudo para o meu bisneto. Se não existisse o meu bisneto não sei o que seria de mim. ... Eu sou muito importante para o meu bisneto, apesar dele ter pai e mãe. ... O meu bisneto sempre diz que me ama muito. Sempre digo ... que a pessoa que mais ama ele sou eu. ...” ( Família 6, bisavó, 74 anos - Dep. 14).

*(U.T.) - A bisavó preocupa-se com o futuro do bisneto, procurando dar-lhe autonomia nas atividades domésticas demonstrando um amor maternal e paternal, ao mesmo tempo, tentando superar uma ausência dos pais que renunciaram ao filho.*

*(D.S.) - “ O bisneto chama a bisavó de mamãe.*

Se eu não tivesse a minha mãe a minha vida seria pior. A minha mãe educa bem ... desde pequeno .... fiz um poema prá ela no dia das mães: ... Mamãe eu ti amo, ... você é minha vida ... você é minha flor e eu um pássaro cantor, Mamãe você é minha terra e não posso viver sem ela, Mamãe você é meu ar, e eu uma gaivota a voar ... Alguns amigos da escola ou da praça onde brinco quando vêm a minha mãe perguntam se ela é realmente minha mãe porque ela é velha e as suas mães são mais novas, respondo que ela é minha mãe. Eu gosto muito da minha mãe e não posso viver sem ela ...” ( Família 6, bisneto, 10 anos - Dep. 15).

*(U.T.) - O bisneto chama a bisavó de mãe demonstrando a necessidade de ter alguém que o ame como filho, a ponto de fazer uma poema no dia das mães para homenagear a pessoa que lhe transmite amor.*

#### **- SÍNTESE DAS UNIDADES SIGNIFICATIVAS TRANSFORMADAS**

As relações familiares pais-filhos envolve coesão, convivência e harmonia entre os seus membros, tendo como único caminho muito respeito, dignidade, sinceridade, carinho e amor, por sua vez, os filhos reconhecem a existência do sentimento de medo no ambiente familiar, podendo o mesmo criar dificuldades neste relacionamento.

É interessante assinalar a importância da harmonia e do amor no convívio familiar como elementos fundamentais para evitar a desunião da família no futuro, inclusive, como uma forma de amparo aos pais na velhice. A harmonia pode ser realizada e vai depender somente do convívio familiar em si.

As pessoas mesmo após um relacionamento familiar conflituoso, procuram reconstruir uma nova família desenvolvendo um sentimento de família, com o intuito de manter o equilíbrio emocional de todos os seus membros.

Uma separação de uma família nuclear sempre ocasiona dificuldades dentro de um ambiente familiar, no caso, da mesma transformar-se em uma família extensa, é

necessário uma nova organização e reestruturação familiar para diminuir as suas tensões emocionais. Outro exemplo, é o de uma família matriarcal que enfrenta muitas situações difíceis, tais como, o pai que se separou da família quando nasceu a filha deficiente mental e cega, a mãe sozinha, dedicando-se muito a esta filha, acaba deixando o outro filho sem a devida atenção, tornando-se o mesmo egocêntrico e com problemas existenciais. Este filho apresenta relutância nos estudos, pouco diálogo no ambiente familiar, desenvolve um comportamento oscilante entre a alegria, raiva e depressão o que vem ocasionar uma baixa auto-estima, onde o mesmo define-se como maníaco-depressivo e transformando-se em um revoltado por ter uma irmã deficiente.

O amor maternal não tem idade, o exemplo para justificar esta afirmação, é o da bisavó (74 anos) que ao criar o seu bisneto (10 anos) demonstra um profundo amor por esta criança, preocupando-se com o seu futuro ao providenciar uma figura masculina alternativa que assuma a educação do seu bisneto após a sua morte.

## 2 - COMPORTAMENTOS FAMILIARES

(D.S.) - “ No primeiro casamento, tive um convívio .... bastante conturbado, pois, após a separação o menino foi criado praticamente pelos meus pais e a menina foi criada pela ex-mulher com a ajuda dos pais. Eram culturas diferentes. Meus pais eram mais tradicionais, enquanto que a minha ex-mulher era mais prá frente. A diferença de comportamentos das famílias resultou no seguinte: o menino estudou, formou-se em engenharia e a menina mal acabou o segundo grau. No segundo casamento ... quanto aos comportamentos e relacionamentos vivemos muito bem e procuramos dar a ele (filho) uma educação exemplar, somos muito elogiados por todas as pessoas com quem convivemos.”  
(Família 2, pai, 58 anos - Dep. 3)

*(U.T.) - Após a separação houve uma desestruturação familiar, ocasionando a separação dos filhos, que foram educados pelos avós de culturas e comportamentos diferentes. Os avós paternos, por serem mais tradicionais, estabeleceram regras na educação do menino, favorecendo-lhe melhores condições culturais para ingressar no mercado de trabalho. Tal fato, não ocorreu com a menina, que foi educada pelos avós maternos de uma forma liberal. Assim, conclui-se que uma*

*educação deve ser adequada aos moldes atuais de uma sociedade contemporânea, visando o melhor para o filho.*

(D.S.) - “ Tem pais que são muito liberais e não ligam pro filho. Os pais devem mostrar o que é certo e errado para os filhos e orientar o caminho para ... Se quero sair perguntam, onde vou? Vai, mas volta no horário tal, isto é chato, mas sei que é necessário que meus pais se preocupem muito comigo pois há muita violência na cidade e já tive muitos colegas que já foram assaltados e teve até um que sei que foi espancado quando se recusou de entregar o relógio ... querem saber onde eu vou, com quem vou estar e a que horas vou voltar, caso aconteça alguma coisa eles sabem onde vão me encontrar. ... Eu compreendo e sempre cuido de deixar aos meus pais informados quando eu saio. ... Meus pais não são tão fechados, mas também não são tão liberais. Eles deixam sair, mas dão conselhos.” (Família 2, filho, 15 anos - Dep. 5)

*(U.T.) - Os filhos não admitem nem uma educação liberal nem a autoritária, para os mesmos deve existir uma educação adequada, com o estabelecimento de regras de conduta nos estudos, nas atividades sociais. Sentem-se bem com a orientação equilibrada dos pais, sendo isto um sinal de que existe uma preocupação e atenção para com eles.*

(D.S.) - “ Minha mãe é legal. Sempre agitada. ... Ela faz a nossa vontade, mas também cobra. A maior exigência é com os horários. É horário para tudo: prá dormir, prá entrar em casa, prá estudar e etc. O pior é quando a gente não obedece. Se passar da hora de entrar em casa ela e minha tia saem atrás da gente e aí quando encontra vem a bronca e o castigo.” (Família 3, filho, 13 anos - Dep.7)

*(U.T.) - Os filhos conhecem as regras estabelecidas pelos pais e sabem de suas conseqüências quando não são respeitadas.*

(D.S.) - “Minha mãe é baixinha, folgada e muito querida. ... Quando a gente faz uma besteira ela é chata. ... Ela exige muito que a gente estude e ... obedeça os horários que ela marca.” (Família 3, filha, 11 anos - Dep. 8)

*(U.T.) - Reconhecer as regras estabelecidas não impede o bem-querer dos filhos para com as mães.*

(D.S.) - “ ... Dizer que viver em uma família sadia faz com que uma criança não se interessa por drogas isto é mentira ... nas férias de julho o garoto começou a

desaparecer muito de casa ... Uns dias antes havia encontrado uma cateirinha de pichador ... Reconheci pela data de nascimento e o piche que estava na carteirinha, que era do meu sobrinho. ... Conversei com ele. ... e negou .... Começamos a observar e a conversar ... foi dizendo que o camarada não era daqui, que ele só vinha trazer a carteirinha, que era de um clube dos pichadores ... A minha irmã teve uma conversa bem séria com ele. Ele explicou que saía de casa e ficava muitas horas fora de casa, porque ia brincar no computador ... Então, o que fizemos, providenciamos um computador para dentro de casa e ele voltou a ficar mais tempo dentro de casa. ... O menino tem treze anos. ... Temos a menina, ainda, com onze anos. ... Somente uma vez, que ela saiu de casa, sem nos avisar, foi passear com duas amiguinhas na cidade, na época estava com oito anos de idade. ... Quando chegou ... a conversa não existiu. ... umas boas chineladas ... Então, depois, ... mostrar o perigo que existe em uma menina sair sozinha, mesmo com amiguinhas ... uma garota de oito anos de idade teve que ouvir uma conversa mais séria sobre seqüestro, prostituição infantil, ... porém adequados à sua mentalidade.”(Família 3, tia, 51 anos - Dep. 9)

*(U.T.) - A família deve ficar atenta a todas as modificações de comportamento dos filhos, para que possa orientá-los no momento adequado diante das possíveis aventuras que possam ocorrer por meio de determinada influência e convivência social.*

(D.S.) - “ ... Alguns anos atrás com a morte do meu pai nós tivemos um problema financeiro e a minha irmã não pode pagar o colégio para as duas crianças ... Ele saiu de uma escola particular e foi para uma escola pública e ele nunca aceitou. ... Não sei se esta diferença fez com que criasse uma revolta muito grande e nos trouxe grandes problemas de disciplina dentro do colégio ... sentimos que ele precisava sair daquele colégio e estudar no mesmo colégio que a irmã, isto é, ir para um colégio particular, porque rejeitava colégios particulares. ... Agora, no momento não temos nenhuma resposta porque as aulas iniciaram agora, e ele está indo normalmente ... É um garoto que aos cinco anos de idade foi convidado a brincar no grupo do prédio. Então, foi criado com uma turminha e está crescendo junto com esta turma, ele é o mais novo, sempre brincou com os meninos muito mais velhos. Ele tem uma atividade muito grande e ele só se entrosa com crianças bem mais velhas. Hoje ele está com treze anos e o mais velho já vai fazer dezoito ... ”  
(Família 3, tia, 51 anos - Dep. 9)

*(U.T.) - A família deve ficar atenta a qualquer modificação de comportamento do filho, pois os problemas escolares podem estar relacionada a motivos familiares, tais como, a inveja do outro irmão, a busca de amigos bem mais velhos para suprir uma perda de um parente etc.*

*(D.S.) - “ ... Tornamos muito cruéis com nós mesmos, a ponto de tratar aqueles que amamos mal, com crueldade. Aquela crueldade que aprendemos com a sociedade acabamos, isto é, passamos esta crueldade para a nossa própria família. ... O tratamento e o modo da sociedade de tratar, a pessoa em si, a pessoa humana é muito cruel, ... espelhamos naquilo que aprendemos em casa, a crueldade que passamos para o outro ... Cito o exemplo da minha irmã: Um grupo de moradores do meu prédio deu queixa na delegacia contra a minha irmã porque a minha irmã é excepcional e às vezes, ela grita à noite. ... A sociedade é que ensinou-me o preconceito, raiva, egoísmo. Não foi a família. Sofri o preconceito físico por ser obeso ... e este modo de ficar fechado passei também para a família. ...” (Família 4, filho, 19 anos - Dep. 11).*

*(U.T.) - O filho mostra que a sociedade influencia na formação da personalidade das pessoas e é possível transmitir fatores negativos tais como o preconceito, a crueldade, a raiva e o egoísmo para o ambiente familiar. Espelha-se naquilo que se aprende em casa e transporta-se ao outro no seu meio social. A sociedade influencia o indivíduo e o mesmo acaba sendo influenciador na sua convivência familiar e social.*

*(D.S.) - “... Tive um comportamento muito rebelde, muito revoltado ... Antes de frequentar o Cardecismo, eu era revoltado, contra tudo. Não gostava das idéias da minha mãe, nem parava para ouvir, brigava muito. ... Minha mãe fez com que frequentasse o Cardecismo, hoje, ouço ela mais ou menos, ouço melhor, ... Quando comecei a participar das reuniões do Cardecismo, que ainda estou estudando. ... Por isso quero modificar o meu modo de pensamento através dos livros, através da leitura da filosofia, estou pensando de uma forma diferente. ...” (Família 4, filho, 19 anos - Dep. 11).*

*(U.T.) - O filho descreve-se como um rebelde, revoltado contra tudo, ao mesmo tempo, afirma que brigava bastante com a mãe, não aceitando as suas idéias, opiniões. Mesmo ainda apresentando certa raiva e ódio contra o meio social, diante do preconceito e da falta de atenção da mãe, durante a sua infância, por solicitação dela, o filho começou a frequentar o Cardecismo, emergindo então, uma provável*

*transformação no seu comportamento familiar, devido a modificação de seu modo de pensar, influenciado pelas leituras filosóficas dessa doutrina religiosa.*

(D.S.) - “ ... Vim de uma família pobre e lutadora. Depois que o meu marido faleceu, a nossa vida mudou bastante, necessitando de trabalhar para sustentar e criar a minha filha. ...” (Família 7, mãe, 47 anos - Dep. 16).

*(U.T.) - Após a morte do marido, a estrutura familiar modificou-se com profundidade, passando por dificuldades financeiras, tendo a mãe que trabalhar fora para realizar o sustento da filha.*

(D.S.) - “... A minha mãe influenciou na minha formação porque ela é muito trabalhadeira e sabe lutar pelo seu desejo. ... É uma mulher que espero ser também no futuro porque aprendo a cada dia com ela. ... Tenho um irmão por parte de pai que não me aceita porque sou filha do segundo relacionamento do meu pai. ... A família do meu pai são pessoas que sempre deram valor ao dinheiro e vejo com os meus 16 anos, que trouxe muita briga. ... Se o meu pai não tivesse falecido, a minha vida seria completamente diferente. Com a sua morte, a família dele se afastou de mim e da minha mãe. ... Nos primeiros anos após a sua morte, brigava muito com a minha mãe, pois com 10 anos estava sofrendo ... não conseguia administrar a idéia da morte do meu pai. ...” ( Família 7, filha, 16 anos - Dep. 17).

*(U.T.) - A morte do pai modificou a estrutura familiar, fazendo com que mãe e filha se descobrissem simultaneamente como pessoas, surgindo, portanto, um modelo de identificação, numa tentativa de superarem a dor pela perda de um parente próximo. Ocasinou, também, o afastamento dos outros familiares, pertencentes ao primeiro relacionamento do falecido.*

(D.S.) - “ ... Desempregado e vivendo de bicos. A minha vida e da minha família mudou muito. Houve uma série de conflitos familiares e os meus filhos ficaram uns 5 anos sem estudar, permanecendo em casa, isto é, estudavam sozinhos ... .” (Família 8, pai, 51 anos - Dep. 18).

*(U.T.) - O pai desempregado teve dificuldades familiares e econômicas, provocando o afastamento dos filhos da escola por um período de cinco anos.*

(D.S.) - “ ... Meu pai ... fica nervoso por qualquer coisa, queria que ele fosse menos coração duro, menos teimoso. Não gosto de algumas brincadeiras que os meus irmãos fazem comigo, ficam me chamando de alguns nomes que não gosto e que gostaria

que parassem com esta brincadeira. Tenho ... os dentes salientes e eles colocam apelido. ... A relação entre meu pai e minha mãe, Graças à Deus, tem melhorado ...” (Família 8, filha, 16 anos - Dep. 20).

*(U.T.) A filha sentiu o conflito familiar entre os pais mas, critica o nervosismo do pai chamando-o de coração duro, demonstrando ser uma adolescente que não compreende as dificuldades financeiras que o pai está passando. Há uma preocupação da mesma com a sua aparência física, não concordando com as atitudes dos irmãos de colocarem apelidos.*

### **- SÍNTESE DAS UNIDADES SIGNIFICATIVAS TRANSFORMADAS**

Para os pais-filhos não deve existir uma educação liberal e nem autoritária, mas uma educação adequada aos moldes atuais com o estabelecimento de regras de conduta nos estudos, nas atividades sociais etc, realizando-se uma orientação equilibrada pelos pais, portanto, sendo um sinal da existência de uma preocupação e atenção em relação aos filhos, como por exemplo, o filho que não aceitava a irmã deficiente, por solicitação da mãe, começou a freqüentar uma religião - o Cardecismo, emergindo, então, uma provável transformação no seu comportamento familiar procurando modificar o seu pensamento através de leituras filosóficas influenciado por esta doutrina religiosa.

A família, também, deve ficar atenta a todas as modificações de comportamento dos filhos, para que possa orientá-los no momento adequado diante das possíveis aventuras que possam ocorrer por meio de determinada influência e convivência social.

A sociedade influencia na formação da personalidade das pessoas e é possível transmitir fatores negativos tais como o preconceito, a crueldade, a raiva e o egoísmo para o ambiente familiar. A sociedade influencia o indivíduo e o mesmo acaba influenciando na sua convivência familiar e social. Portanto, espelha-se naquilo que se aprende em casa e transporta-se ao outro no seu meio social.

Ainda, os pais devem perceber a possível relação dos problemas escolares com motivos familiares, tais como, a inveja do outro irmão, a busca de amigos bem mais velhos para suprir a perda de um parente etc.

A perda de um parente próximo, como o pai, modifica profundamente a estrutura familiar surgindo às vezes dificuldades econômicas e o afastamento de outros familiares diante do falecimento do mesmo. Entre a mãe e filha existe uma tentativa de superar esta dor, onde uma busca na outra um apoio emocional surgindo, neste momento, uma descoberta de ambas como pessoas ocasionando uma identificação da filha com a mãe.

Todavia, a adolescente costuma apresentar uma preocupação consigo, certo egoísmo, principalmente em relação a aparência física, às vezes, demonstra uma incompreensão diante do nervosismo do pai que enfrenta dificuldades financeiras.

### 3 - DIÁLOGO

(D.S.) - “ ... A compreensão é a chave para conseguir ficar perto dos nossos filhos. A família é a confiança, a segurança da criança e do adolescente, é o porto seguro. ... Conversamos, trocamos idéias, conto as minhas experiências .. Conversamos sobre sexo, drogas, amigos. Talvez, por amá-la muito estou sempre disponível para conversar com ela e ajudá-la no que for sempre possível. Penso que ela confia em mim e eu confio muito nela.” (Família I, mãe - Dep. 1)

*(U.T.) - A compreensão, acompanhada de um diálogo aberto, conversando sobre diversos assuntos, quando desenvolvidos no contexto familiar em um ambiente de confiança, possui uma grande probabilidade de influenciar o comportamento dos filhos.*

(D.S.) - “ Eu acho que muitas vezes ... por não ter filhos né, é colocado pelos filhos ... o diálogo porque fica com medo ... do pai de brigar ou coisa parecida. Minha relação ... que eu tenho com minha mãe, eu sou, dificilmente acontece, é lógico que acontece, tudo o que a gente faz ... puxa! será que ela vai brigar, mas normalmente acontece alguma coisa ... quem faz. Eu falo, penso, se fiz, acho que fiz uma besteira. ... Normalmente eu falo, normalmente também ela dá uma chiada, tudo mais, mas uma coisa normal ela nunca ... chega e dá uma bronca absurda porque é normal a gente errar quando a gente está crescendo, quando a gente está experimentando coisas, nem tudo que a gente faz

vai ser certo e exatamente para que a gente não errar tanto. ... A gente, além de ser mãe e filha ... eu acho, que é acima de tudo amigas.” (Família 1, filha, 19 anos - Dep. 2)

*(U.T.) - Os filhos reconhecem que o diálogo é uma forma de resolver as divergências que podem ocorrer no ambiente familiar. Percebem quando erram e procuram corrigir a si mesmos, esperando dos pais uma atitude tranqüila para solucionar as eventuais questões e experimentar soluções.*

(D.S.) - “ Na minha opinião existe o diálogo entre eu e os meus pais. Há o diálogo aberto em casa. Converso bastante com meus pais. Posso expor os meus problemas e sei que serei ouvido pois existem colegas meus que não tem essa facilidade eles tem problemas e muitas vezes não conseguem conversar com seu pai ou com sua mãe, sei que os problemas existem mas felizmente na minha casa isso não ocorre. ... Mas em certos assuntos sempre tive mais liberdade de conversar com a minha mãe.” (Família 2, filho, 15 anos - Dep. 5)

*(U.T.) - Os filhos que apresentam um diálogo aberto com os pais têm como propriedade a facilidade de expor os seus problemas, porque possuem a certeza que receberão a devida atenção.*

(D.S.) - “ ... Percebo que em algumas famílias, que filhos tem uma certa liberdade que eu não desfruto do tipo de conversar sobre assuntos que não converso naturalmente com meus pais, como assuntos particulares meus, isto é, uma coisa que minha mãe não se conforma. Ela fica chateada por ser fechado, não sei se isso foi pelas ocorrências quando era pequeno fiquei muito separado dela por causa da doença da minha irmã ... fiquei seis à sete meses longe de casa, sem contar todos os momentos hospitalares, as corridas à cada hospital. ...” (Família 4, filho, 19 anos - Dep. II).

*(U.T.) - O filho mostra que a falta de diálogo e ausência de liberdade de conversar sobre qualquer assunto com a mãe está relacionado ao longo afastamento da família que teve durante a infância. Assim, como a instabilidade apresentada no convívio familiar, com as idas constantes da irmã deficiente aos hospitais.*

## **- SÍNTESE DAS UNIDADES SIGNIFICATIVAS TRANSFORMADAS**

Os pais ao desenvolverem uma compreensão acompanhada de um diálogo aberto possuem uma grande probabilidade de influenciar o comportamento dos filhos. E estes esperam dos pais uma atitude tranqüila para solucionar as eventuais divergências, reconhecendo que o diálogo é uma forma de resolver as questões.

Os filhos, por sua vez, ao apresentarem um diálogo aberto com os pais tem como propriedade a facilidade de expor os seus problemas, porque possuem a certeza que receberão a devida atenção.

O filho, ao demonstrar a falta de diálogo e ausência de liberdade para conversar sobre qualquer assunto com os pais, relaciona este fato ao distanciamento junto a sua família e, também a instabilidade apresentada no convívio familiar.

### **4 - INTERPRETAÇÕES FEITAS PELOS FILHOS SOBRE OS PAIS**

(D.S) - “Eu acho, a gente tem que conversar e falar para poder pegar um pouquinho das experiências dos nossos pais né, porque muitas vezes o que ele aprendeu ... na vida não vai servir para ele porque já passou aquilo, mas vai servir pra gente que ainda vai passar. Então, acho que é muito importante a gente conversar. ... Tenho a abertura de contar tudo pra ela. Ela me escuta, ela me conta as experiências dela também. A gente conversa, a gente vê que muitas vezes eu estou fazendo a mesma coisa que ela já fez ... mas eu falo puxa! mãe é igualzinho. As vezes ela se vê fazendo coisas que os pais dela faziam e a gente conversa muito.” (Família I, filha, 19 anos - Dep. 2)

*(U.T.) - Na interpretação dos filhos os pais ao manterem um diálogo constante com eles conseguem transmitir-lhes seus valores e vivências mais significativas. Inconscientemente, existe a probabilidade dos filhos desenvolverem as mesmas atitudes e condutas realizadas pelos seus pais.*

(D.S.) - “ O estudo o meu pai dá muita importância, minha mãe também, mas meu pai é que cobra muito. Ele exige e sempre está perguntando como estou indo ele diz que é muito importante para o futuro e eu sei que é importante. Se você quiser entrar

pra uma boa faculdade você tem que se esforçar muito para conseguir ficar entre os melhores porque só uma faculdade de nome é que eu poderei ter uma chance no mercado de trabalho que os outros não teriam. ... No geral eu espero ser aquilo que meus pais esperam de mim. Ser responsável e conseguir aproveitar a educação que eles estão se esforçando em me dar e conseguir encontrar uma carreira para o futuro ... ” (Família 2, filho, 15 anos - Dep. 5)

*(U.T.) - Na sua opinião, os filhos afirmam que por intermédio da orientação dos pais percebem que os estudos é de grande importância, conscientizando-se de que somente pelo esforço próprio conseguirão cursar uma faculdade com boa qualidade de ensino. Disto decorrendo benefícios para o seu próprio futuro quanto as atividades profissionais, acompanhadas sempre de responsabilidade e respeito ao próximo.*

(D.S.) - “ Na verdade, as únicas conversas mais sérias que existem em casa é com relação a falta de dinheiro. Eu sei que ocorre em todo mundo. Meu pai não ganha muito bem nem a minha mãe mas a renda familiar é o suficiente pra que eu tenha meus estudos, apesar de estudar em escola pública e eu ter todos os livros e cadernos necessários para cursar os meus estudos”. (Família 2, filho, 15 anos - Dep. 5)

*(U.T.) - No modo de ver dos filhos, os mesmos reconhecem o sacrifício dos pais ao lhes proporcionarem uma educação adequada, mesmo com dificuldades econômicas.*

(D.S.) - “Alguns valores transmitidos são aqueles que recebi de meus pais e que muito influenciaram na minha formação. Porém procuro dar aos meus filhos mais liberdade do que tive porque estão sendo criados em uma época diferente da minha e com valores também diferentes.” ( Família 3, mãe - Dep. 6)

*(U.T.) - Os pais transmitem os valores que receberam da sua família para os seus filhos, mas procurando dar uma adequação para os dias atuais.*

(D.S.) - “Os valores que são transmitidos são os mesmos que nos recebemos dos nossos pais. São valores antigos mas que ainda valem desde que sejam adequados ao mundo atual.A educação é um pouco mais liberal que a nossa e procuramos dar uma certa liberdade mas sem que percebam e esta liberdade é muito vigiada.” ( Família 3, tia - Dep. 9)

*(U.T.) Os valores antigos recebidos pela família são válidos, desde que haja uma adequação para a época atual, tal como, proporcionar uma maior liberdade para as crianças, ainda que vigiada.*

(D.S.) - “ ... Achava que os meus pais eram tudo, os superiores, ... como Deuses, como seres divinos, como seres de total sabedoria, que qualquer coisa que perguntasse, eles saberiam responder, com o convívio, com o tempo, com a maneira de ser, fui vendo de uma maneira diferente, eles não eram o que eu pensava, eram pessoas comuns como eu, aprendiam como eu. Meu pai é um grande professor de matemática, um gênio, mas ele não soube explorar a genialidade dele. Ele se deixou prender pelo egoísmo. ... Minha mãe construiu o seu conhecimento, ela estudou para ter ... ” ( Família 4, filho, 19 anos - Dep. 11)

*(U.T.) - O filho admirava os pais como deuses e com total sabedoria, entretanto no decorrer do convívio familiar, foi percebendo que os mesmos são pessoas comuns que também estão aprendendo.*

(D.S.) - “ ... Minha mãe teve uma grande dificuldade na família por causa da minha irmã deficiente ... ela ficou numa depressão incrível. Hoje em dia, ela é uma pessoa alegre elevada. ... Ela é um tipo de mulher que deve ser lembrado, mesmo que eu não seja filho digno e esperado por ela, por não fazer as coisas que ela faz. ... Hoje é uma pessoa fantástica. ... Eu me orgulho da minha mãe e também tenho admiração. Se eu pudesse ter ... a metade do seu modo de pensar, o seu pensamento é explosivo, mas o seu modo de pensar é aberto, não é fechado. ... Se tivesse a metade que ela é, acho que me sentiria feliz. Se um dia for, vai ser pelo amadurecimento ... ” (Família 4, filho, 19 anos - Dep. 11)

*(U.T.) - O filho admira a mãe pelas dificuldades que passou na vida familiar e, ao mesmo tempo, deseja ser uma pessoa semelhante a mesma quanto ao seu pensamento aberto, mas reconhece que necessita alcançar um amadurecimento.*

(D.S.) - “ Tento educar os meus filhos dentro de uma vida de princípios morais. ... Mostrar aos filhos todas as informações e que tenham o discernimento de escolher o que é melhor para o seu futuro. ... Normalmente, comparecemos a missa todos os domingos e os meus filhos estudam num colégio católico. Tentamos dar aos filhos, eu e minha esposa, os valores de vida, de sentimento de família dentro dos princípios da religião católica.” (Família 5, pai, 46 anos - Dep. 12)

*(U.T.) - A família através da religião transmite os princípios morais e todos os valores possíveis para os filhos, para que tenham o discernimento de escolher o que é melhor para o seu futuro.*

(D.) - “ ... A vida sexual hoje em dia, tem começado cedo. ... Encaro ainda, de forma tradicional, pôr causa da minha religião e também, pôr causa da educação que a minha mãe teve e passou pá mim sobre a virgindade que deve ser guardada. ... Meus procuram me orientar mas o que meus pais não conseguiram superar é a falta de liberdade. Acho que tenho pouca liberdade com os meus 16 anos de idade. Não porque outras pessoas fazem eu ir fazer, meus pais não compreendem. ...” (Família 5, filha, 16 anos - Dep. 13).

*(U.T.) - A adolescente recebe dos pais os princípios morais e religiosos, reconhecendo a orientação dada pelos mesmos, mas questiona a pouca liberdade fornecida pelos pais, desejando uma maior independência para colocar em prática os valores interpretados na educação recebida de sua família.*

(D.S.) - “ ... Não foi o que queria, mas com muito esforço ... dificuldades diárias, envolvendo sempre a falta de dinheiro que influencia muito na qualidade de vida, estou conseguindo encaminhar os meus filhos ...” (Família 8, pai, 51 anos - Dep. 18).

*(U.T.) - Com dificuldades financeiras o pai consegue encaminhar os filhos, fornecendo os valores e princípios morais da vida.*

(D.S.) - “ ... Meu pai é um modelo ... é um paizão. Quero agora dar o melhor para eles, retribuir tudo que fizeram por mim. Quero que eles sintam orgulho do filho que criaram. Penso no futuro, na minha carreira. Tenho medo de não conseguir realizar os meus sonhos que desejo, vou lutar para conseguir os meus idéias. ... Cresço baseado no modelo dos meus pais ...” (Família 8, filho, 20 anos - Dep. 19).

*(U.T.) - O filho identifica-se com o pai e interpreta os valores recebidos pela família, desejando que os mesmos sintam orgulho do filho que criaram. Há uma expectativa e medo de não alcançar os seus idéias que é o sucesso na futura profissão.*

#### **- SÍNTESE DAS UNIDADES SIGNIFICATIVAS TRANSFORMADAS**

Na interpretação dos filhos, os pais conseguem, inconscientemente, transmitir as suas vivências significativas e seus valores, pois, os mesmos possuem a

probabilidade de desenvolverem as atitudes e condutas apresentadas pelos seus pais, mas de forma adequada para a época atual.

Os filhos possuem uma imagem de admiração pelos pais tendo-os como modelo, percebendo ao mesmo tempo, que os mesmos são pessoas comuns e que também, estão aprendendo.

Ainda, na opinião dos filhos, afirmam que sob a orientação eficiente dos pais percebem que os estudos são de grande importância, conscientizando-se os mesmos que somente por esforço conseguem ingressar num bom curso superior, trazendo benefícios para o seu próprio futuro em relação as atividades profissionais. Deste modo, na forma de ver dos filhos, percebem e reconhecem o sacrifício dos pais ao lhes proporcionarem uma educação adequada, mesmo diante das dificuldades econômicas que possam acontecer no seu ambiente familiar.

A família através da religião transmite os princípios morais e todos os valores possíveis para os filhos, para que os mesmos tenham o discernimento de escolher o que é melhor para o futuro. Os adolescentes, por exemplo, ao receberem a orientação dada pelos pais, geralmente questionam a pouca liberdade fornecida, desejando uma maior independência para colocar em prática os valores interpretados na educação recebida de sua família.

## CAPÍTULO VI

### CONCLUSÕES

A síntese da categoria “Relações Familiares,” apresentada anteriormente no capítulo V, mostrou que as relações pais-filhos envolvem coesão, convivência e harmonia entre os seus membros, através de muito respeito, dignidade, sinceridade, carinho e amor.

Assim, na síntese dos discursos agrupados na categoria “Relações Familiares” emerge o fenômeno amor expresso pelos pais, levando os filhos a serem bem sucedidos e coerentes em relação ao que fazem, embora apresentem divergências de opiniões com as dos pais. Pode-se inferir então, uma semelhança de conduta entre os membros da família aliada a um controle firme dos pais, proporcionando aos filhos uma base familiar segura e previsível para conduzi-los, o que os apoia como pessoa.

As deduções sugeridas pela pesquisa, coincidem com os dados da investigação de Amaral (1997, p. 192) ao afirmar que “na família não deve haver dúvidas de que existe amor nas relações entre pais e filhos e a maior punição é a ameaça da retirada do amor,” sugerindo que na vivência familiar o amor é o mais valioso.

Assim, se é levado a supor que o ambiente do lar emocionalmente seguro e harmonioso constitui um dos elementos essenciais para a formação do Eu do filho. Os pais, ao amarem os seus filhos, dentro de limites razoáveis e na medida em que trazem benefícios para os mesmos, expressam uma atitude saudável que favorece a formação da auto-estima dos filhos.

Na opinião de Hart (1989) a auto-estima bem desenvolvida no filho influencia significativamente a sua percepção acerca do mundo, especialmente em sua interação com outras pessoas, podendo-se supor que o mesmo ocorre no relacionamento do Eu do filho com o outro - família, como também, no ambiente social geral, elevando sua auto-estima desenvolvendo-se uma atitude saudável. Um filho com grande auto-estima encontrará naturalmente satisfação na afeição expressa a ele por outra pessoa e usará a mesma para aproximar-se de uma terceira pessoa, mas a baixa auto-estima pode levar o filho a desconsiderar a sinceridade da afeição alheia, conduzindo-o ao isolamento social.

Os filhos captam e aceitam as mensagens expressas pelos pais. As experiências infantis contribuem muito para o diálogo interior, criando uma atmosfera mental que leva o filho a atuar e que vão orientar as experiências em relação ao seu próprio Eu. Quando o filho se ama, a vida é plena de alegria e quando se menospreza, a vida perde muito de seu significado. Assim, infere-se que o Eu do filho que tem dificuldade em amar-se por sentir-se que não é digno desse sentimento, revela esta sensação de baixa auto-estima cuja origem pode estar nas mensagens recebidas durante a infância em um ambiente repleto de tensões, ansiedades e inseguranças. Por outro lado, porque parece pretender impor condições para amar-se, acha que só poderá gostar de si mesmo se este ou aquele problema pessoal for solucionado.

As emoções e os motivos de uma pessoa podem constituir uma das forças que mobilizam as atividades psicológicas de outras pessoas. Desse modo, o Eu dos filhos no ambiente familiar constitui o elemento estimulante para despertar uma relação positiva ou negativa, dependendo de como o filho se vê. Quando o filho se deprecia o Eu pode ficar prejudicado a ponto de anular-se, surgindo conflitos familiares com os pais através de desavenças à menor indicação de menosprezo, de rejeição por julgar não ser o filho esperado, sentindo-se abandonado, triste, com um comportamento oscilando entre a alegria, raiva e depressão, acentuando mais ainda a baixa auto-estima.

Ainda, provavelmente, quando um determinado filho recebe excessiva atenção e afeto dos pais, em forma de superproteção, privando os outros irmãos de oportunidades educacionais, recreativas e principalmente, de maior convivência familiar, esta superproteção pode ser acompanhada de vários graus de negligência dos outros filhos. Tudo isso pode ocasionar também, a baixa auto-estima com confusão de idéias e conceitos que afluem à consciência, tornando o filho incapaz de fixar-se num só tópico por algum tempo, distraíndo-se facilmente o que se reflete nos estudos e leva o mesmo a não admitir o fracasso escolar.

Quando o Eu do filho é anulado, o mesmo guardará dentro de si um forte sentimento de indignação, amargura e raiva contra si próprio, culpando-se por falhar em qualquer coisa ou por fazer algo errado. Portanto, castigando-se por cometer erros, desenvolve sentimentos de auto-censura e auto-condenação, ocasionando uma depreciação pessoal, não percebendo que os erros não passam de etapas na evolução individual que

colaboram para o crescimento pessoal. Se a pessoa está disposta a aprender e evoluir a partir do erro, isto poderá transformar-se em um grande passo para uma vida plena.

No momento em que o filho afirma “*não consegui*,” o mesmo está apresentando limitações aprendidas a partir do seu passado, como certos conceitos e idéias que o influenciam na forma de expressar e vivenciar todas as suas possibilidades como descobrir que é capaz de pensar, que é inteligente e que pode ter a facilidade de se comunicar. Portanto, na suposta presença do sentimento de abandono dos pais diante da ausência de amor e atenção durante a infância, a reação de um filho contra si mesmo, pode prejudicar o desenvolvimento do Eu, inferindo-se então, que o Eu do filho é a resposta de si próprio às atitudes da família. Tal conclusão é confirmada nos estudos de Mead (1934, p. 75) quando afirma que o “Eu é a resposta do organismo às atitudes dos outros” e que o “Mim é o conjunto organizado de atitudes de outros que alguém assume por si próprio.”

O Eu do filho proveniente de contexto familiar estressado, carregará consigo sentimentos negativos, tais como falta de amor e carinho, sem nenhuma auto-estima. Os filhos reagem à atmosfera mental desenvolvida pelos familiares que o cercam. Assim, infere-se que o Eu do filho pode ser influenciado pelo padrão de idéias existente no lar e diariamente o mesmo tem de fazer escolhas com base nesse sistema, experimentando muito cedo o medo, os maus-tratos e provavelmente, continuando a recriar essas vivências na vida adulta.

Portanto, os depoimentos coletados na categoria “Relações Familiares” em que emerge o fenômeno amor, sugerem que os pais devem demonstrar afeição pelos filhos através da comunhão de idéias, da tomada de decisões, das responsabilidades desenvolvendo fortes laços afetivos.

Berger & Luckmann (1974) esclarecem que a socialização do filho inicia-se na infância e é através dela que o sujeito torna-se membro da sociedade. Enfim, afirmam que o que é interiorizado pelo filho, através de uma visão previamente filtrada pelos seus agentes, como a família, resulta de laços afetivos estabelecidos entre pais e filhos, bem como pela identificação entre os mesmos. Correlacionando as idéias dos referidos autores, observa-se em alguns depoimentos coletados, no caso da mãe com a filha, nota-se muito carinho e amor. Naturalmente, por se quererem muito, conversam, trocam confidências, passeiam e divertem-se juntas, demonstrando que são acima de tudo amigas. Assim,

percebe-se fortes laços afetivos entre mãe e filha que, por meio da interiorização, a filha absorvendo da mãe papéis e atitudes, que se tornam seus, como afirmam Berger & Luckmann (1974), surgindo uma identificação carregada de emoções desenvolvida na infância.

Na opinião dos referidos autores, o processo de aprendizagem de atitudes seria difícil, se não impossível, sem a ligação emocional do filho com os outros significativos, como a família. Desta maneira, o sistema simbólico internalizado na primeira socialização (primária) do filho é muito mais constante e resistente à erradicação, do que os sistemas simbólicos internalizados em socializações posteriores.

Portanto, os outros significativos, que podem ser os pais como quaisquer outros adultos encarregados de estabelecer a mediação entre o jovem e o mundo social, precisam assegurar o essencial ao desenvolvimento do filho, que é o amor, pois através do mesmo ocorrerá a identificação do filho, a imitação dos papéis sociais e a formação da personalidade.

Ainda, na categoria “Relações Familiares,” utilizando a fenomenologia de Husserl, foi observado uma certa cumplicidade entre a mãe e filha (Família 1), no sentido de um reconhecimento ou um respeito de uma pela outra com acentuado interesse pelo bem estar recíproco, como uma companhia que vale a confiança, mas essa cumplicidade pode ser colocada em questão: Por que a mãe e a filha resolveram, por sua iniciativa, excluir a participação do padrasto na pesquisa? Quando os integrantes de uma determinada família resolvem agir desta forma, é possível que tal fato signifique uma ausência de harmonia na mesma?

Quando existe uma identificação entre mãe e filha em gestos, atitudes e comportamentos, na verdade, esta proximidade entre ambas não vem só das identificações positivas, mas também das negativas, podendo-se inferir que o padrasto (Família 1) não tem importância na educação da enteada. Provavelmente, a mãe por insegurança ou ciúme, afastou o padrasto, inconscientemente, impedindo-o de assumir as funções de pai que a mesma imagina que sejam exclusivamente maternas. Um modelo masculino pode ser indispensável e fundamental tanto para a filha, quanto para o filho. Também, no caso pode-se inferir que na existência de um segundo relacionamento de um casal, surge a probabilidade da mãe superproteger a filha do seu casamento anterior.

Deste modo, uma família feliz e coesa é aquela que age com naturalidade, consideração e respeito em relação aos familiares, no momento em que a mãe está preocupada com a filha e que a mesma não tem consciência de que na convivência familiar, colocou em segundo plano o marido, padrasto da sua filha.

Os relacionamentos entre os membros de uma família apresentam, de forma inconsciente, a tendência para mostrar algumas informações sobre o seu passado, possivelmente pode o presente ser modelado pela história do passado, influenciando o Eu dos filhos na formação da personalidade. Infere-se, que os filhos refletem o modo como os pais pensam, amam, seus valores e como resolvem os problemas vitais, o que fazem com seus sentimentos e como os colocam no ambiente familiar. Os pais parecem que são, de fato, como espelhos. Os filhos aprendem com palavras, atitudes e mensagens não verbais das pessoas mais importantes de sua vida, que oferecem a base para a auto-imagem dos filhos e os influenciam em todos os aspectos da vida.

Um dos casos da pesquisa, mostra ainda, o amor maternal de uma bisavó a um bisneto de 10 anos na sua pré-adolescência, que a chama de mãe, estimulando-o a desenvolver o pensamento abstrato e colaborações dentro de casa, tais como, ajudar a por a mesa, arrumar o seu quarto, preparar alguma refeição. Parece emergir no Eu do menino a produtividade, o que vem confirmar os estudos de Erikson (1976), em que as crianças não se contentam em brincar, mas procuram obter reconhecimento por seu próprio esforço tornando-se produtivas. Este período é crucial para a formação da auto-estima, desenvolvida pela confiança e amor cultivados no ambiente familiar.

Assim, pode-se deduzir que quando há uma troca de amor no relacionamento familiar, os filhos são moldados por valores de responsabilidade, respeito, e também, capazes de estabelecer raciocínios mais complexos, tal como, envolvê-los em projetos mais avançados em outras atividades do lar. Nesta época o Eu do filho na pré-adolescência toma consciência das tarefas a serem desenvolvidas numa convivência familiar, como contribuir com idéias novas e desenvolver a noção de certo e errado.

O amor maternal não tem idade, mas uma pessoa com idade avançada e a tarefa de educar uma criança sente dificuldades em executá-la por possuir menos força e vitalidade, o que a leva a preocupar-se bastante com o futuro do mesmo em relação aos estudos e acompanhamento quanto ao seu desenvolvimento. Esta preocupação com o

futuro está relacionada à velhice e à saúde precária que em determinados momentos pode suscitar a idéia de morte, desencadeando provavelmente um sentimento de angústia.

Assim sendo, pode-se inferir que uma mãe ao supor que a morte pode ser uma separação, parece sugerir uma correlação que a perda de amor causa sofrimento, também, significando que pode ser a perda de uma base identificatória. O processo de identificação de um menino na fase da pré-adolescência indica modificações em sua evolução, portanto, provavelmente a mãe procura adequar o processo de individualização do filho de saber lidar com a possível separação de ambos, evitando que ocorra no futuro uma alienação do Eu do filho e a probabilidade de atenuar um desvio no desenvolvimento do seu Eu, preparando uma figura masculina alternativa que assuma a função de pai diante da ausência existente da figura paterna a fim de evitar o sentimento de perda e abandono.

O fenômeno coesão emerge da categoria “Relações Familiares” como fator muito significativo e tende a afastar qualquer ameaça de desintegração familiar, sendo a união estimulada pela família por um processo de individualização, em que cada membro desenvolve uma imagem particular tanto dos outros, como de si mesmo. Neste espaço de coesão, onde ocorre a troca de relações no contexto familiar, quando cada uma das partes dá e recebe, desencadeia-se também o desenvolvimento da identidade dos filhos.

Os dados levantados confirmam os estudos realizados por Andolfi (1984), em que o espaço de troca de relações na família favorece o crescimento da identidade de todos os componentes, definindo-se a mesma por meio de uma relação com outras pessoas. Essa identidade, por sua vez, pode ser enriquecida até o grau em que o indivíduo tenta e aprende novas formas de relações. Caso esse enriquecimento não ocorra, verificar-se-á um prejuízo na construção das relações interpessoais.

O sistema familiar tem a capacidade de reduzir a coesão ou readquiri-la por meio da construção de uma nova estrutura. Esta mudança se faz tanto internamente, pelos papéis dos indivíduos na família, quanto externamente, como decorrente das exigências sociais. Os estímulos fazem com que os componentes da mesma avaliem continuamente suas relações familiares, como também o crescimento individual de cada um.

Portanto, uma família que, no seu primeiro relacionamento, passou por um convívio bastante conturbado, após uma reestruturação familiar pode ainda apresentar a probabilidade de existir o sentimento de família. Por outro lado, pode ocorrer, também, a

reformulação da identidade dos pais e filhos, pois, o processo familiar é influenciado pelas experiências do presente e do passado de uma família, como um todo e de cada um. Em uma família, ocorre vários níveis de interação e formas de experiência com o mundo. Assim, qualquer mudança na família requer um processo de adaptação, a fim de assegurar a coesão familiar enquanto se oferece espaço para o crescimento psicológico dos seus membros individualmente, favorecendo o crescimento psicológico dos pais beneficiando paralelamente o Eu dos filhos.

A síntese da categoria “Relações Familiares” mostrou que as pessoas, mesmo após um relacionamento familiar conflituoso, procuram reconstruir uma nova família enfatizando o equilíbrio emocional de todos os seus membros. Uma separação no caso de uma família nuclear pode ocasionar dificuldades no ambiente, transformando-a em uma família extensa, incluindo novos membros. Desta maneira, torna-se muito difícil a mudança da estrutura familiar, impondo-se uma nova organização e reestruturação familiar, a fim de diminuir as tensões emocionais.

Portanto, na síntese dos discursos agrupados na categoria “Relações Familiares” da pesquisa, emergiu o fenômeno sentimento de família, como pode ser observado nos dados coletados, em que a separação de uma filha trouxe a mesma de volta para casa de seus pais. Este resultado parece confirmar o contínuo crescimento da família matriarcal ao longo das últimas décadas, mostrando uma trajetória que representa um momento crítico no ciclo de vida familiar em que a mulher, mesmo com a presença de outros parentes adultos, tem que desdobrar-se entre tarefas domésticas, o cuidado com os filhos e o trabalho remunerado fora de casa.

A filha que volta a morar com os pais trazendo seus próprios filhos, onde são os pais os donos da casa e que também, arcam com sua manutenção, os pais costumam estabelecer limites e a filha separada chega com expectativas de poder contar com uma fonte inesgotável de recursos e todo tipo de ajuda. O início é muito difícil, porque os adultos já possuem toda a sua vida organizada e a presença de crianças provoca uma grande modificação nos hábitos dos seus membros da família, sendo necessária uma nova ordenação na estrutura familiar. Também os netos precisam de apoio emocional, pois talvez, estejam emocionalmente perdidos, sofrendo diante da nova situação, que exige

provavelmente a coesão para superar os possíveis conflitos e favorecer a evolução do Eu dos netos recém-chegados.

O sentimento de família não favorece o desenvolvimento de sentimentos negativos, como raiva, ódio, inveja etc que prejudicam a formação do Eu dos filhos, deste modo, a família pode alcançar o seu projeto de vida que é o de ver os filhos crescerem e transformarem-se em adultos emocionalmente equilibrados e produtivos. Por conseguinte, os filhos precisam ter uma vida tranqüila para transformarem-se em adultos tranqüilos.

Assim, pode-se inferir que a família matriarcal extensa, ao perceber a força do sentimento de família, quando associado à coesão, manifesta a necessidade de superar qualquer crise emocional de seus componentes. Portanto, desencadeia-se um esforço para manter seu equilíbrio e também sua sobrevivência, tudo isso em benefício do desenvolvimento do Eu dos filhos.

Também os dados colhidos na pesquisa, confirmam os estudos de Dell (1982), segundo os quais uma família pode evoluir em seus padrões de interação, sofrendo no decorrer do tempo certa integração. Desta forma, o sistema familiar muda sua estrutura, possivelmente através de **feedback** positivo. Na manutenção de um sistema familiar, está presente uma cadeia de **feedbacks** negativos e estes, sim, não promovem mudanças.

No interior de uma família são encontrados subsistemas diferentes, tais como dos pais, dos filhos, dos irmãos e outros membros que estejam convivendo neste contexto familiar. Cada um desses subsistemas exercita tarefas específicas dentro da família. As interações que ocorrem entre os mesmos, seja no interior da família, seja entre seus integrantes, dão-se contudo, nos limites ou fronteiras de cada subsistema. Para que se mantenham as características e diferenciação de cada subsistema, as fronteiras que os delimitam têm que ser respeitadas. Conclui-se que a família deve preocupar-se não apenas com as dimensões da família, mas também, com as qualidades emocionais dos seus membros.

As fronteiras ou limites de atuação garantem as diferenças de papéis de cada membro na família ocorrendo, quando a situação o exigir, troca de idéias entre os mesmos. A diferenciação individual e a coesão grupal da família são garantidas pelo equilíbrio dinâmico estabelecido entre os mecanismos de funcionamento e a organização familiar,

consequentemente, a liderança é diluída, sendo então respeitados os limites de cada membro.

Os limites das diferenças de papéis de cada membro da família extensa estão relacionados à exigência naturalmente surgida para respeitarem, por exemplo, a filha a desempenhar o papel de mãe mesmo na situação de ter retornado com seus filhos para a casa paterna, de modo que, possa continuar a desenvolver o sentimento maternal intenso e até irracional. As ordens da mãe das crianças nunca devem ser contestadas pelos outros membros adultos da família, mesmo quando estes não concordem com tais ordens. Qualquer diálogo deve vir depois, nunca na frente dos filhos, com o intuito de manter-se um certo equilíbrio diante dos mesmos. Assim, pode-se inferir que a importância da mãe para os filhos faz com que lhe caiba a última palavra na educação dos mesmos, o que vem favorecer a formação de seu Eu. Na família extensa, normas de conduta e o estabelecimento de limites podem ser áreas especialmente difíceis, possibilitando conflitos familiares a serem solucionados.

Ainda, continuando a consideração dos discursos agrupados na categoria de “Relações Familiares,” emerge o fenômeno convivência em que a família desfruta momentos de prazer na vida familiar, de extrema importância para a formação do Eu do filho. Esta convivência é construída em todos os momentos, percebendo-se que o filho começa a definir os aspectos do seu Eu (afetiva e estruturalmente), junto às representações internalizadas no meio familiar em encontros íntimos significativos, tais como, realizar as refeições juntos, passeios, a amizade dos pais pelos amigos dos filhos, assistir em conjunto filmes na TV etc o que facilita a troca de idéias e discussão dos mais variados assuntos.

Quando as pessoas reúnem-se, aparentemente, algo ocorre, surgindo sentimentos e as mais diversas formas de pensar tanto no momento em que estão juntas, como depois no modo de agir e reagir, umas em função das outras. Assim, as impressões sensoriais recebidas e os atos empreendidos registram-se e, como resultado, a percepção de si próprio e dos outros pode ser confirmada, alterada ou modificada radicalmente, o que influencia o Eu do filho.

A importância da qualidade da convivência familiar é de extrema importância, porque possibilita a identificação e compreensão das referências e valores que estão sendo formados pelos filhos, pois os mesmos podem interpretar de diferentes

maneiras, como também, focalizar sua atenção em determinados fatos de forma adequada, sendo então construída a subjetividade dos filhos.

A vivência de regras, valores, condutas etc dá-se de modo imediato nas experiências vividas e sentidas pelo filhos na convivência familiar, confirmando os estudos de Bicudo (1982), ao afirmar que o sentir um interesse ou um desejo por algo é uma forma de relação direta com o próprio Eu. O sentir as manifestações do gostar e preferir facilita a percepção de si mesmo com relação às escolhas. Desta forma, na convivência familiar torna-se fundamental que a família acompanhe o desenvolvimento destas percepções e das devidas escolhas realizadas pelos filhos, os quais dependem desta experiência de vida. Portanto, dependendo do nível de compreensão, as experiências vividas deixam marcas, que se tornam guias gerais para o comportamento, tendendo a oferecer direção à vida dos filhos e a incorporar-se na formação do seu Eu .

A síntese da categoria “Comportamentos Familiares,” neste trabalho, indica que os pais não devem proporcionar uma educação excessivamente liberal e nem autoritária, mas uma educação adequada ao modo de viver contemporâneo, com o estabelecimento de regras de conduta nos estudos, nas atividades sociais. A realização de uma orientação equilibrada por parte dos pais constitui-se num sinal da existência de preocupação e atenção em relação aos filhos.

Assim, na síntese dos discursos agrupados na categoria “Comportamentos Familiares,” em que aparece o fenômeno normas de conduta estas configuram as permissões e proibições, como forma dos pais manterem um certo controle sobre as atitudes dos filhos. Normas estas que, embora contestadas como forma de controle e não apreciadas pelos filhos, são reconhecidas como preocupação dos pais diante da violência urbana que permeia o viver cotidiano atual.

Admiram os pais denominando-os de “legal e “paizão,” mas simultaneamente os consideram exigentes com os horários para dormir, entrar em casa, estudar etc. Pode-se inferir que os filhos entendem as regras estabelecidas pelos pais, conseguindo enunciá-las, como também, discutir, argumentar e até supor quais são as suas conseqüências. Portanto, o filho parece ser aquilo que os pais esperam dele como ser responsável conseguindo aproveitar a educação que estão se esforçando para lhe dar, a fim

de encontrar uma carreira para o futuro, dentro dos parâmetros de responsabilidade e respeito ao próximo, conforme os valores aceitos pelos pais.

O bom relacionamento e a harmonia familiar estão intimamente ligados às regras de conduta sobre as questões mais importantes do ambiente familiar, maneiras de agir uns com os outros, contribuindo de forma decisiva para a consolidação do grupo, principalmente aquelas que interferem na segurança e no bem-estar dos filhos.

A família estabelece normas de conduta, estilos de comunicação, entretanto, o meio social sempre pode afetá-la pelos desafios e perigos provenientes de uma convivência social, exigindo participação dos pais na vida dos filhos e sua observação quanto a possíveis modificações de comportamentos como consequência desta convivência social, como por exemplo o problema das drogas. Portanto, os pais devem oferecer alternativas e estratégias, propiciando oportunidades para o filho fazer escolhas e substituir uma atividade indesejável que prejudica a formação do Eu do filho, de modo, a possibilitar a transformação de uma situação prejudicial, reduzindo e limitando o interesse do filho pelas atrações negativas do meio social, que não beneficiam o seu Eu.

Em muitas gangues, por mais terríveis que pareçam para a família, o adolescente sente-se seguro, pois os membros das mesmas criam entre si um tipo de laço familiar, embora capaz de distorcer a formação do Eu. Logo, quando o filho desaparece do círculo familiar e reduz o ritmo de estudos, a família deve ficar atenta, como também, abrir espaços para diálogo, impor limites e estabelecer regras, o que possivelmente favorecerá o Eu do filho nesse momento. Em determinado grupo social pode influenciar a formação da personalidade do Eu do indivíduo em formação e, provavelmente, atuar negativamente por intermédio de seus preconceitos, crueldade, hostilidade e egoísmo em relação ao ambiente familiar.

A maioria dos filhos tem a permissão para andar na vizinhança sozinhos, sem muita fiscalização, preferindo aventurar-se e explorar o meio social, com pouca noção de perigo. O fato de adquirir maior independência e aventurar-se fora de casa, coloca os filhos em crescente contato com o perigo, todavia, os pais devem procurar conversar sobre assuntos mais sérios, tais como, seqüestro, prostituição infantil, drogas etc nos limites da sua idade, porém adequados a sua estrutura mental. Alguns pais receiam levar esse tipo de informação aos filhos, para não deixá-los ansiosos e criar um ambiente de preocupação

com fatos que antes não conheciam. Contudo, os filhos parecem mostrar maior confiança e menos ansiedade na medida em que aprendem a tratar com situações difíceis.

Portanto, algumas famílias acham-se atentas a todas as modificações de comportamento dos filhos, para que possam orientá-los no momento adequado, diante das possíveis aventuras que possam ocorrer devido à influência e convivência sociais que podem determinar danos na formação do Eu dos filhos, pois, nas relações com o outro e com o mundo, os mesmos aprendem hábitos, atitudes, valores, isto é, aprendem a ler o seu mundo e a internalizá-lo.

A constituição de identidade de cada pessoa sempre passa por construções que tem origem no social, já que o ser humano se desenvolve e se reconhece nas interrelações psicológicas e sociais com os outros, tais como, família, escola, amigos etc. Assim sendo, infere-se que a construção do Eu não se dá ao caso, mas vai depender das condições de convivência familiar e do meio social em geral, resultantes das múltiplas interações vividas, o que faz dos outros co-construtores do Eu dos filhos.

Portanto, através da posição fenomenológica de Husserl, à medida que os filhos movem-se do familiar para o desconhecido, desenvolve-se uma nova identidade cultural, ocorrendo uma transcendência do familiar para o mundo externo, isto é, entre o Eu e o outro, entre o ser pessoal e o ser social. O indivíduo de cada família constrói uma identidade composta de ser pessoal e ser social, o que vem confirmar os estudos de Elzirik ( 1997, p. 54) ao afirmar que, “ ... o sujeito é autoconstitutivo de sua própria identidade. O Eu opera a unidade da multiplicidade e da pluralidade, integrando nossa subjetividade pessoal numa subjetividade coletiva. ”

Segundo Morin ( apud, Schmitman, 1996) o indivíduo é evidentemente um produto, mas também é produtor no processo que concerne a sua progenidade, num ciclo rotativo da vida. Deste modo, a sociedade é sem dúvida, o produto de interações entre gerações, significando que os indivíduos produzem a sociedade, que por sua vez, produz o indivíduo. Assim, de produto converte-se em produtor, de produtor em produto. O Eu do filho participa então de uma variedade de interações sociais que permite adquirir diferentes identidades. O Eu do filho provavelmente é uma manifestação da ação humana, da ação do falar acerca de si mesmo, deste modo, o Eu é aprendido e está sempre em desenvolvimento, positivamente ou negativamente.

O Eu do filho significa o que se apresenta como sujeito, representando suas ações, o passado, o presente e o futuro da sua convivência familiar. Portanto, os seres humanos, especialmente os membros da família, podem ser agentes conscientes e intencionais, isto é, co-autores que influenciam sobre o Eu dos filhos. Assim sendo, formam-se tantos Eus potenciais que se co-criam continuamente, o que vem provocar o aparecimento de traços identificatórios de um Eu que emerge de forma significativa.

Ainda, a síntese dos discursos agrupados na categoria “Comportamentos Familiares” emergem aspectos, tais como: a inveja do outro irmão; a busca de amigos bem mais velhos para suprir a perda de um parente; a identificação com um dos pais; a causa da mudança da conduta escolar do filho por motivos familiares etc.

Com referência a literatura especializada, Lobo (1997), por exemplo, assinala que o impacto da ausência do pai é maior entre os meninos do que entre as meninas. Ainda, os estudos têm mostrado que a idade dos filhos em que o pai se afasta da família é importante. Geralmente, indicam que a ausência do pai durante os primeiros anos de vida exercem maior influência sobre os filhos do que uma separação posterior, podendo verificar-se exceções.

Na pesquisa, constatou-se que o pai é uma figura importante para a formação dos filhos, independente da forma que se comporte, pois sua presença sempre diminui riscos negativos na formação do Eu do menor. A ausência da figura paterna para o mesmo, após a separação dos pais, pode manifestar no filho o desejo de uma convivência familiar com uma figura masculina, inclusive para conversar sobre assuntos particulares, pois, com a mãe não conta com esta liberdade. Desta forma, pode-se supor a necessidade da presença de uma figura masculina alternativa, como por exemplo o avô, como elemento suavizador considerável para compensar a falta do pai que se afasta da família. Entretanto, a morte do avô, determina mudanças familiares, acompanhadas de dificuldades financeiras, surgindo novamente o sentimento de perda.

Assim, para compensar a ausência do pai e também, da figura masculina alternativa do avô, um filho pode procurar amigos bem mais velhos para buscar a figura paternal ou masculina, como também, o apoio emocional, a fim de enfrentar a ausência de um modelo masculino e conseguir mais segurança. Os estudos de Muza (1998, p. 147) confirmam essa realidade, ao afirmar que os filhos desenvolvem as suas identificações, a

partir das relações interpessoais com os pais, pois quando “... não desfrutam da presença do pai, acabam por enfrentar ... dificuldades de reconhecimento de limites e de apreensão de regras de convivência social ...”.

No caso de uma filha, quando um dos pais morre, todas as relações do sistema familiar são modificadas e os resultados da pesquisa demonstraram que o perder o pai, produz grande dor. A probabilidade de buscar sucesso ou crescimento no relacionamento entre mãe e filha faz emergir o sentimento de união, quando ambas conseguem construir novas relações, podendo, ainda, iniciar-se a descoberta de outras pessoas. A aproximação e identificação da filha com a figura materna, vem beneficiar o Eu da filha, que perdeu o pai, sendo levada até a explorar o significado da vida e da morte bem como suas implicações.

Um dos comportamentos familiares freqüentes, como a inveja entre irmãos, isto é, imaginar que a irmã ou o irmão é o preferido dos pais, decorre da reivindicação de cuidados dispensados ao outro/a, o que demonstra uma suposta injustiça para quem deseja ser o centro de amor e atenção da família e pretende não perder o espaço, a admiração, o afeto e a aceitação dos pais. Conclui-se, então, que a inveja entre irmãos acarreta a insegurança e baixa auto-estima do filho, que podem ser expressas através de problemas escolares, tais como, indisciplina, esquecer o material escolar, brigas no refeitório, queda no rendimento escolar etc.

A escola é a primeira instituição externa que toma decisões sobre como a criança vai transformar-se, pois, se um filho é percebido como sendo um fracasso na escola, o mesmo será condenado a tornar-se um fracasso na vida.

Portanto, para os pais a escola torna-se a instituição onde o sucesso comportamental, social e acadêmico vão expressar a atuação adequada dos mesmos diante da sociedade. Por isso, para muitas famílias, o sucesso educacional dos filhos é fundamental para o sucesso pessoal e econômico do adulto, não podendo tornar-se um acontecimento estressante. Quando os pais são freqüentemente convidados pela escola a envolverem-se nas necessidades educacionais do filho com problemas escolares, este apresenta dificuldades no convívio familiar e os pais procuram responsabilizar a escola e respectivos professores pelo insucesso na formação do Eu dos filhos.

A síntese da categoria “Diálogo” mostrou que os pais, ao procurarem estabelecer um bom relacionamento com os filhos, conseguem aumentar a probabilidade de influenciá-los, pois, os mesmos esperam dos pais uma atitude tranqüila, na solução das eventuais divergências, reconhecendo o valor do diálogo. Os filhos, por sua vez, ao realizarem um diálogo aberto com os pais, experimentam a facilidade de expor os seus problemas, porque têm a certeza de que receberão a devida atenção.

Assim, na síntese dos discursos agrupados na categoria “Diálogo,” aparece o fenômeno do bom entendimento entre pais e filhos, ficando evidente o interesse pelas suas vidas, pelos seus amigos, atividades e trabalho da escola. Os pais ao manifestarem amor aos seus filhos oferecem-lhes maior segurança, propiciando-lhes um sentimento de apoio através da liberdade de diálogo, além da percepção de que os pais se interessam pela expressão da auto-estima dos filhos. O diálogo demonstra a confiança e respeito numa família, contribuindo positivamente para a estabilidade moral e para a formação do Eu dos filhos.

Ainda, da categoria “Diálogo” emerge o fenômeno confiança que, por meio de confidências entre pais e filhos, favorece o desenvolvimento integral do Eu destes últimos, surgindo um funcionamento harmonioso dos desejos, aptidões e potencialidades. Ocorre, também, a harmonia entre o Eu do filho e a sociedade, em que o mesmo pode aderir às práticas sociais sem demasiada agitação, confirmando os estudos de E. Erikson (1976) e sugerindo que a confiança cria no filho a base para um sentimento de identidade que, mais tarde, se combinará com um sentimento de auto-aceitação, isto é, de ser ele próprio.

A dificuldade do diálogo entre pais e filhos parece decorrer da auto-estima do sujeito, na medida em que é preciso uma comunicação clara e direta dos pais com os filhos, a baixa auto-estima pode levar a uma comunicação disfuncional. Assim, a falta de diálogo e ausência de liberdade para conversar sobre qualquer assunto com os pais, pode ser reveladora do distanciamento da família e da instabilidade verificada no convívio familiar.

Os filhos diferem dos pais em atitudes, opiniões, surgindo conflitos e impasses inevitáveis, porque os filhos revelam a incapacidade dos pais para argumentar, dialogar, sem usar senão palavras que irão agredir. O filho teme decepcionar, desgostar os

pais e perder o seu amor, torna-se possível, então, deduzir-se que as palavras agressivas, mesmo ditas em voz baixa, as ofensas e imposição de idéias, constituem uma ameaça terrível e extremamente lesivo para o Eu do filho, que fica inseguro e pode sentir-se perdido.

Portanto, infere-se que o diálogo aberto entre pais-filhos está vinculado à qualidade das relações desenvolvidas no contexto da família. Desta maneira, destaca-se um dos aspectos mais reveladores do convívio familiar que é a comunicação, ao mesmo tempo transmissora de informações e definidora da natureza das relações entre aqueles que se comunicam.

Os dados coletados na pesquisa indicaram que uma filha com possibilidade para conversar tudo com a mãe, trocar experiências e muitas vezes, imitadora das atitudes da mãe, vai estruturar seu Eu em termos da percepção e afirmação do outro (mãe e a família em geral), conforme a posição fenomenológica de Husserl. A família evidencia o próprio Eu da filha, como resultado de uma fonte de atividades, de intencionalidades que sugerem um Eu na presença de outro sujeito - a mãe. Na tentativa de compreender como o outro, organizou-se diante de si, emerge a questão de que o outro é o não-Eu, aquele que está lá, fora de si, mas que é análogo a ela, formulando-se conseqüentemente sua identidade que implica na alteridade.

Assim, partindo da afirmação de Husserl de que o Eu significa um entre outros, pode-se inferir que existe primordialmente uma relação homem-mundo, que é a vivência do ser, podendo-se afirmar, então, que o outro - a família, influencia o Eu do filho, através do diálogo, elaborando-se gradativamente a sua identidade.

A síntese da categoria “Interpretações feitas pelos Filhos sobre os Pais” mostra que os pais não percebem que transmitem aos filhos suas vivências significativas e seus valores, bem como nos depoimentos dos filhos é sugerida a probabilidade dos pais influenciarem nas atitudes e condutas dos filhos.

Desta forma, na síntese dos discursos agrupados na categoria “Interpretações feitas pelos Filhos sobre os Pais,” emerge o fenômeno valor que, por meio de uma variedade de experiências sob a orientação dos pais, comunica aos filhos princípios, atitudes sociais, conduta moral, ética etc. A quantidade e a qualidade de informações que os filhos recebem dos pais através de uma participação diária e informal de conhecimentos

e experiências levam os filhos a serem estimulados a tornarem-se conscientes de sua conduta diante da sociedade.

Os valores podem estar ligados a vários fatores, como a experiência e a interação social, resultando uma seqüência de relações de estímulo-resposta em que a conduta social é a resposta ao estímulo produzido por outros, bem como símbolos e códigos, que são transmitidos. Os valores advêm da convivência familiar e social e são introjetados valores como verdade, liberdade, dignidade, amor fraterno, autenticidade etc.

Na pesquisa, verificou-se que a família valorizava muito os valores morais que transmitiam aos filhos e que se integravam na formação do Eu dos filhos. A família considerou fundamental a formação do caráter e da moral dos filhos, gerada dentro da família, entre pais e até avós, conforme o modelo oferecido pela mesma, assim como cada filho vai absorvendo esse modelo, desde o nascimento. Estes fatos coletados são confirmados pelo estudo etnográfico familiar de Cárdenas (1996), no qual é confirmado a existência de uma proposta valorativa mais consistente associada a um projeto definido pela família, por meio de uma relação dialética de fortalecimento mútuo entre o projeto e a estrutura familiar, o que indica um plano de vida compartilhado pelos membros de uma família com metas e prioridades claras, acompanhadas de relações familiares democráticas e flexíveis.

Ainda, a síntese da categoria “Interpretações feitas pelos Filhos sobre os Pais” deixa clara a afirmação dos filhos que a orientação eficiente dos pais, sua freqüência escolar são de grande importância para conscientizá-los que somente pelo esforço conseguem ingressar num curso superior de alto nível, que trará benefícios para o seu próprio futuro em relação às atividades profissionais. Os filhos percebem e reconhecem o sacrifício dos pais ao lhes proporcionarem uma educação adequada, mesmo diante das dificuldades econômicas enfrentadas pela família, como o desemprego.

Portanto, esses valores, também destaca-se em uma educação apropriada aos filhos, desenvolvida pelas famílias como o incentivo ao trabalho escolar e à aquisição de conhecimentos. Os pais acreditam mesmo que se trata de uma forma de crescimento pessoal para os filhos, levando-os a superar a sua própria formação intelectual, criando-lhes ideais e expectativas quanto ao futuro.

Por conseguinte, fenomenologicamente, pode-se supor que o passado enquanto vivência dos pais com pouca formação intelectual, quando é abordado o fenômeno valor-educação, apresenta-se como sinal de uma realidade passada, mas que atinge o futuro, no sentido de uma preocupação da família com um bom emprego para o filho. Portanto, os pais formulam expectativas em relação aos estudos dos filhos como recurso de mobilidade social, esclarecendo sua significação para o filho, na esperança dessa mobilidade.

Portanto, um filho ao identificar-se com seus agentes socializadores - a família, num contexto de fortes laços afetivos, internaliza um conjunto de valores, de perspectivas futuras, de normas, que definem sua conduta no presente e, provavelmente, vão formar expectativas quanto aos papéis que poderá assumir quando adulto, confirmando a geração de representações inferida através dos estudos de Nicolaci da Costa (1985, p. 157), no processo de socialização, quando ocorre a “ inserção social do sujeito no presente como também no futuro.”

Por meio dos dados coletados na categoria “Interpretações feitas pelos Filhos sobre os Pais”, no Eu de um jovem verificam-se preocupações consigo mesmo acrescidas do problema de localizar a si próprio no mundo adulto quanto à independência, trabalho, política etc. Da mesma forma, ao identificar-se com os pais, o mesmo procura fazer com que a família sinta orgulho pelo seu empenho. O Eu do filho na busca da expressão adulta mostra a possibilidade de fracasso como uma ameaça para seu futuro, manifestando provavelmente medo de não conseguir atingir as expectativas e sonhos estimulados pela família, em uma luta simultânea para alcançar seus ideais. Assim, pode-se inferir que o Eu do filho procura definir sua própria auto-imagem, isto é, o Eu real, um dos elementos para a formação da identidade pessoal. Deste modo, confirmam-se os estudos de Maslow (Holland, 1979) ao afirmar que existe um Ego real, necessitando apenas ser liberado ou facilitado, pela não-interferência cultural ou social.

Na educação religiosa, a família também procura transmitir os valores, a fim de que os filhos de acordo com os princípios morais e éticos, tenham possibilidade de discernimento e avaliação a partir de conceitos e escolhas pessoais. O Eu do filho adolescente costuma considerar os valores recebidos da família e realizar a descoberta de si

mesmo, como também, o seu potencial de sentimentos e comportamentos, tentando ajustá-los à sua auto-imagem.

Inferese que o Eu do filho adolescente, ao penetrar na nova constelação de significados apresentados pelo ambiente, define o lugar que ocupará na sociedade adulta, emergindo uma autopercepção de si, desejando mesmo conquistar mais privilégios, mais independência, liberdade das restrições e supervisões dos pais, buscando porém ainda, apoio da família para conhecer melhor a vida. Portanto, o Eu do filho adolescente manifesta maior independência em vivenciar os valores interpretados na educação recebida da família, embora, ainda, protestando e sentindo um alívio secreto quando seus pais deixam transparecer o peso de sua autoridade.

Ainda, na categoria “ Interpretações feitas pelos Filhos sobre os Pais,” que vem sendo considerada, emerge o fenômeno maturidade, em que o filho deve ser capaz de fazer escolhas e decisões baseadas na percepção de si mesma, dos outros e do contexto em que se encontra, reconhecendo tais escolhas e decisões como sendo suas, bem como, aceitando suas conseqüências. O mesmo manifesta-se com clareza aos outros e sem modificações em seu Eu interno, deixando perceber, assim, mais abertamente, o que pensa e sente. Por outro lado, aceitar a responsabilidade pelas coisas que sente, ouve e vê, interrelacionando-se com o outro como alguém único.

Fenomenologicamente, pode-se inferir que o fenômeno maturidade, no Eu do filho parece revelar uma compreensão do que se passa com o outro, sem a necessidade que o seu Eu tenha que modificar-se e viver aquilo que o outro esteja vivendo. Emerge, então, a maturidade pessoal que permite a compreensão do sentimento do outro, mediante o bom relacionamento entre as pessoas, o que favorece a convivência humana e implica numa mútua comunicação e coexistência pacífica.

Os indivíduos de cada família desenvolvem uma imagem de como são os outros membros, o que inclui o significado e significante emocional que os outros têm pelos membros a seu redor. Assim sendo, as imagens construídas pelos filhos em relação aos pais, são interligados e são projetados tanto para fora quanto para dentro do relacionamento familiar. Esta imagem é composta de componentes realísticos e idealizados em várias proporções, quais sejam: os valores (culturais, morais, religiosos etc); as suas expectativas de papéis, o resíduo das experiências dos pais em sua família de origem etc.

Assim, os filhos parecem descrever a imagem dos pais, como produto das experiências diretas com os mesmos, o que vem atender à segunda questão da pesquisa: Como se caracterizam as imagens construídas pelos filhos no que se refere aos pais?

As relações entre a família e os filhos caracterizam-se por uma interação de processos emocionais de ligação e separação. Por meio da integração familiar surge a individualização e uma renovação crescente pessoal, pois, após a individualização, surgem novos níveis de participação. Portanto, o Eu do filho vai sendo formado por resultados das interrelações do grupo familiar. O Eu tem uma história natural de desenvolvimento, crescendo a partir da infância, evoluindo gradativamente, passando por mudanças, ora superficiais ora drásticas, podendo até desintegrar-se como consequência da tensão no ambiente.

A imagem que o filho forma de si próprio, está estreitamente relacionada com a auto-estima adquirida no ambiente familiar. Portanto, a família desempenha um papel importante na formação de laços afetivos que permitem ao filho estabelecer adequadas relações interpessoais futuras. Nas relações familiares, os dados coletados sugeriram a predominância de situações envolvendo amor, dignidade, respeito, convivência familiar, sentimento de família, confiança, diálogo e outros elementos positivos. Assim, supõe-se que a família pode promover experiências capazes de permitir ao filho sentimentos de segurança emocional, adaptação a posições vitais diversas com um planejamento consciente de suas atividades futuras, que atuarão, de forma benéfica, na determinação do Eu dos filhos, esclarecendo de certa forma, a primeira questão da pesquisa: Que relações familiares foram coletados com maior frequência em relação ao Eu do filho?

Os filhos no contexto familiar imitam, retém o que observam e mais tarde, seguem os mesmos passos que, conscientemente, ou sem perceber, os pais lhes oferece. A família é um sistema de forças em que cada membro desempenha o seu papel e tem sua função, apresentado uma dinâmica familiar com a probabilidade de manter, modificar ou mesmo remodelar a identidade em formação, ou seja, o Eu do filho.

Por outro lado, os resultados da pesquisa parecem indicar que a história das famílias estudadas envolve problemas desencadeadores de transformações na construção do Eu dos filhos. As tensões e a heterogeneidade nas relações verificadas na trajetória das

famílias influenciam a formação do Eu dos filhos. Desta forma, algumas situações familiares influenciarem no Eu dos filhos, como a separação dos pais, a morte de um dos pais, dificuldades financeiras diante do desemprego na família etc. As declarações dos filhos registrados no capítulo V, sugeriram que tais situações são mais frequentes na produção de ambiente familiar estressante, que provavelmente afetou a caracterização do Eu dos mesmos. Os filhos compartilham de todos os acontecimentos familiares, o que esclarece a resposta à terceira questão da pesquisa: Que situações do contexto familiar podem ser inferidas que mais influenciaram no Eu dos filhos?

Finalmente, a pesquisa da literatura sobre as relações da Família e o Eu dos Filhos do ponto de vista fenomenológico não ofereceu resultados decisivos sobre os diversos aspectos envolvidos pelo tema em questão. Entretanto, o material coletado sugere subsídios para a multiplicação de estudos dos vários fatores atuantes na situação considerada.

**BIBLIOGRAFIA**

- ALLPORT, G. Personalidade (padrões, desenvolvimento). Trad. de Dante Moreira Leite, São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo: 1966.
- AMARAL, C. Relações familiares, adolescência, gênero e representações sociais de adolescentes. v. 1. Tese de doutorado, UNICAMP / Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo: 1997.
- ALMEIDA, A. (org.) & outros. Pensando na família no Brasil (da colônia a modernidade). Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/UFRJ: 1987.
- AMATUZZI, M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. Estudos de Psicologia/ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), São Paulo, v. 13, n.1, 5-10, Jan.-Abr. : 1996.
- ANDOLFI, M. & colaboradores. Por trás da máscara familiar. Trad. de Luiz Carlos Osório, Porto Alegre, Artes Médicas: 1984.
- BIAGIO, A. B. Psicologia do desenvolvimento. Rio de Janeiro, Vozes: 1978.
- BERTRAN, O. Lacan: a formação do conceito de sujeito. Rio de Janeiro, Zahar: 1987.
- BERGER, P. & BERGER, B. Sociology - biographical approach. New York, Basic Books: 1975.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Trad. de Floriano de Souza Fernandes, Petrópolis, Vozes: 1974.

- BLEGER, J. Temas de psicologia: entrevista e grupos. Trad. de Rita Maria M. de Moraes, São Paulo, Martins Fontes: 1980.
- BRIOSCHI, L. & TRIGO, M. Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas. São Paulo, Ciências e Cultura, 39(7), 631-637: 1987.
- BRUSCHINI, C. Uma abordagem sociológica da família. Revista Brasileira de Estudos de População. São Paulo, v. 6, n. 1, 1-21, jan.- jun. : 1989.
- BICUDO, M. A. Fundamentos éticos da educação. São Paulo, Editora Autores Associados / Cortez Editora: 1982.
- CALIL, V. L. Terapia familiar e de casal. São Paulo, Summus: 1987.
- CANEVACCI, M. Dialética da família. Trad. de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo, Brasiliense: 1985.
- CAPALBO, C. Fenomenologia e ciências humanas. Rio de Janeiro, Âmbito Cultural Edições: 1987.
- CÁRDENAS, R. C. La familia, el niño y los valores. Un estudio de etnografía familiar. Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Educação. Porto Alegre, ano XIX, n. 30, 39-54: 1996.
- CARNEIRO, T. Família saúde mental. Psicologia: teoria e pesquisa. Brasília, v. 8, suplemento, 485-493:1992.
- CARVALHO, M. (Org.). A família contemporânea em debate. São Paulo, Cortez/ EDUC-PUC-SP: 1995.

- CHODOROW, N. Psicanálise da maternidade - crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos: 1990.
- COSTA, J. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro, Graal: 1989.
- COUTINHO, M. Tecendo por trás dos panos - a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro, Rocco: 1994.
- DELL, P. Beyond Homeostasis: Toward a concept of coherence. Family Press, 21:22-41: 1982.
- DUARTE, L. Suicídio. Jornal O GLOBO. Rio de Janeiro, 19 de maio, 1-2: 1996.
- DURHAM, E. Família e reprodução humana. Rio de Janeiro, Perspectivas Antropológicas da Mulher, Zahar: 1983.
- ERIKSON, E. Infância e Sociedade. Trad. de Gildasio Amado, Rio de Janeiro, Zahar: 1976.
- ELZIRIK, M. Dialogar com o mistério do mundo: a aventura da complexidade em Edgar Morin. Universidade do Vale dos Sinos. Estudos Leopoldinense. Rio Grande do Sul. Série Educação. v. 1, n. 1, 49-64: jul. - dez. : 1997.
- FADIMAN, J. & FRAGER, R. Teorias da personalidade. Trad. de Camila Pedral Sampaio e Sybil Sofdié, São Paulo, Harbra: 1979.
- FAIRBAIRN, W. Psycho-analytic studies of the personality. New York, Basic Books: 1952.

FIGUEIRA, S. (org.) Uma nova família. Rio de Janeiro, Zahar: 1987.

FRAGATA, J. A fenomenologia de Husserl - como fundamento da filosofia.  
Coimbra, Portugal, Livraria Cruz: 1959.

FRANÇA, C. Psicologia fenomenológica - uma das maneiras de se fazer.  
Campinas, São Paulo, UNICAMP: 1989.

GINÉ, C. El paper de la família i l'entorn microcultural en els processos  
d' integració. Universitat Autònoma de Barcelona. Departament de  
Pedagogia Aplicada. Educar. Spain. n. 22-23, 119-137: 1998.

GORMAN, R. A visão dual - Alfred Schutz e o mito da ciência social  
fenomenológica. Trad. de Livia Neves de Holanda Barbosa, Rio de  
Janeiro, Zahar: 1979.

HABERMAS, J. Consciência Moral e Agir Comunicativo. Trad. de Guido  
Antônio de Almeida, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro: 1989.

HOLANDA FERREIRA, A. Novo dicionário Aurélio. Rio de Janeiro,  
Nova Fronteira: 1975.

HOLLAND, R. Eu e contexto social. Trad. de Angela Malin, Rio de Janeiro,  
Zahar: 1979.

HART, L. A família moderna. Rio de Janeiro, Editora Saraiva: 1989.

HUSSERL, E. A idéia da fenomenologia. Trad. de Artur Morão, Lisboa-  
Portugal, Edições 70: 1986.

- Meditações cartesianas - introdução à fenomenologia. Trad. de Maria Gorete Lopes e Sousa, Porto-Portugal, Rés: 1989.
- JAPLONSKI, B. Até que a vida nos separe ( a crise do casamento con - temporâneo). Rio de Janeiro, Agir: 1991.
- JAMES, W. The principles of psychology. v. I, New York, Dover, Henry Holtand Company, reedição inalterada de 1950: 1980.
- KAUKMANN, F. Strukturwandel der familie - ein soziologische analyse. Federal Republic of Germany, Universitas Zeitschrift fur Interdiszi- naire Wissenschaft, 2 Jahrgang, Nummer 612, 514-527, Jun:1997.
- KLEIN, M. & colaboradores. New directions in psycho-analysis: the significance of infant conflit in the pattern of adult behaviour. Londres, Tavistock Publications: 1955.
- KOFFKA, K. Princípios da psicologia da gestalt. Trad. de Alvaro Cabral, Cultix/ Ed. da Universidade de São Paulo: 1975.
- LANE, S. O processo grupal. Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo, Brasiliense: 1992.
- LOBO, I. Escola de Pais:para que seu filho cresça feliz. Rio de Janeiro, Lacerda Editores: 1997.
- LUDKE, M. & ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU: 1986.
- LYOTARD, J. A fenomenologia Trad. de Mary Amazonas Leite, São Paulo, Difel: 1967.

- MAILICK, M. & VIGILANTE, F. The family assessment wheel: a social constructionist perspective. Families in society - the journal of contemporary human services. Milwaukee, v. 78, n. 4, 361-369, Jul.-Ag.: 1997.
- MÁIRAN, P. Aula de terrorismo no Rio. Jornal O DIA. Rio de Janeiro. jul. 26-27: 1996.
- MASINI, E. Algumas noções sobre a fenomenologia para o pesquisador em educação. São Paulo, Rev. Fac. Educação/USP, v.19, n. 1, 71-78, Jan- Jun.:1993.
- MEAD, G. Mind, self e society. Chicago, University of Chicago Press: 1934.
- MUZA, G. Da protensão generosa à vítima do vazio. In: Exercício da paternidade. Org. Paulo de Silveira, Porto Alegre, Artes Médicas: 1998.
- NICOLACI DA COSTA, A. Mal estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. In: Cultura da psicanálise. Figueira, S.(org.), São Paulo, Brasiliense, 147-168: 1985.
- NOVAIS, M. Psicologia pedagógica. Rio de Janeiro, Achiamé: 1982.
- PECK, D. & WHITLOW, D. Teorias da personalidade. Trad. de Eduardo D' Almeida, Rio de Janeiro, Zahar: 1976.
- PERROT, M. O nó e o ninho. Reflexões para o futuro (suplemento), Revista Veja, Rio de Janeiro, Abril, Edição 1306: set. 1993.
- POSTER, M. Teoria crítica da família. Trad. de Alvaro Cabral, Rio de Janeiro, Zahar:1979.

- REICH, W. A revolução sexual. Trad. de Ary Blaustein, Rio de Janeiro, Zahar: 1977.
- ROGERS, C. Em busca de vida. São Paulo, Summus: 1983.
- \_\_\_\_\_ Sobre o poder pessoal. Trad. de Wilma Millan Alves, São Paulo, Martins Fontes: 1986.
- SCHMITMAN, D. (org.) Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Trad. de Jussara Haubert Rodrigues, Porto Alegre, Artes Médicas: 1996.
- SCHUTZ, A. El problema de la realidade social. Trad. Néstor Míguez. Buenos Aires, Argentina, Amorrortu: 1962.
- SMITH, R. Family: comparative structure. International Sociological Enciclopedy: 1990.
- SULLIVAN, H. Interpersonal theory of psychiatry. Londres, Tavistock Publications: 1955.
- VELHO, G. Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar: 1981.
- WHITE, R. Ego and reality in psychoanalytic theory: a proposal regarding independent energies. Psychol. Issues, Monogr. n. 11, New York, Internacional Universities Press: 1963.

# ANEXOS

## DISCURSO DAS FAMÍLIAS COLETADO NOS DEPOIMENTOS

Por opção dos sujeitos, as entrevistas foram realizadas em seus domicílios, por opção dos mesmos, utilizado-se um gravador com a permissão do pesquisado. As gravações foram transcritas, textualmente, imediatamente após as entrevistas, cujos depoimentos constam integralmente.

### FAMÍLIA I

**Depoimento 1:** *Síntese Descritiva* - Mãe, 46 anos e professora.

As relações familiares formam-se no decorrer da vida e deve haver respeito de todos os membros da família. A compreensão é a chave para conseguir ficar perto dos nossos filhos. A família é a confiança, é a segurança da criança e do adolescente, é o porto seguro. O relacionamento com a minha filha é de muito carinho e amor, talvez, até em excesso. Esse é o caminho, pois, conversamos, trocamos idéias, conto as minhas experiências e conversamos sobre quase tudo. Conversamos sobre sexo, drogas, amigos. Temos uma relação muito próxima. Lógico, nem sempre corre tudo bem, mas pelo o que vejo ao meu redor acho que o caminho é o amor, compreensão e respeito. O comportamento da minha filha é como de todo adolescente, querem conhecer e testar a vida. Fazer tudo ao mesmo tempo, mas apesar desta ânsia de conhecer o mundo, ela vem se desenvolvendo de forma equilibrada. Talvez por amá-la muito estou sempre muito disponível para conversar com ela e ajudá-la no que sempre for possível. Penso que ela confia em mim e eu confio muito nela. Acho que relacionamos bem. Estou feliz com a minha filha.

**Depoimento 2:** Filha única, 19 anos e universitária (faculdade particular).

Eu acho que as relações pais e filhos é sempre uma relação muito delicada né e normalmente o que acontece é que as pessoas tem medo acho que, de se relacionarem. Acho que isto é o que dificulta e quando este medo acaba fica tudo mais fácil. Quando

você pára de ver assim o seu pai como o chefe uma coisa assim, sua mãe assim, e passou a ver como amigo fica, fica mais fácil conversar. Acho que é uma relação delicada porque ao mesmo tempo né, que o pai e a mãe tem que educar, tem que repreender né, ele quer ser amigo, quer compartilhar. Eu acho que muitas vezes é, por não ter filhos né, é colocado pelos filhos né, o diálogo porque fica com medo né, do pai de brigar ou coisa parecida. minha relação né, que eu tenho com minha mãe, eu sou, dificilmente acontece, é lógico que acontece, tudo o que a gente faz uma coisa puxa! será que ela vai brigar, mas normalmente acontece alguma coisa né, quem faz. Eu falo, penso, se fiz, acho que fiz uma besteira, uma coisa assim. Normalmente, eu falo, normalmente também ela dá uma chiada, tudo mais, mas uma coisa normal ela nunca é, chega e dá uma bronca absurda porque também é normal a gente errar quando está crescendo, quando a gente está experimentando as coisas, nem tudo que a gente faz vai ser certo e exatamente para que a gente não errar tanto. Eu acho, a gente tem que conversar e falar para poder pegar um pouquinho das experiências dos nossos pais né, porque muitas vezes o que ele aprendeu né na vida não vai mais servir para ele porque já passou aquilo mas vai servir pra gente que ainda vai passar. Então, acho que é muito importante a gente conversar. A minha mãe, assim, por ser filha única né é, a gente sempre foi muito próxima. A gente é muito atordoada, se baixa como companhia, sai junto, conversa, bate-papo desde pequenininha, quando eu achava um menino bonitinho eu falava pra ela e a nossa relação, assim, com tudo, com o estudo né sempre foi muito boa porque ela nunca se meteu, assim, na minha vida. Ela sempre me ajudou a viver. Ela nunca quis direcionar nada. Então, sempre foi muito boa porque eu tenho a abertura de contar tudo pra ela. Ela me escuta, ela me conta as experiências dela também. A gente conversa, a gente vê que muitas vezes eu estou fazendo a mesma coisa que ela fez né, mas eu falo puxa! mãe é igualzinho. As vezes ela se vê fazendo as coisas que os pais dela faziam e a gente conversa muito né. Então, é uma relação muito boa. Muita gente fica quando né puxa! V., você tem uma relação até muito boa com sua a mãe. Vocês são tão amigos né e é assim mesmo. A gente, além de ser mãe e filha né a gente, eu acho, que é acima de tudo amigas. Eu gosto muito da minha mãe!

No final, a pesquisadora perguntou a V. porque o seu padrasto não participou da entrevista, que respondeu o seguinte:

Eu e minha mãe resolvemos realizar a entrevista somente com nós duas.

**Caracterização da família 1:** Família nuclear, apartamento próprio, o pai é engenheiro e a mãe é professora, ambos trabalham e com curso superior e uma filha (19 anos).

## **FAMÍLIA 2**

**Depoimento 3:** *Síntese Descritiva* - Pai, 58 anos e aposentado.

Sou divorciado, tenho dois filhos do primeiro casamento. Casei pela segunda vez e desta união nasceu um terceiro filho. Minha experiência nesse relacionamento de pais e filhos tem dois lados. No primeiro casamento, tive um convívio com eles durante quatro anos bastante conturbado, pois, após a separação o menino foi criado praticamente pelos meus pais e a menina foi criada pela ex-mulher com a ajuda dos pais. Eram culturas diferentes. Meus pais eram mais tradicionais enquanto que a minha ex-mulher era mais prá frente. A diferença, de comportamentos das famílias resultou no seguinte: o menino estudou, formou-se em engenharia e a menina mal acabou o segundo grau. No meu segundo casamento o relacionamento familiar melhorou muito, apesar da minha esposa querer facilitar nos estudos em relação ao nosso filho. Quanto aos comportamentos e relacionamentos vivemos muito bem e procuramos dar a ele uma educação exemplar, pois somos muito elogiados por todas as pessoas com quem convivemos. Na minha opinião é que a família tem duas armas: a sinceridade e a honestidade, sem elas não chega-se a lugar nenhum.

**Depoimento 4:** *Síntese descritiva* - Mãe, 35 anos e do lar.

Uma família só chega algum lugar tendo como válido a dignidade e a sinceridade. O nosso relacionamento é o melhor possível porque procuramos dar o melhor para o nosso filho, principalmente em relação o respeito ao próximo. É por isso que só recebemos elogios de todos sobre a educação do nosso filho porque pela sua idade de quinze anos nos dias de hoje é um adolescente exemplar.

**Depoimento 5:** Filho, 15 anos e estudante do segundo ano do segundo grau ( escola pública).

Na minha família existe o diálogo entre eu e os meus pais. Há o diálogo aberto em casa. Converso bastante com meus pais. Posso expor os meus problemas e sei que serei ouvido pois existem colegas meus que não tem essa facilidade eles tem problemas e muitas vezes não conseguem conversar com seu pai ou com sua mãe, sei que os problemas existem mas felizmente na minha casa isso não ocorre. O estudo meu pai dá muita importância, minha mãe também, mas meu pai é que cobra muito. Ele exige e sempre está perguntando como estou indo ele diz que é muito importante para o futuro e eu sei que é importante. Se você quiser entrar pra uma boa faculdade você tem que se esforçar muito para conseguir ficar entre os melhores porque só uma faculdade de nome é que eu realmente poderei ter uma chance no mercado de trabalho que outros não teriam. Mas em certos assuntos sempre tive mais liberdade de conversar com a minha mãe. Não existe grandes discussões e brigas em casa. Na verdade, as únicas conversas mais sérias que existem em casa é com relação a falta de dinheiro. Eu sei que ocorre em todo mundo. Meu pai não ganha muito bem nem a minha mãe mas a renda familiar é o suficiente pra que eu tenha meus estudos, apesar de estudar em escola pública e eu ter todos os livros e cadernos necessários para cursar os meus estudos. Eu estou até pensando em fazer um curso de inglês e a minha mãe já prometeu que vai pagar as mensalidades. Eu sei que no geral é que minha renda familiar é o suficiente na nossa família que não existe grandes problemas a não ser este. Eu sei que é um problema que existe em todos. Gosto dos meus pais. Tem pais que são muito liberais e não ligam pro filho. Os pais devem mostrar o que é certo e errado para os filhos e orientar o caminho para os filhos para eles conseguirem caminhar para o futuro. Eu sei que tem pais dos meus colegas que não fazem isso, na verdade, eles vivem mais falando e fazendo certas coisas na rua que eu não faria porque eu sei que se meu pai descobrisse ele não gostaria então eu tento manter no caminho certo naquele seguindo aqueles conselhos que meu pai sempre dá me preocupando mais agora com os estudos para que eu possa trilhar o meu caminho com estabilidade no futuro. Se quero sair perguntam, onde vou? Vai, mas volta no horário tal, isto é chato, mas sei que é necessário que meus pais se preocupem muito comigo pois há muita violência na cidade e já tive muitos colegas que já foram assaltados e teve até um que sei que foi espancado quando se recusou de

entregar o relógio, mas no fundo eu sei que é uma preocupação deles. Eles não me proibem de sair apenas querem saber onde eu vou, com quem vou estar e a que horas vou voltar, caso aconteça alguma coisa eles sabem onde vão me encontrar. Espero que isto não tenha que acontecer. Eu compreendo e sempre cuido de deixar aos meus pais informados quando eu saio. Felizmente eles não são de me proibirem de sair ou de colocarem obstáculos para a minha vida. Meus pais não são tão fechados, mas também não são tão liberais. Eles deixam sair, mas dão conselhos. Eles preocupam-se comigo. Eles gostam de mim por isso eles se preocupam tanto comigo. No geral eu espero ser aquilo que meus pais esperam de mim. Ser responsável e conseguir aproveitar a educação que eles estão se esforçando em me dar e conseguir encontrar uma carreira para o futuro pra que eu possa trilhar o meu caminho dentro dos parâmetros que deram para mim de responsabilidade e respeito ao próximo.

**Caracterização da Família 2:** Família nuclear, apartamento próprio (herança), o pai está aposentado e a mãe é do lar, ambos possuem o segundo grau completo, um filho (15 anos).

### **FAMÍLIA 3**

**Depoimento 6:** *Síntese Descritiva* - Mãe, 44 anos e secretária.

A separação trouxe-me de volta para casa de meus pais. Este retorno não foi tão simples porque voltei com duas crianças bem pequenas (1 e 2 anos). Voltei porque naquele momento o mais importante era manter as crianças num ambiente familiar, onde continuariam recebendo proteção, afeto e cuidados necessários ao equilíbrio emocional dos dois.

A separação sempre deixa algumas seqüelas e as crianças mais frágeis e sensíveis, são as que mais sofrem. Pensando nisso procurei amenizar suas dores através do amor e da atenção não esquecendo, porém, de ensinar os limites. A minha maior preocupação é vê-los crescer e transformarem-se em adultos emocionalmente equilibrados e produtivos.

Alguns valores transmitidos são aqueles que recebi de meus pais e que muito influenciaram na minha formação. Porém procuro dar aos meus filhos mais liberdade do que tive porque estão sendo criados em uma época diferente da minha e com valores também diferentes.

Existem momentos da nossa vida familiar que considero de extrema importância para a formação de meus filhos:

1 - A reunião de todos em torno da mesa para, pelo menos, uma refeição diária. Nesse momento, trocamos idéias ou, como acontece algumas vezes, chamo atenção para esta ou aquela atitude que não está de acordo com a educação exigida;

2 - Os diálogos são constantes porque acho necessário na formação moral de cada um. O fato de assistirmos filmes na TV juntos facilita a discussão dos mais variados assuntos; e

3 - os amigos são sempre bem recebidos. É uma forma de observar com quem eles estão se relacionando e para conquistar a confiança de todos procuro acompanhá-los de perto.

A forma que encontrei para manter a estrutura familiar é estar sempre presente em todos os passos dos meus filhos: na escola, nos divertimentos, ao lado dos amigos, enfim, mostrar que a nossa vida somos nós quem construímos e nossas atitudes vão determinar a felicidade ou a infelicidade. Não quero afirmar com isso que estou criando filhos perfeitos e que nunca irão caminhar através das drogas ou de outros caminhos semelhantes. Essa resposta só terei no futuro.

**Depoimento 7:** Filho, 13 anos e estudante da sexta série do primeiro grau (escola particular).

Minha mãe é legal. Sempre agitada e cuidadosa com os filhos.

Eu e ela somos bons amigos. Eu posso confiar na minha mãe. Ela tem sempre um diálogo legal comigo e com minha irmã. A vida com ela é sempre divertida: inventa passeios, incentiva a convivência com os amigos, mas só aquele que ela conhece bem. Ela faz a nossa vontade, mas também cobra. A maior exigência é com os horários. É horário para tudo: prá dormir, prá entrar em casa, prá estudar e etc. O pior é quando a gente não obedece. Se passar da hora de entrar em casa ela e minha tia saem atrás da gente e aí quando encontra vem a bronca e o castigo.

Outra exigência é com os estudos. Mesmo assim ela é o maior barato. Cuida de tudo: das roupas, do uniforme e do material escolar. Não falta as reuniões e nem as festas no colégio. Eu e minha irmã nos sentimos seguros com ela e sabemos que a maior preocupação dela é transformar em adultos corretos.

**Depoimento 8:** Filha, 11 anos e estudante da quinta série do primeiro grau (escola particular).

Minha mãe é baixinha, folgada e muito querida. Eu admiro minha mãe porque ela se esforça pra cuidar bem dos filhos. Quando a gente faz besteira ela é chata mas fora isso ela é muito carinhosa com os filhos. Ela exige muito que a gente estude e lamenta e obedeça os horários que ela marca. Minha mãe conversa muito com os filhos. Nunca me meti em bagunça e o que faz é sempre para o nosso bem. Além da minha mãe, do meu irmão e do meu cachorro, eu vivo também com minha tia e minha avó. Elas ajudam a cuidar da gente. A minha tia é professora por isso ajuda mais no estudo e a minha avó é que cuida da nossa alimentação. Eu gosto da minha família, porque é dela que recebemos carinho e educação.

**Depoimento 9:** *Síntese Descritiva* -Tia, 51 anos e professora aposentada.

A minha família é pequena. Eu, minha mãe e uma irmã com dois filhos. Uma família de classe média com a preocupação de educar e orientar bem estas duas crianças. Há cerca de dez anos a minha irmã separou-se do marido e veio morar na nossa casa trazendo consigo os dois filhos. No início foi tudo muito difícil, porque o meu pai estava em desavença com a minha irmã pois foi contra o seu casamento, por achar que esta união não daria certo e o motivo da sua separação é que o marido bebia bastante e ameaçava a segurança física das crianças. Já tínhamos nossa vida toda organizada e a presença das duas crianças provocou uma grande modificação em nossos hábitos. A separação era um fato consumado e deveríamos organizarmos e tocar a vida pra frente, mesmo porque minha irmã precisava trabalhar tranqüila, sabendo que os filhos estavam num lugar em um ambiente seguro. Então, desdobramos em tarefas e atenções para diminuir as tensões pelos as quais os três estavam passando. Neste ambiente as crianças foram crescendo, acompanhadas sempre de alguém da família. Nunca ficaram sozinhas em

casa. Quando minha irmã não pode estar presente, eu e minha mãe revezamos para atendê-los. Seja em casa, na rua e também, na escola. Procuramos não alimentar sentimentos como raiva, ódio, inveja para não prejudicar a educação destas crianças. Os valores que são transmitidos são os mesmos que recebemos dos nossos pais. São valores antigos mas que ainda valem desde que sejam adequados ao mundo atual. A educação é um pouco mais liberal que a nossa e procuramos dar mais liberdade mas sem que percebam e esta liberdade é muito vigiada. Estamos sempre por perto e muito atentas as modificações de comportamento. A maior preocupação, neste momento, é com a presença de drogas e os meus sobrinhos estão na fase pré-adolescente. Dentro da nossa casa, existe um acordo. A palavra mais importante é da minha irmã, a mãe das crianças. Suas ordens são dadas e nunca são contestadas mesmo quando estamos em desacordo. Se não gostamos, se acharmos que ela está errada, a conversa vem depois, nunca na frente das crianças, desta forma mantemos um certo equilíbrio. A maior preocupação é com as drogas, porque os meninos estão na idade pré-adolescência, sendo muito fácil de serem seduzidos por qualquer palavra. Dizer que viver em uma família sadia faz com que uma criança não se interessa por drogas isto é mentira. O adolescente inicia neste vício por qualquer motivo, um destes motivos é a curiosidade, de todas é a pior. O que o livra mesmo é uma família atenta. Tem que ter sempre uma pessoa com atenção voltada para isso e procure não deixar que haja uma aproximação muito grande. No ano passado, isto é, em 1997, nas férias de julho o garoto começou a desaparecer muito de casa, saía para brincar na praça ou jogar futebol, mas na realidade olhava para a praça e o garoto não estava. A mãe saía para trabalhar por volta de onze horas e ele acordava umas dez horas e trinta minutos. Mal a mãe saía de casa, o menino saía também e ia procurar uns amigos com quem jogaria futebol. Na realidade o futebol nem existia. Uns dias antes havia encontrado uma carteirinha de pichador, foi o faxineiro do prédio que me entregou, perguntou se não era de um dos meninos do prédio. Reconheci pela data de nascimento e o piche que estava na carteirinha, que era do meu sobrinho. Não falei nada, guardei e conversei com ele. Disse ele que não era, no fim, ele negou, como todos fazem. Mas abri a idéia, que a partir de uma carteirinha de pixador, vem o restante. Passei a procurar a saber por onde ele andava, com quem andava e comecei a apertar a minha irmã. Até que um dia, a mãe de uma amiguinha entrou em minha casa, conversando com ele, procurando saber quem era o rapaz que havia

arrumado a carteirinha, se ele sabia exatamente que rapaz era esse, porque não era um adolescente, era um homem feito e começamos a observar e a conversar com ele e aos pouquinhos foi dizendo que o camarada não era daqui, que só vinha trazer a carteirinha, que era de um clube dos pichadores e na nossa cabeça ficou bem claro que é assim, que se forma as quadrilhas dos pichadores e dessa pichação segue-se algo mais que não se sabe o que. Um dia, eu e minha irmã pegamos o menino e aqui em casa é um problema, porque eles só conversam particularmente com a mãe. Então, a minha irmã, teve uma conversa bem séria com ele. Ele explicou que saía de casa e ficava muitas horas fora porque ia brincar no computador. Ele citou o nome de um amigo, deixou um telefone, mas não confiamos, mesmo assim, porque eram muitas horas fora de casa e só aparecia à noite. Então, o que fizemos, providenciamos um computador para dentro de casa e voltou a ficar mais tempo dentro de casa. Se era ou não só um computador, isso não vamos saber. Também não sei se era uma forma de seduzir para levar o menino para algum canto. A sorte é que tivemos condições de atender o seu pedido e os amigos daqui do prédio que já haviam abandonado o menino retornaram a minha casa. O menino tem treze anos. Dos dois sempre o que nos deu um pouco mais de trabalho. Até mesmo com o colégio. Alguns anos atrás com a morte do meu pai tivemos um problema financeiro e a minha irmã não pode pagar o colégio para as duas crianças. Ele estava numa idade que podia ir para um colégio público e um colégio até conceituadíssimo, não é um colégio fraco, ela conseguiu uma vaga para ele. Ele foi sorteado para o CA, saindo de a escola particular e indo para uma escola pública e ele nunca aceitou. A menina foi para uma escola particular e ela nunca foi sorteada e também não passou na prova de admissão e continuando no colégio particular. Não sei se esta diferença fez com que criasse uma revolta muito grande e trazendo grandes problemas de disciplina dentro do colégio que ele estudava. No último ano, os problemas eram tão graves que a todo momento ele era chamado a ficar na coordenação, a minha irmã era chamada a comparecer, ou ele esquecia o material, ou criava um problema qualquer no refeitório ou respondia alguém e foi acumulando de tal forma que sentimos que ele precisava sair daquele colégio e estudar no mesmo colégio que a irmã, isto é, ir para um colégio particular, porque rejeitava colégios públicos. E assim, fizemos, se ele continuasse naquele colégio, certamente seria expulso ou então jubilado, porque chegou a repetir uma série, o que fizemos, trouxemos para uma escola particular. Muitas pessoas disseram que

ficamos malucas, tirando de um colégio conceituado, de um colégio federal que não se aproxima do outro. Não é bem assim, a criança deve estudar num ambiente saudável pra ela, que ele admire os professores, se já vai para um colégio pré-disposto, certamente, o estudo não vai para frente. O colégio por muito bom que seja, a criança não leva nada de positivo se está recusando até mesmo a aprender. Agora, no momento não temos nenhuma resposta porque as aulas iniciaram agora, e ele está indo normalmente, está acompanhando as aulas com mais interesse do que na anterior. Tudo é início. Vamos aguardar mais um tempo, para ver como vai ser a reação dele até o final do ano. É um garoto que aos cinco anos de idade foi convidado a brincar no grupo do prédio. Então, foi criado com uma turminha e está crescendo junto com esta turma, ele é o mais novo, sempre brincou com os meninos muito mais velhos. Ele tem uma atividade muito grande e só se entrosa com crianças bem mais velhas. Hoje ele está com treze anos e o mais velho já vai fazer dezoito e é a mesma amizade que existia enquanto era criança, que permanece até hoje. Temos a menina, ainda, com onze anos. É uma garota calma, tranqüila, está sempre grudada na família, principalmente com a mãe, mas ela não deu grandes problemas. Ela não saiu da barra da saia da mãe. Ela não teve ares de independência. Somente uma vez, que ela saiu de casa, sem avisar. Foi passear com duas amiguinhas na cidade, na época estava com oito anos de idade. Isso quase me enlouqueceu, porque, assim como eu saio à procura do garoto, também, fui à procura da menina. Quando chegou, neste dia, a minha irmã estava tão desnorteada, que a conversa não existiu. Existiu uma boa palmada, umas boas chineladas, até que a minha irmã se acalmou. Então, depois, foi conversar e mostrar o perigo que existe em uma menina sair sozinha, mesmo com amiguinhas para passear pela cidade, não sabe quem vai encontrar, até mesmo alguém que pode aproximar-se com algumas intenções ruins e uma garota de oito anos de idade teve que ouvir uma conversa mais séria sobre seqüestro, prostituição infantil. Uma criança de oito anos, dentro dos limites da idade dela, tomou conhecimento, assim, de assuntos adultos, porém adequados à sua mentalidade. O nosso grande problema, neste momento, é que as crianças tenham uma vida tranqüila para se transformarem em adultos tranqüilos.

**Caracterização da Família 3:** Família matriarcal extensa, apartamento próprio, a mãe é secretária com curso superior incompleto e possui dois

filhos ( o menino com 13 anos e a menina com 11 anos). A tia é professora com curso superior e a avó possui o curso primário incompleto.

**Comentários da entrevistadora:**

A mãe e o filho ficaram inibidos diante do gravador e colocaram por escrito os seus depoimentos. A avó manifestou o desejo de não participar.

**FAMÍLIA 4**

**Depoimento 10: Síntese Descritiva - Mãe, 47 anos e comerciária.**

Tenho dois filhos. Uma é deficiente mental, altista e cega, teve tumor maligno e o outro, é um adolescente, é como dizem, “aborrecente” e tem dezenove anos. Educar filhos sozinha é muito difícil, é uma tarefa muito árdua porque você tem que ser mãe, pedagoga, psicóloga, terapeuta, isto é, uma série de coisas para poder ajudar este adolescente a ser um cidadão consciente. A minha filha é muito limitada por ser tão doente mas acertei com ela porque os médicos diziam que ela não chegava aos seis e não ultrapassava aos oito, hoje a minha filha está com dezoito anos. Teve tumor maligno. Os médicos diziam para mim que toda criança que nasceu com a deficiência dela, anorexia, é propenso ao tumor maligno, de dez crianças que nascem como ela, oito tem tumor maligno e dois não tem, quer dizer, isto já é próprio da deficiência o tumor. Percorri muitos caminhos e foi muito difícil para mim, mas acho que com ela consegui alguma coisa. Mas com o meu filho “aborrecente” acho que não consegui muita coisa, porque ele está no segundo grau, mas “puxa!,” já vai para o terceiro ano fazendo o primeiro ano do segundo grau. Acho que prá ele está muito difícil a vida. Meu filho cansou de dizer prá mim quando era menorzinho: “Mãe me arruma outra irmãzinha que não seja igual a M.” Quer dizer, prá ele foi muito difícil, mas a gente tem muito diálogo e às vezes quando me deixa conversar com ele passo os meus valores, aquilo que acredito e quando não deixa fico na minha,

mas fico muito angustiada de ver um menino nas portas dos vinte anos e ainda não terminou o segundo grau. Acredito que ainda não terminou porque é filho de mãe solteira, posso ter tido uma relação com o pai dele mas não cheguei a casar, ele foi embora quando a minha filha doente nasceu e fiquei tomando conta dos meus filhos. Acredito que a maior dificuldade do meu filho foi ter tido essa irmã como M., eu acho. Tive que me dedicar muito a minha filha e acabei deixando-o de lado. O meu filho por ser muito egocêntrico exigia muito de mim e não deu a devida atenção. Esse não dar, deu revolta e uma porção de problemas existenciais. Pelo menos é muito responsável, começou a trabalhar com quatorze anos e já é o seu terceiro emprego. Na hora de trabalhar, levanta na hora e vai para o trabalho. O problema está nos estudos. Ele não consegue estudar e afirma que são os professores. Acho que a escola e os professores deveriam dar mais atenção porque o meu filho não anda bem nos estudos. Mas acredito que educar filho sozinho é uma tarefa muito árdua e difícil.

**Depoimento 11:** Filho, 19 anos, estudante do primeiro ano do segundo grau ( escola pública ) no horário noturno e trabalha no comércio.

A família é algo muito difícil de se descrever ou até mesmo de compreender porque cada família tem o seu relacionamento, não posso dizer que a minha família tem a mesma reação de todas se não convivo com elas. Mesmo tendo pais separados e uma irmã deficiente sempre tive um bom relacionamento, mesmo com todas as queixas e mesmo com todas as desavenças, mesmo com todas as brigas, sempre fomos todos unidos, de ajudar uns aos outros. Como queria que nessa participação o meu pai estivesse mais perto, mas infelizmente não está. Em vez em quando percebo que em algumas famílias, que filhos tem uma certa liberdade que eu não desfruto do tipo de conversar sobre assuntos que não converso naturalmente com meus pais, como assuntos particulares meus, isto é, uma coisa que minha mãe não se conforma. Ela fica chateada por ser fechado, não sei se isso foi pelas ocorrências quando era pequeno fiquei muito separado dela por causa da doença da minha irmã porque ela teve câncer, fiquei quase seis à sete meses longe de casa, sem contar todos os momentos hospitalares, as corridas à cada hospital sempre em busca de uma esperança, talvez, encontrando uma melhora para a minha irmã, nada conseguiu arranjar, então, ela buscou meios mais alternativos, como o Cardecismo, o espiritismo.

Graças a esta procura ela teve grandes melhoras e até hoje ela não tem o problema de câncer. Os médicos deram uma previsão prá ela que viveria até aos sete ou oito anos. Viver com isto no dia-a-dia e lembrar, é algo para mim extremamente difícil ( longo silêncio). Vejo que durante este tempo tive um comportamento muito rebelde, muito revoltado e hoje, posso dizer, já tenho uma personalidade melhor, não totalmente, mas antes era extremamente revoltado e não sabia como me aclamar, como me expressar e afirmava: Será que vou me acalmar? Tento compreender como tive este comportamento, acho que foi o convívio familiar que me fez pensar, refletir e até mesmo de me modificar aos poucos, mas ainda não estou completamente modificado, até que ainda discuto muito com a minha mãe, tento evitar o máximo, mas é algo inevitável. Para mim é muito difícil (silêncio). Tudo que acontece com o grupo familiar, não significa que toda a minha dificuldade, minha tristeza, o meu problema de ser, não tenha conseguido conviver melhor, não significa que o convívio de outras famílias e seus filhos não consigam conviver melhor ou pior porque cada família tem a sua personalidade, seu modo de ver, de ser. Algumas famílias dão educação e o filho é completamente um rebelde, revoltado e outras situações, uma família humilde, por exemplo, no nordeste, estão lá, aquelas famílias super-unidas. Um convívio na família é extremamente relativo. Sou fechado, não é pelo relacionamento da minha família em si mas por mim mesmo, por ser muito egoísta e pelo que aconteceu, tornou-me uma pessoa muito fechada. Pelo que acontece a minha irmã, as corridas aos hospitais, a separação dos pais. Hoje, compreendo melhor e a idade vai amadurecendo. Superar já superei, mas lembrar e falar abertamente é extremamente difícil (longo silêncio). Isto me faz lembrar uma vez, durante a minha estadia, no convívio com outra família, os pais estão juntos, o filho pimenta, assim analisando, convivendo com esta família e todos que viviam naquela casa enorme, sentia-me praticamente estranho naquele ninho porque isto não acontecia comigo, não acontecia em casa, pelo menos na minha, como eu gostaria que a minha família estivesse junta, que tivesse contato, a família é só minha mãe e minha irmã, o resto está tudo separado, com seu destino traçado, sem comunicação alguma. Tenho dois primos não sei como estão, perderam a mãe muito cedo, não sei como eles vivem. Meu outro tio é um revoltado, não sei o que ele fez, o ódio que ele tem contra a minha mãe é uma coisa absurda. A única pessoa que tenho mais contato é com meu pai, coitado está velho, não pode mais visitar-me, eu é que devo visitá-lo,

acompanhá-lo, mas infelizmente, o horário do meu trabalho não permite. Nessa família com quem morei durante seis meses é uma coisa que nunca podia imaginar que poderia existir, o pai, a mãe, o filho pimenta que aturavam, achava uma coisa incrível, nunca tinha visto em outra família e muito menos na minha família. Muito complicado de compreender. A família é uma incógnita. Você não sabe se a minha família será a mesma daqui cinco anos. É algo que está sempre mudando, como a natureza. Uns mudam para melhor outras para pior conforme as circunstâncias, tipo assim, os filhos tem a sua família e cada um vai para o seu canto não se preocupando com os pais. Como os filhos se dispersam ou pelo menos uma parte da família se dispersa, o que acontece com aqueles que a geraram? Quando vejo o estado do meu pai, quando vi o que ele era antes e o que ele é hoje. É uma coisa que traz até medo. Será que vai acontecer o mesmo comigo. Penso que vai depender conforme eu vou educar os meus filhos. Vai depender muito da educação que der para eles ou vai depender do convívio, não só da educação, do convívio, mas também, do amor do dia-dia. A aproximação é algo muito importante. Quando a família tem harmonia ela tende a durar e muito. Quando um fator está sem harmonia o grupo não funciona e acaba acontecendo o que aconteceu. Chega uma parte da vida que a família se dispersa e aqueles que a geraram acabam no esquecimento. Não adianta uma família ser uma maravilha, a benção divina, se a pessoa não estiver bem consigo mesmo. Acho que tudo vai depender muito como vou compreender, não posso sempre culpar os acontecimentos que me modificaram assim, tem gente com situações pior que a minha e são super-felizes e amigos, gostam da sua família e estão sempre próximos dela quando podem. Para mim é complicado. O que poderia fazer para melhorar. A família está aí. A harmonia dentro de casa pode ser feita. Vai depender do convívio em si. Tudo isso que falei não foi inventado, pelo que passei, sabendo que a minha irmã é o que é, é uma coisa que me entristece muito (longo silêncio). Eu me sinto fraco, de ver uma pessoa assim, e não poder fazer nada. Sabe qual é o pior de tudo, ela é mais feliz do que eu. É uma felicidade que não tem descrição. Ela não tem a compreensão do mundo. Eu acho que quando nós tentamos compreender e tentar seguir a realidade da sociedade, acho que nós nos tornamos muito cruéis com nós mesmos, a ponto de tratar aqueles que amamos mal, com crueldade. Aquela crueldade que aprendemos com a sociedade acabamos, isto é, passamos esta crueldade para a nossa própria família. Quer dizer, o modo como somos

tratados por pessoas de fora, acabamos de tratar aquelas que amamos. Posso dizer, que talvez seja esta a minha situação. Tenho sido muito cruel com aqueles a minha volta - a minha família. Porque a vida e as pessoas tem sido cruéis comigo. Não sei. O tratamento e o modo da sociedade de tratar, a pessoa em si, a pessoa humana é muito cruel, dizem que, o nosso maior laboratório é em nossa casa, muita coisa que nós fazemos nós espelhamos naquilo que aprendemos em casa, a crueldade que passamos para o outro, de se ver de outra maneira, é a crueldade que estas pessoas foram tratadas em casa. Estas pessoas acabam tratando dessa forma essa família. pode-se dizer que é um dos fatores que prejudica a família em si, o tratamento das pessoas. Cito o exemplo da minha irmã: Um grupo de moradores do meu prédio deu queixa na delegacia contra a minha irmã porque a minha irmã é excepcional e às vezes, ela grita à noite. Houve também uma circulação interna distribuída por alguns moradores, afirmando que moravam pessoas loucas na nossa casa, parecendo um Pinel o prédio (silêncio). Eu achava que os meus pais eram tudo, os superiores, digamos até mesmo, considerava como no meu pensar de hoje, como Deuses, como seres divinos, como seres de total sabedoria, que qualquer coisa que perguntasse, eles saberiam responder, com o convívio, com o tempo, com a maneira de ser, fui vendo de uma maneira diferente, eles não eram o que eu pensava, eram pessoas comuns como eu, aprendiam como eu. Meu pai é um grande professor de matemática, um gênio, mas ele não soube explorar a genialidade dele. Ele se deixou prender pelo egoísmo. O seu egoísmo é mais fixo, mais concreto. Minha mãe construiu o seu conhecimento, ela estudou para ter. Se eu perguntar, talvez ela saiba sobre determinado assunto. Hoje em dia, eu vejo eles como pessoas que devo respeitar acima de tudo, são pessoas que indicaram o meu caminho. Até hoje indicam. Graças a eles eu não tomei as minhas cabeçadas na vida. Como procurar emprego, como me organizar, mesmo indiretamente, sempre me ajudaram. Amigos deles sempre me indicaram o caminho. Nunca tive um certo sentido de dificuldade. A nossa sociedade é muito cruel. Dizem que a família é uma grande falha. Não considero uma falha. Falha é a nossa sociedade em que você não sabe conviver uns com os outros. É cada um por si e que se dane os outros. A crueldade das pessoas é algo que se você não se cuidar vai se danar. Onde a família é criada, os pais se eles não tiverem a cabeça no lugar e saberem organizar as suas vidas, montar a sua família e que a sociedade não a torne cruel e se não souber fazer isso, com certeza, será uma falha total. Se não

souber cuidar dos seus filhos de modo que não sejam cruéis com a sociedade, as crianças se tornarão cruéis no futuro. A sociedade em si é muito cruel uns com os outros, se a pessoa não souber como se cuidar para não ser influenciado, pode ter certeza, na sua família estará criando um ninho de cobras. Vejo o meu pai, com os seus oito filhos, de relações diferentes, sendo a maioria do seu primeiro casamento. Meu pai cuidou desses oito filhos, hoje, ele está sozinho e doente. Pergunto: Onde estão os filhos? Por que não estão podendo ajudar. O meu pai hoje, diante do que ele foi antes, ele está em estado de miséria e decadência. Foi a educação dele de formar os seus filhos assim? Não. O pai quando cria os seus filhos cria na melhor maneira possível. Se tem que educar para o bem, se tem que educar para o bom caminho, se tem que educar para uma personalidade de boa índole, o pai gosta disso. Se vai ser ou não vai depender da sociedade em geral. Por ela ser cruel, as pessoas tornam-se cruéis. Conheço meus outros irmãos de vista. A única convivência de irmãos que tive é somente com a minha irmã. Se a minha irmã fosse normal (não sei o que é normal), ela teria o mesmo amor com a família. Uma pessoa torna-se menos mercenária por duas coisas: ou a pessoa já guarda uma bondade muito grande ou ela foi educada desde o começo para não ser influenciada. A sociedade influencia muito. Se você não se cuidar, ela vai influenciar mesmo que você seja de boa índole, você vai acabar sendo influenciado. Se a minha irmã fosse normal, teria um convívio maior, mas não significa que seria uma pessoa mais aberta. A separação dos meus pais foi algo como um ódio encarnado na pele, só havia raiva. Hoje já aceito mais a separação. A religião, o Cardecismo, permitiu abrir o pensamento, a analisar e criticar. Antes de frequentar o Cardecismo, eu era revoltado, contra tudo. Não gostava das idéias da minha mãe, nem parava para ouvir, brigava muito com minha mãe, também, ela falava algumas coisas que não gostava. Minha mãe fez com que frequentasse o Cardecismo, hoje, ouço ela mais ou menos, ouço ela melhor do que antes, nem queria saber o que ela falava, nem queria saber, mesmo com essa raiva e ódio todo que eu tenho, sempre respeitei a minha mãe acima de tudo. É importante no convívio um saber respeitar o outro. O respeito permite com que a pessoa seja menos violenta. Posso ter ficado revoltado com a minha mãe, mas jamais bati. Sempre a respeitei. Quando comecei a participar das reuniões do Cardecismo, que ainda estou estudando e é muito complexo porque o meu pensamento é muito restrito a este tipo de conhecimento, mas através das reuniões do Cardecismo foi moldando o meu modo de pensar. O meu modo

crítico foi tornando mais analítico e neste ponto, fui tornando menos revoltado. Hoje, não sou de brigar, antes, discutia muito com minha mãe, bate-boca com ela. Muitos eram os motivos, os principais eram que os nossos pensamentos são diferentes. Ela tem um modo de pensar mais analítico agressivo. Ela quer explicar, levar a pensar como ela não sabe passar muito bem isso, ela passa de um modo explosivo. O modo de dizer dela me deixa irritado, ainda, acontece, mas muito raro. Hoje, conversamos legal, nos entendemos, mais ou menos, mesmo não sendo aquele filho que ela tão desejava. A minha mãe diz que o único filho que deu certo prá ela foi M., minha irmã, comigo diz ela, não conseguiu encontrar o caminho que desse certo. Minha mãe diz: “ Jamais faria o que você faz! ” Eu pergunto: “ Ela está no meu lugar prá falar isso! ” O meu modo de pensar é totalmente diferente da minha mãe. Se a minha mãe estivesse no meu lugar teria esse pensamento ou teria essa lógica. Minha mãe teve uma grande dificuldade na família, mesmo assim, ela conseguiu desenvolver o seu modo de pensar, não de modo apurado como é hoje, ela conseguiu apurar mesmo o que aconteceu com a minha irmã, ela praticamente ficou no fundo do poço. Ela ficou numa depressão incrível. Hoje em dia, ela é uma pessoa alegre, avançada, elevada. Ela conseguiu compreender, buscou um caminho, compreender e fez uma análise. E a partir desta análise ela não deixou-se cair e seguiu adiante. Ela é um tipo de exemplo de mulher que deve ser lembrado, mesmo que eu não seja aquele filho digno e esperado por ela, por não fazer as coisas que ela faz, eu a admiro muito, pelas dificuldades que ela passou, tudo que ela sentiu e pela mulher que ela é hoje. Hoje é uma pessoa fantástica e as pessoas que a conhecem hoje, gostam muito dela. Não conheço nenhuma pessoa que não goste dela, são pessoas que ajudam. Eu me orgulho da minha mãe e também tenho admiração. Se eu pudesse ter ao mesmo, a metade do seu modo de pensar, o seu pensamento é explosivo, mas o seu modo de pensar é aberto, não é fechado. Se nas famílias houvesse este tipo de pensamento, os pais e os filhos apresentariam uma convivência melhor entre si porque não seria crítico mas analítico. A pessoa ia saber analisar e evitar situações que normalmente nas famílias, hoje, acontece, as brigas que poderiam ser evitadas. Se as pessoas pudesse olhar e perguntasse: Por que estou brigando? Será que isso que estou fazendo é certo ou será que isso não vai me prejudicar? Se perguntasse desse jeito, pessoas com críticas a fazer. Não fazem de jeito nenhum. Minha mãe é uma pessoa admirável e por mais que eu tente, terei que evoluir muito prá chegar o

que ela é. Se tivesse a metade que ela é, acho que me sentiria feliz. Se eu for um dia, vai ser pelo amadurecimento, o tempo, tem coisas que não posso adiantar. Nem mesmo o ensino dos vivos e dos livros nos dá o amadurecimento. O nosso modo de pensar está sempre se modificando. Hoje nunca sabemos o que seremos amanhã. A pessoa sempre está evoluindo. O ser humano em si sempre evolui. Uma pessoa que não consegue controlar os seus temores, medos e demônios, ela não vai conseguir evoluir, se encontrar. Consegui controlar em certas situações, o medo, se não jamais estaria fazendo esta entrevista. Sempre quando fico numa determinada situação, que não costumo fazer, como esta, fico com um certo receio. Não é bem o medo do desconhecido. É o medo de errar. O que detesto é errar. Para mim provocar um erro ou outras coisas mais é deprimente para mim. Acho que se provocar um erro muito grave fico até em profunda depressão. Quando fiz uma prova para um colégio federal de química, tinha estudado para esta prova, mas não tinha conseguido fazer algumas questões. Isto me abalou muito, a tal ponto, que não queria saber de estudo, tanto é, por preguiça, por covardia, acabei repetindo dois anos o primeiro ano do segundo grau, porque, quando ia ao colégio não havia aulas e eu me perguntava: Prá que ir ao colégio se não havia aulas, professores, estarei procurando um ensinamento que não existe? Minha revolta por ter falhado prejudicou bastante. Hoje não quero provocar mais este erro. Não quero saber de mestres que não ensinam. Eu quero procurar os ensinamentos por mim. Por isso quero modificar o meu modo de pensamento através dos livros, da leitura através da filosofia, estou pensando de uma forma diferente, estou tirando o meu lado crítico e sendo mais analítico. Analisando propostas se devo ou não seguir adiante. O erro pode ser evitado. Se eu sei que pode ser evitado e eu erro, fico mal comigo mesmo. Estarei me prejudicando. Quando meu erro prejudica uma outra pessoa fico mais enfurecido comigo mesmo. Meu erro prejudicou alguém. Não considero só a minha família importante, considero as pessoas que conheço muito importantes. As lembranças mais significativas na família são os passeios no parque com a minha prima e meus tios. Quando me lembro desse passeio, lembro-me da tranqüilidade. Em vez em quando, passeio no parque à noite, quando possível, sinto-me mais à vontade, encontro uma paz, tranqüilidade. Uma paz que procuro há muito tempo. A sociedade é que ensinou-me o preconceito, raiva, egoísmo. Não foi a família que ensinou. Sofri o preconceito físico por ser obeso. Fui muito encarnado na escola. Este pode ter sido um dos motivos de ter ficado

fechado e este modo de ficar fechado passei também para a família. Não era assim. Amo a minha mãe acima de tudo, mesmo sabendo que não seja o seu filho tão querido. Às vezes, quando ela está com raiva, ela diz coisas que te magoa muito. Eu me julgo uma pessoa maniaco-depressivo. Meu humor está sempre oscilando. Não sei quando estarei alegre, com raiva ou depressivo. Este meu fechamento me fez ensinar uma verdade natural, que tenho a empatia. Eu sinto o que as pessoas sentem, se a pessoa estiver desesperada, vou sentir desespero, se a pessoa estiver alegre, vou sentir alegria, se a pessoa estiver com raiva, vou sentir raiva.

**Caracterização da família:** Família matriarcal, apartamento próprio, a mãe trabalha como caixa de um restaurante, curso de segundo grau completo e dois filhos.

**Comentários da entrevistadora:**

Durante a entrevista foi observado e confirmado, que a filha M. fica sem roupa dentro de casa e trancada no quarto de empregada durante o dia inteiro, enquanto que a mãe e o irmão trabalham, diante deste fato, ocasiona o mal cheiro no cômodo.

A entrevistadora ao chegar a residência, notou que o irmão de M. empurrou-a para outro cômodo e reclamou do mal cheiro que estava na cozinha e no quarto de empregada.

Durante o desenvolvimento da entrevista, o filho aplicou dois socos na parede, demonstrando insatisfação com as opiniões de sua mãe durante o depoimento.

Foi uma entrevista difícil, onde, para mim, enquanto entrevistadora não poderia interferir na família, portanto, imperou a necessidade de suspender a entrevista, por achar que estaria levantando, caso prosseguisse, aspectos angustiantes e pessoais. Assim, foi colocada uma questão de ética importante, em termos de pesquisa: como ser continente às angustias do entrevistado? Até onde ir? Como parar? São questões que merecem ser pensadas. Em seguida, deixei em aberto o critério da sua realização ou não para o filho da Família 4.

A entrevistadora não tinha esperanças de terminar a entrevista em questão quando o filho (19 anos) da Família 4 procurou a mesma após alguns dias, solicitando a sua realização.

## FAMÍLIA 5

**Depoimento 12:** *Síntese descritiva* - Pai, 46 anos e engenheiro.

Tenho dois filhos, uma adolescente de 16 anos e um garoto de 13 anos.

Tento educar os meus filhos dentro de uma vida de princípios morais. Hoje em dia, é muito difícil de educar até mesmo diante do tipo de lazer (festa, cinema, barzinho etc) existindo a preocupação de levar e buscar os filhos devido ao perigo das drogas, da violência da sociedade no seu cotidiano. Existe também, a preocupação de saber quais são os amigos dos filhos e com quem estão relacionando, a que horas saem e chegam em casa. Hoje a educação dos filhos é muito complexo do que foi na época dos meus pais. Hoje o adolescente tem muitas informações e acesso as mesmas, como as drogas. As drogas existem em qualquer lugar, na esquina, na escola. Hoje, o traficante vai buscar o futuro viciado dentro da escola. Há uma preocupação, portanto, de informar os filhos sobre estes perigos, manter um diálogo aberto, não omitir nada, mas mostrar o mais próximo possível a realidade, sem exageros. Mostrar aos filhos todas as informações e que tenham o discernimento de escolher o que é melhor para o seu futuro. Certa ocasião, a nossa filha contou para a mãe que um colega do colégio convidou-a a “ficar” sendo portanto, um namoro sem compromisso. Ela ficou sensibilizada e conversou com a mãe, que não proibiu de imediato, entretanto, procurou argumentar as possíveis conseqüências e mostrou principalmente, que certos rapazes costumam aproveitar-se de certas situações como o “ficar” para auto-afirmar-se junto ao seu grupo de amigos. Este alerta da mãe fez com que a minha filha não aceitasse este convite, mais tarde, ficamos sabendo que o tal rapaz tinha uma outra namorada e bastante firme. Uma das influências que temos sobre a formação dos nossos filhos é a religião católica. Normalmente, comparecemos a missa todos os domingos e os meus filhos estudam num colégio católico. Tentamos dar aos filhos, eu e minha

esposa, os valores de vida, de sentimento de família dentro dos princípios da religião católica.

**Depoimento 13:** Filha, 16 anos, estudante da segunda série do segundo grau ( escola particular).

Meus pais procuram orientar-me para um mercado competitivo prá isto, recebo uma boa formação e todo apoio dos meus pais. Eles falam aberto certas coisas, mas em outras coisas não, talvez, porque não chegou a época. Convivo com drogas no colégio, não entre os amigos mais próximos, mas, conheço casos dentro do meu colégio, mesmo sendo particular, estes colegas tem plena consciência do efeito das drogas. Estes colegas ainda não são viciados, por curiosidade, uma vez por semana possuem o contato com a droga dentro do colégio. A vida sexual hoje em dia, tem começado cedo. As minhas colegas da minha faixa etária mais próxima, a maioria, uns 70%, já começaram com a vida sexual. Encaro ainda, de forma tradicional, por causa da minha religião e também, por causa da educação que a minha mãe teve e passou prá mim sobre a virgindade que deve ser guardada prá aquele cara com quem você vai casar e espera passar o resto da sua vida, não necessariamente que você vai ficar o resto da sua vida com ele, mas você fica com este plano. Não tive nenhuma experiência sexual. A princípio, é o meu objetivo casar virgem mas até um casamento, muita coisa pode acontecer, com o tempo, então, você vai saber o que vai acontecer contigo. Como a vida sexual está começando cedo, tenho duas colegas de 14 anos e 16 anos que tiveram filhos. A gravidez na adolescência marca muito a pessoa. Se ficasse grávida, não ia abandonar os estudos, procuraria adaptar-me aquele problema, isto é, eu e o meu namorado devemos assumir. Não poderei jogar esta responsabilidade para os meus pais. De modo algum, quero passar por esta experiência. É mais seguro você começar a vida sexual depois do casamento. Durante o casamento, você já estabelecida economicamente e profissionalmente, você tem filhos. Como aconteceu com os meus pais. A gravidez na adolescência, prejudica tanto a vida do pai e da mãe e o início da infância desta criança pode ser muito pobre. Os meus pais procuram me orientar mas o que meus pais não conseguiram superar é a falta de liberdade. Acho que tenho pouca liberdade com os meus 16 anos de idade. Não porque outras pessoas fazem eu irei fazer, meus pais não compreendem. Acho que na minha idade se não fizer isso pode ter alguma consequência no

futuro, para este fato. Não vou ficar sempre ao lado dos meus pais, um dia, vou ter que aprender a me virar sozinha. Temos que aprender a lidar com a vida, com o apoio dos pais, fica mais fácil. Tenho um irmão mais novo e eu tenho que dividir o quarto com ele. Por termos personalidades diferentes e às vezes temos pequenos atritos, como também, às vezes surge uma relação de cumplicidade. Tenho uma relação aberta com meus pais, apesar de tudo, acho que são rígidos, talvez na época deles tinham mais facilidade de fazer as coisas. Talvez não posso fazer por causa da violência, como sair sozinha à noite. Certos lugares que meus pais freqüentaram quando mais jovens, agora eu não posso freqüentar.

**Caracterização da família:** Família nuclear, apartamento próprio, o pai é engenheiro, a mãe é arquiteta, ambos trabalham e possuem dois filhos ( um filho de 13 anos e uma filha de 16 anos).

### **Comentários da entrevistadora:**

A mãe não participou da entrevista por motivos de trabalho e em que a mesma possui dois empregos. O filho de 13 anos manifestou o desejo de não realizar a pesquisa.

## **FAMÍLIA 6**

**Depoimento 14:** *Síntese Descritiva* - Bisavó, 74 anos e do lar.

Moro sozinha com o meu bisneto de 10 anos e procuro passar prá ele o que eu sou. Passo prá ele o que é ser uma pessoa honesta, que tenha um bom comportamento, estude para alcançar o seu objetivo, seja um bom trabalhador e viver bem. Preparo o meu bisneto para o futuro. Agora está mais difícil de educar por causa da minha idade. Criei os meus filhos (2) e netos (2). A minha filha quando separou-se do marido e começou um novo relacionamento, deixou os seus dois filhos comigo para criar. Criei os netos (um menino e uma menina) e quando o meu neto também separou-se da esposa, ambos tiveram

a mesma atitude, diante do novo relacionamento, deixaram o seu filho de meses para criar, que é o meu bisneto. O meu neto fez a mesma coisa que a minha filha. Agora está mais difícil de criar o meu bisneto por causa da idade, tenho menos força e vitalidade. Tenho dificuldade de acompanhar seus estudos. Preocupo-me com o futuro do meu bisneto. O meu filho que mora no Mato Grosso e que não possui filhos, é o tio-avô e padrinho do meu bisneto, prometeu cuidar dele quando vier falecer. Este meu filho, telefone duas vezes por semana para saber como estamos e ajuda financeiramente. Cheguei a morar no Mato Grosso perto do meu filho por alguns meses, mas não deu certo, o clima abalou a minha saúde e voltei para o Rio de Janeiro com o meu bisneto. Moro num apartamento pequeno alugado. Procuo dar ao meu bisneto autonomia para o futuro até ensino a fazer coisas dentro de casa, por exemplo, como fazer um café, um bolo etc. Eu sou tudo para o meu bisneto. Se não existisse o meu bisneto não sei o que seria de mim. Não sei onde estaria hoje, se estaria sozinha, não sei. O meu bisneto é tudo para mim. Eu sou muito importante para o meu bisneto, apesar dele ter pai e mãe. Eu sou a pessoa em que ele se espelha e depende também de mim. O meu bisneto sempre diz que me ama muito. Sempre digo ao meu bisneto que a pessoa que mais ama ele sou eu. De todo mundo, mais que a mãe, o pai, o tio-avô etc.

**Depoimento 15:** Bisneto, 10 anos e estuda na quinta série do primeiro grau (escola particular).

O bisneto chama a bisavó de mamãe.

Se eu não tivesse a minha mãe a minha vida seria pior. A minha mãe educa bem. Ela me criou desde pequeno e tenho grande admiração por ela. Fiz um poema prá ela no dia das mães.

MAMÃE

Mamãe, eu ti amo,

Vi um pássaro cantando,

Mamãe você é minha vida,

Acordamos e damos uma corrida,

Mamãe você é minha flor,

E eu um pássaro cantor,

Mamãe você é minha terra,  
E não posso viver sem ela,  
Mamãe você é meu ar,  
E eu uma gaivota a voar,  
Mamãe você é meu mar,  
Se eu escorregar, não vai chorar,  
Venha me acalmar.

Alguns amigos da escola ou da praça onde brinco quando vêm a minha mãe perguntam se ela é realmente minha mãe porque ela é velha e as suas mães são mais novas, respondo que ela é minha mãe. Eu gosto muito da minha mãe e não posso viver sem ela, porque ela é meu ar, me dá segurança. Não vivo sem o ar e também não vivo sem a minha mãe, ela é o meu ar. Sou uma pessoa feliz.

**Caracterização da família:** Família matriarcal, apartamento alugado, a bisavó possui o segundo grau completo, é pensionista, possuindo dois filhos e dois netos, todos adultos, e um bisneto de 10 anos.

## FAMÍLIA 7

**Depoimento 16:** *Síntese Descritiva* - Mãe, 47 anos e comerciária.

Sou viúva e tive somente uma filha após dez anos de casada. Vim de uma família pobre e lutadora. Depois que o meu marido faleceu, a nossa vida mudou bastante, necessitando de trabalhar para sustentar e criar a minha filha. Trabalho para sustentar a casa, faço aquilo que posso e que não posso. Minha filha é tudo para mim, é muito boa e muito minha amiga.

**Depoimento 17:** filha, 16 anos e estuda no primeiro ano do segundo grau ( escola particular)

O meu relacionamento com a minha mãe é de muita amizade e respeito. Acho que a nossa amizade é de muito respeito e surgiu quando perdi meu pai. Sou filha única e tivemos que unirmos bastante, fazendo com que eu precisasse dela e ela precisasse de mim. A minha mãe influenciou na minha formação porque ela é muito trabalhadeira e sabe lutar pelo seu desejo. Através dela aprendi a lutar pelo que quero, dar valor as coisas que tenho e a respeitar à todos para ser respeitada. É uma mulher que espero ser também no futuro porque aprendo a cada dia com ela. Sempre convivi com adultos desde criança. Desde cedo aprendi que existe altos e baixos e que nem tudo na vida é fácil. Meu pai morreu muito cedo mas, deixou muitos valores. Tenho um irmão por parte de pai que não me aceita porque eu sou filha do segundo relacionamento do meu pai. A mãe do meu irmão acabou sendo a minha madrinha mas não temos contato, com ela aprendi como o mundo é cruel, como as pessoas podem fazer mal umas as outras, como as pessoas podem machucar, pisar, sem pensar nos sentimentos de outras pessoas. Com ela aprendi que nem tudo é perfeito. A minha mãe é a única pessoa que é realmente minha amiga, me dá valor. Ela é forte e me ensina como devo enfrentar a vida. A família do meu pai são pessoas que sempre deram valor ao dinheiro e vejo com os meus 16 anos, que trouxe muita briga, fofoca, intriga entre uma família e poderia ter sido uma família unida. Por causa do dinheiro, um quer ter mais que o outro, um querer ser mais que o outro, na minha família ocorre muitas brigas por causa do dinheiro. Se o meu pai não tivesse falecido, a minha vida seria completamente diferente. Com a sua morte, a família dele se afastou de mim e da minha mãe. O meu pai tinha idéias antigas, provavelmente, hoje, não estaria namorando. O meu relacionamento com a minha mãe não seria o mesmo se o meu pai estivesse vivo. Quando o meu pai faleceu, foi uma grande dor, a dor e o amor que sentia do meu pai nunca vou esquecer. Nos primeiros anos após a sua morte, brigava muito com a minha mãe, pois com 10 anos estava sofrendo, na minha cabeça não conseguia administrar a idéia da morte do meu pai. A minha mãe estava sofrendo e eu também. As pessoas diziam na época que a minha mãe não queria cuidar de mim e não queria me criar porque era uma menina. Graças à Deus, superamos todos os obstáculos. As pessoas que pensavam que não íamos superar os obstáculos, erraram. Mostramos à todo mundo que a minha mãe teve como me educar,

teve como me ensinar. Não sou nenhuma menina maluquinha, nenhuma irresponsável e dou alegrias prá minha mãe. Os valores que aprendi com a minha mãe nunca vou esquecer. A minha mãe é uma pessoa muito especial, é uma pessoa iluminada. É uma pessoa que vou admirar como mãe, como uma amiga, como um ser humano. É uma pessoa excelente.

**Caracterização da família:** Família matriarcal, apartamento alugado, a mãe possui o primeiro grau completo, é pensionista e possui uma filha de 16 anos.

## **FAMÍLIA 8**

**Depoimento 18:** *Síntese descritiva* - Pai, 51 anos e desempregado.

Casado há 22 anos e com 3 filhos. Tenho procurado dar um bom padrão de vida para a minha família dentro do possível, isto porque, trabalhei durante 20 anos como bancário e fui demitido junto com um grupo enorme de funcionários logo após o plano econômico do Sarney. Diante das circunstâncias do país perdi o emprego. Com muita dificuldade, arranjei outro, que não era do mesmo nível de qualidade que o anterior e fui demitido novamente após o plano econômico do Collor. Arranjei outros como bico e continuo na mesma situação, sendo que a idade tem sido um dos maiores obstáculos. Desempregado e vivendo de bicos. A minha vida e da minha família mudou muito. Houve uma série de conflitos familiares e os meus filhos ficaram uns 5 anos sem estudar, permanecendo em casa, isto é, estudavam sozinhos. Antes de perder o emprego, estudavam numa escola particular e saíram porque não tinha dinheiro para pagar e não consegui vaga numa escola pública. Mais tarde, os meus filhos fizeram um supletivo para recuperar o tempo perdido, agora, tenho os dois rapazes ( 19 e 20 anos) cursando a Faculdade de Engenharia da Universidade Federal Fluminense e a adolescente (16 anos) está com uma bolsa de estudos numa escola particular no primeiro ano do segundo grau. Procurei fazer o que todo pai e chefe de família deve fazer. Não foi o que queria, mas com muito esforço estou começando a atingir os meus objetivos. Mesmo com dificuldades diárias, envolvendo

sempre a falta de dinheiro que influencia muito na qualidade de vida, estou conseguindo encaminhar os meus filhos. Meus familiares ajudam o que podem, como não existe uma renda certa, falta muita coisa.

**Depoimento 19:** Filho, 20 anos estudante universitário ( faculdade federal)

Meus pais sempre estiveram comigo em todos os momentos, sempre apoiaram e prepararam para a vida. Os meus pais discutem entre si, mas são discussões normais. Passamos por muitas dificuldades econômicas e ainda passamos. Por causa destas dificuldades parei de estudar por 5 anos ou um pouco mais, mas voltei a estudar fazendo o supletivo e hoje estou na Faculdade de Engenharia da Universidade Federal Fluminense. Dou aulas particulares para ajudar os meus pais para pagar as contas. Meu pai é um modelo, não consigo encontrar ninguém parecido com ele. É um pai que faz tudo, sabe tudo, é um “paizão.” Quero agora, dar o melhor para eles, retribuir tudo que fizeram por mim. Quero fazer com que eles sintam orgulho do filho que criaram. Tenho dois irmãos. Tenho um irmão mais novo que também faz engenharia, gostaria que fosse mais meu amigo, fosse mais maduro, infelizmente há uma grande distancia entre nós, porque ele é bem diferente de mim, mas gosto muito dele. Minha irmã me ajuda muito e sempre esteve do meu lado, é uma amiga legal. Penso no futuro, na minha carreira. Tenho medo de não conseguir realizar os meus sonhos que desejo, vou lutar para conseguir os meus ideais. As únicas pessoas que você pode confiar é na família. A família é o único duelo forte, que está intacto ainda, por enquanto. Devemos valorizar a família. Com a Graça de Deus, devemos mante-la unida e forte. Tendo Deus no nosso meio, em nossas vidas, tudo dará certo. Hoje em dia o mundo está muito agressivo. Temos que nos proteger e a família unida pode proteger-se. Cresço baseado no modelo dos meus pais e que me amam muito.

**Depoimento 20:** Filha, 16 anos e estudante do primeiro ano do segundo grau ( bolsista de uma escola particular).

A minha relação com a minha família é boa mas tem algumas coisas que tem que melhorar muito. Meu pai, por exemplo, às vezes fica nervoso por qualquer coisa, queria que ele fosse menos coração duro, menos teimoso. Não gosto de algumas brincadeiras que os meus irmãos fazem comigo, ficam me chamando de alguns nomes que

não gosto e que gostaria que parassem com esta brincadeira. Tenho um pouco os dentes salientes e eles colocam apelido e não gosto. A relação entre meu pai e a minha mãe, Graças à Deus, tem melhorado muito. As pessoas tem que viver o amor de Deus, tendo este verdadeiro amor as pessoas vivem melhor e não tem briga.

**Caracterização da família:** Família nuclear, apartamento próprio, o pai está desempregado (ex-bancário) e possui o segundo grau completo. A mãe é muito religiosa (crente) e possui o primeiro grau incompleto. Filhos: dois rapazes (19 e 20 anos) ambos cursando a engenharia, e uma adolescente (16 anos) no primeiro segundo grau de escola particular (bolsista).

**Comentários da entrevistadora:** A mãe e o filho (19 anos) manifestaram o desejo de não participar da pesquisa.